

UFRRJ
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO AGRÍCOLA

DISSERTAÇÃO

**COMUNIDADE QUILOMBOLA E PRÁTICA EXTENSIONISTA: UMA
DISCUSSÃO A PARTIR DO PROJETO “FARINHANDO” DO IF
GOIANO NA COMUNIDADE BREJÃO (CAMPOS BELOS-GO)**

GLENO PEREIRA MARQUES

2024



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA**

**COMUNIDADE QUILOMBOLA E PRÁTICA EXTENSIONISTA: UMA
DISCUSSÃO A PARTIR DO PROJETO “FARINHANDO” DO IF
GOIANO NA COMUNIDADE BREJÃO (CAMPOS BELOS-GO)**

GLENO PEREIRA MARQUES

Sob a Orientação do Professor

Dr. Igor Simoni Homem de Carvalho

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação, no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, Área de Concentração em Educação Agrícola

**Seropédica – RJ
Julho de 2024**

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

M 357
c Marques, Gleno Pereira, 1990-
COMUNIDADE QUILOMBOLA E PRÁTICA EXTENSIONISTA: UMA
DISCUSSÃO A PARTIR DO PROJETO "FARINHANDO" DO IF GOIANO
NA COMUNIDADE BREJÃO (CAMPOS BELOS-GO) / Gleno
Pereira Marques. - Seropédica, 2024.
84 f.: il.

Orientador: Igor Simoni Homem de Carvalho.
Dissertação(Mestrado). -- Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Educação
Agrícola, 2024.

1. Comunidade Quilombola Brejão. 2. Prática
Extensionista. 3. Projeto Farinhando. 4. IF Goiano
Campus Campos Belos. I. Carvalho, Igor Simoni Homem
de , 1980-, orient. II Universidade Federal Rural do
Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Educação
Agrícola III. Título.

"O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001 "This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001"

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA**

Nome do discente: GLENO PEREIRA MARQUES

Título da dissertação: COMUNIDADE QUILOMBOLA E PRÁTICA EXTENSIONISTA:
UMA DISCUSSÃO A PARTIR DO PROJETO “FARINHANDO” DO IF GOIANO NA
COMUNIDADE BREJÃO (CAMPOS BELOS-GO)

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação,
no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, Área de Concentração
em Educação Agrícola.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM: 31/05/2024

Orientador: Igor Simoni Homem de Carvalho, Dr. UFRRJ

Liz Denize Carvalho Paiva, Dra. UFRRJ (PPGEA)

Wellington Machado Lucena, Dr. IF Goiano

Annelise Caetano Fraga Fernandez, Dra. UFRRJ

Lia Maria Teixeira de Oliveira, Dra. UFRRJ (aposentada)



DOCUMENTOS COMPROBATÓRIOS Nº 12092/2024 - DeptECMSD (12.28.01.00.00.00.22)

(Nº do Protocolo: NÃO PROTOCOLADO)

(Assinado digitalmente em 31/07/2024 10:27)
ANNELISE CAETANO FRAGA FERNANDEZ
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DeptCS (12.28.01.00.00.00.83)
Matrícula: ###677#9

(Assinado digitalmente em 29/07/2024 11:23)
IGOR SIMONI HOMEM DE CARVALHO
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DeptECMSD (12.28.01.00.00.00.22)
Matrícula: ###540#9

(Assinado digitalmente em 29/07/2024 18:07)
LIA MARIA TEIXEIRA DE OLIVEIRA
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
AETERRA (12.28.01.63)
Matrícula: ###69#9

(Assinado digitalmente em 29/07/2024 15:41)
LIZ DENIZE CARVALHO PAIVA
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DeptTPE (12.28.01.00.00.00.24)
Matrícula: ###329#4

(Assinado digitalmente em 07/08/2024 11:37)
WELLINGTON MACHADO LUCENA
ASSINANTE EXTERNO
CPF: ###.###.527-##

Visualize o documento original em <https://sipac.ufrrj.br/documentos/> informando seu número: **12092**, ano: **2024**, tipo: **DOCUMENTOS COMPROBATÓRIOS**, data de emissão: **29/07/2024** e o código de verificação: **98500f15ae**

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais Adoaldo e Ozanir e à tia Gercina que considero uma mãe, pelos exemplos de vida, compreensão, dedicação e apoio constante.

À minha companheira, Tainara, pelo incentivo e compreensão, ao meu filho Ravy, de 3 anos, por abrilhantar e preencher todos os espaços da minha vida e sempre me fazer querer ser melhor e ir mais longe.

Ao meu orientador Professor Dr. Igor Simoni Homem de Carvalho, por ter aceitado me orientar e por todos os ensinamentos transmitidos e sugestões de contribuições.

Ao Instituto Federal Goiano, pelo incentivo à qualificação educacional de seus Servidores, especialmente ao apoio do Campus Campos Belos, que contribuiu para a permanência e realização desta pesquisa.

As alunas bolsistas do projeto Farinhando que aceitaram voluntariamente participar como sujeitos desta pesquisa.

Agradecimentos especiais à presidente da Associação da Comunidade Quilombola Brejão Daiane Serafim, e à Professora do IF Goiano Francielle Rego, que ajudaram a organizar e mediar as rodas de conversa com a comunidade.

A Comunidade Quilombola Brejão, que compartilhou sua história e aceitou transmitir suas experiências e assim tornou este trabalho possível.

Aos professores do PPGEA, Bruno Bahia e Ramofly, por todos os ensinamentos e pela alegria contagiante.

Em especial aos meus colegas de mestrado de Campos Belos, Janete e Francisco, que sempre percorremos grandes distâncias juntos para termos aulas, obrigado por me ouvirem e trilharem juntos essa trajetória.

Aos demais professores e colegas de mestrado do PPGEA pela oportunidade de aprendizagem através de aulas e debates.

E a todos que direto ou indiretamente contribuíram na construção deste trabalho.

BIOGRAFIA

Eu, Gleno Pereira Marques, nascido em 1º de julho de 1990 no município de Tocantinópolis (TO), filho de uma família de agricultores, do interior do Tocantins que residem na cidade de Palmeiras do Tocantins. Concluí o ensino médio no Colégio Estadual Raimundo Neiva de Carvalho em 2007, mesmo ano em que prestei vestibular e fui aprovado no curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Federal do Tocantins – UFT no campus de Araguaína/TO, no período noturno. Escolhi esse curso porque gosta da área do conhecimento.

Durante a graduação fui bolsista por um ano na modalidade bolsa permanência institucional, na qual prestei 20 horas de serviços semanais na instituição auxiliando os setores de RH e Assistência Estudantil, posteriormente fui terceirizado por 2 anos na função de recepcionista atuando no Almoarifado da UFT, o que acabou despertando o desejo de me tornar técnico administrativo em educação. Concluí a graduação em 2012, mesmo ano em que fui aprovado no concurso do Quadro Geral do Tocantins para o cargo de Assistente em Administração função que ocupei de 2013 a setembro de 2015.

Ainda em 2015 fui aprovado em concurso no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano – IF Goiano no cargo de Técnico em Assuntos Educacionais no Campus Campos Belos, entrei em exercício em novembro do mesmo ano e me mudei para cidade de Campos Belos (GO), onde resido atualmente. Após o meu ingresso no serviço público na área de educação, houve uma necessidade ainda maior de me tornar um profissional mais qualificado, por isso optei pela por realizar a Especialização em Gestão Educacional no Centro Universitário da Grande Dourados – UNIGRAN, realizada de 2016 a 2017.

No IF Goiano atuei como Pesquisa Institucional de 2015 até meados de 2021, mesmo ano em que comecei a atuar como Chefe da Unidade de Registros Escolares do Campus. Ao mesmo tempo, sempre atuei em diversas comissões e atividades de apoio às áreas de Ensino, Pesquisa e Extensão. O ambiente educacional no qual estou inserido me despertaram para a necessidade de obter novos conhecimentos e me qualificar ainda mais, o que me levou a ingressar no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola (PPGEA) no qual o IF Goiano tem parceria.

Vale ressaltar também que o tema escolhido vai de encontro às minhas lembranças de infância de ajudar minha avó na produção da farinha, lembro bem de quando tinha 8 anos ajudando a descascar a mandioca e levando no carrinho de mão para a oficina de farinha e o que mais me lembro é do beiju feito de fécula de mandioca com coco ralado com aproximadamente 5 centímetros de altura e 50 cm de circunferência que passávamos 15 dias comendo, por isso o tema tem um gostinho especial.

RESUMO

MARQUES, Gleno Pereira. **Comunidade Quilombola e prática extensionista: uma discussão a partir do projeto “Farinhando” do IF Goiano na comunidade Brejão (Campos Belos-GO)**. 2024. p. 84. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola). Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2024.

As comunidades quilombolas são constituídas principalmente por descendentes de africanos escravizados que conseguiram escapar da escravidão no Brasil durante a era colonial. Esses grupos se estabeleceram em regiões isoladas e frequentemente de difícil acesso, buscando refúgio e autonomia. Dentre as atividades que se podem promover como elo entre a sociedade e a cultura quilombola, estão as práticas extensionistas. A extensão universitária é uma atividade acadêmica realizada por instituições de ensino superior para levar o conhecimento produzido na universidade para além dos seus muros, atingindo a comunidade externa. Dessa forma, esse estudo teve como objetivo discutir o projeto Farinhando enquanto prática extensionista e pedagógica do IF Goiano *Campus* Campos Belos. A pesquisa foi realizada por meio de um estudo de caso, com abordagem qualitativa, e fundamentado em base bibliográfica, com base nos estudos de Freire (1968); Souza (2015); Gadotti (2017); Silva (2018), Santos (2015); Oliveira e D’Abadia (2014), entre outros. Os dados foram coletados mediante a visita técnica e realização de rodas de conversa presencialmente na Comunidade Quilombola Brejão no final de 2023. Como resultados do estudo, os dados coletados sobre o projeto permitiram compreender que se trata de uma idealização do IF Goiano que visa realizar uma troca de saberes compartilhando o conhecimento técnico com a comunidade quilombola Brejão, visando melhorar a qualidade de vida dos mesmos com a possibilidade de geração de renda. As rodas de conversa produziram um rico material que expõe a percepção dos moradores da comunidade sobre sua característica cultural quilombola, a percepção dos participantes do projeto e de como o mesmo agregou conhecimento técnico em suas vidas e a percepção das estudantes bolsistas que demonstraram satisfeitas com a participação no projeto, afirmando que agregou muita experiência prática ao seu currículo profissional. Conclui-se que os cursos de extensão universitária em projetos de extensão, como o que foi realizado na comunidade quilombola Brejão, representam um caminho importante para a construção de relações mais justas, equitativas e solidárias entre a academia e a sociedade, contribuindo para uma educação mais relevante, engajada e transformadora.

Palavras-chave: Comunidades Quilombolas, Práticas extensionistas e Projeto Farinhando.

ABSTRACT

MARQUES, Gleno Pereira. **Quilombola community and extension practice: a discussion based on the “Farinhando” project of IF Goiano in the Brejão community (Campos Belos-GO)**. 2024. p. 84. Dissertation (Master Science in Agricultural Education). Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2024.

Quilombola communities are mainly made up of descendants of enslaved Africans who managed to escape slavery in Brazil during the colonial era. These groups settled in isolated regions that were often difficult to access, seeking refuge and autonomy. Among the activities that can be promoted as a link between quilombola society and culture are extension practices. University extension is an academic activity carried out by higher education institutions to take the knowledge produced at the university beyond its walls, reaching the external community. Therefore, this study aimed to discuss the Farinhando project as an extension and pedagogical practice at IF Goiano Campus Campos Belos. The research was carried out through a case study, with a qualitative approach, and based on a bibliographical base, based on studies by Freire (1968); Souza (2015); Gadotti (2017); Silva (2018), Santos (2015); Oliveira and D’Abadia (2014), among others. The data was collected through a technical visit and face-to-face conversation circles at the Quilombola Brejão Community at the end of 2023. As a result of the study, the data collected about the project allowed us to understand that it is an idealization of the IF Goiano that aims at an exchange of knowledge sharing technical knowledge with the Brejão quilombola community, aiming to improve their quality of life with the possibility of generating income. The conversation circles produced rich material that exposes the perception of the community's residents about their quilombola cultural characteristic, the perception of the project participants and how it added technical knowledge to their lives and the perception of the scholarship students who demonstrated satisfaction with the participation in the project, stating that it added a lot of practical experience to his professional CV. It is concluded that university extension courses in extension projects, such as the one carried out in the Brejão quilombola community, represent an important path towards building fairer, more equitable and supportive relationships between academia and society, contributing to an education more relevant, engaged and transformative.

Keywords: Quilombola Communities, Extension practices and Flouring Project.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIACOES

ACQB	Associação Comunidade Quilombola Brejão
CONAB	Companhia Nacional de Abastecimento
CONIF	Conselho Nacional das Instituições Federais de Educação Profissional e Tecnológica
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
FAO	Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura
FIC	Formação Inicial e Continuada
FORPROEX	Fórum de Pr-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IF	Instituto Federal
IPHAN	Instituto do Patrimnio Histórico e Artística Nacional
MMFDH	Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos
PPC	Projeto Pedagógico do Curso
SEAPA	Secretaria de Estado de Agricultura, Pecuária e Abastecimento
SENAR	Serviço Nacional de Aprendizagem Rural
SEPPIR	Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial
SUDECO	Superintendência de Desenvolvimento do Centro-Oeste
SNPIR	Secretaria Nacional de Promoção à Igualdade Racial
SNA/RJ	Sociedade Nacional de Agricultura do Rio de Janeiro

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Estilo das casas que compõem a comunidade Brejão.....	20
Figura 2 - Evento com lideranças da comunidade quilombola Brejão.....	20
Figura 3 - Safra de Mandioca em toneladas no Estado de Goiás em 2021, com o ranking de municípios produtores. Circulado em azul, o município de Campos Belos.....	23
Figura 4 - Pessoas da comunidade quilombola Brejão e servidores, que participam do Farinhando.....	23
Figura 5 - Seminário sobre cultura da mandioca em condições de cerrado.....	24
Figura 6 - Escolha das áreas a serem plantadas e análise de solos.....	34
Figura 7 - Aquisição de equipamentos e insumos.....	34
Figura 8 - Aulas do Curso FIC.....	35
Figura 9 - Acompanhamento pela equipe e alunos bolsistas.....	35

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Renda <i>per capita</i> dos participantes do projeto Farinhando, da Comunidade Quilombola Brejão.....	29
Gráfico 2 - Escolaridade dos participantes do projeto.....	30
Gráfico 3 - Motivos dos participantes do projeto não concluírem os estudos.....	31
Gráfico 4 - Motivos dos participantes do projeto procurarem o curso.....	38

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - 5 I's da Extensão Universitária.....	5
Quadro 2 - Utilização do recurso.....	32
Quadro 3 - Equipe responsável pela execução do projeto Farinhando.....	33
Quadro 4 - Matriz Curricular do curso FIC.....	36
Quadro 5 - Descrição das disciplinas da matriz curricular do curso FIC: “Produção, comercialização da mandioca e seus derivados e aproveitamento de seus subprodutos”.....	36

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	1
2 CURSOS DE EXTENSÃO E AS PRÁTICAS EXTENSIONISTAS.....	4
2.1 Caracterização da extensão universitária.....	4
2.2 Extensão segundo Paulo Freire.....	6
2.3 Práticas extensionistas dos cursos de extensão.....	8
3 COMUNIDADES QUILOMBOLA.....	12
3.1 Caracterização e representatividade social e cultural.....	12
3.2 A Comunidade Quilombola Brejão.....	18
4 O PROJETO FARINHANDO E O CURSO DE FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA.....	22
5 METODOLOGIA.....	26
6 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	29
6.1 Dados e discussões a respeito do projeto e do curso de formação inicial e continuada.....	29
6.2 Discussão a respeito da roda de conversa com a Comunidade Quilombola Brejão.....	39
6.3 Discussão a respeito da roda de conversa com os participantes do projeto Farinhando.....	42
6.4 Discussão a respeito da roda de conversa com as alunas bolsistas do projeto Farinhando.....	44
7 CONCLUSÃO.....	49
8 REFERÊNCIAS.....	51
9 APÊNDICES.....	59
Apêndice A - Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE)	60
Apêndice B - Roteiro Sobre a História da Comunidade Brejão.....	62
Apêndice C - Roteiro do Participante do Projeto da Comunidade Brejão.....	63
Apêndice D - Roteiro do Estudante do IF Goiano Participante do Projeto.....	64
10 ANEXOS.....	65
Anexo A - Aprovação no comitê de ética e pesquisa do IFG.....	66

Anexo B - Aprovação no comitê de ética e pesquisa do IF Goiano.....	80
--	-----------

1 INTRODUÇÃO

As comunidades quilombolas são formadas principalmente por descendentes de africanos escravizados. Estas comunidades instalaram-se em áreas remotas e muitas vezes de difícil acesso, onde procuraram refúgio e autonomia. Nesse caso, atualmente o termo “quilombola”¹ tem sentidos amplos, e o mais usado deles é para se referir às comunidades afrodescendentes que vivem em áreas historicamente habitadas por quilombos.

Estas comunidades têm uma ligação especial à sua história e cultura e muitas vezes lutam pelo reconhecimento dos seus direitos territoriais e culturais. No Brasil, a Constituição de 1988 reconhece os direitos das comunidades quilombolas e estabelece que o governo deve demarcar e titular as terras ocupadas por essas comunidades (Araújo *et al.*, 2019).

Contudo, o processo de reconhecimento e titulação de terras quilombolas tem enfrentado desafios e atrasos. Estas comunidades também desempenham um papel importante na preservação da cultura afro-brasileira, incluindo as suas tradições, música, dança e religião. Ao longo dos anos, surgiram organizações e movimentos que defendem os direitos das comunidades quilombolas e trabalham para preservar a sua identidade cultural (Paiva, 2021).

Dentre as atividades que se podem promover para o fortalecimento dos modos de vida quilombola, estão as práticas extensionistas. A extensão universitária é uma atividade acadêmica realizada por instituições de ensino superior voltada para a comunidade externa. Essa prática visa promover a troca de saberes entre a universidade e a sociedade, contribuindo para o desenvolvimento social, cultural, econômico e científico (Gadotti, 2017).

As atividades de extensão podem incluir cursos, palestras, workshops, projetos de pesquisa aplicada, serviços à comunidade, consultorias, entre outras ações que tenham como objetivo principal beneficiar a sociedade em geral. Nesse entendimento, considera-se que a extensão universitária também é uma forma de aproximar os estudantes da realidade social e profissional, possibilitando uma formação mais completa e engajada com as demandas da sociedade (Gadotti, 2017).

Ou seja, a extensão constitui um dos três pilares da educação e é através dela que os Institutos Federais de Educação promovem a difusão, a socialização e a democratização do conhecimento produzido, estabelecendo uma relação dialógica entre o conhecimento acadêmico e tecnológico e a comunidade, promovendo a troca de saberes, contribuindo com o desenvolvimento dos diferentes setores econômicos populares, sociais e culturais da sociedade, no âmbito local, regional e nacional (CONIF, 2013).

A extensão está presente no Art. 6 da Lei nº 11.892 de 29 de dezembro de 2008 de criação dos Institutos Federais como sendo uma das suas finalidades orientar sua oferta formativa em benefício da consolidação e fortalecimento dos arranjos produtivos, sociais e culturais locais, identificados com base no mapeamento das potencialidades de desenvolvimento socioeconômico e cultural no âmbito de atuação do Instituto Federal.

Partindo desse princípio, o projeto de extensão Farinhando do IF Goiano *campus* Campos Belos é realizado em parceria com a Secretaria Nacional de Promoção à Igualdade Racial (SNPIR), vinculada ao Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos (MMFDH), e tem como objetivo fortalecer os arranjos produtivos locais e promover o desenvolvimento econômico e social da região proporcionando o aumento da renda das famílias participantes. Além de valorizar a cultura e a existência e resistência da comunidade quilombola.

O projeto Farinhando é realizado na Comunidade Quilombola Brejão localizada no município de Campos Belos-GO. O projeto se concretizou a partir da oferta de um curso de

¹ O termo "quilombo" é derivado de lugares chamados "quilombos", que eram assentamentos clandestinos criados por escravos fugitivos (Silva, 2018).

Formação Inicial e Continuada (FIC)² na área do projeto denominado “Produção, comercialização da mandioca e seus derivados e aproveitamento de seus subprodutos”, ofertado para 30 membros da comunidade com duração de 1 ano que foi ofertado de fevereiro de 2022 a janeiro de 2023.

Este projeto foi desenvolvido em um contexto pós-pandemia de COVID-19, um vírus que assolou a população mundial, causando uma crise sanitária sem precedentes. A necessidade de adaptação a novas formas de interação social e de trabalho foi imperativa, o que se refletiu em todos os aspectos da vida cotidiana, incluindo a execução de projetos acadêmicos e de pesquisa. As fotos presentes neste trabalho, mostrando pessoas utilizando máscaras, são um testemunho dos cuidados necessários para prevenir a disseminação do vírus e proteger a saúde de todos os envolvidos.

Essa é a primeira ação desenvolvida pelo IF Goiano diretamente nesta comunidade. Outro projeto que envolve a Comunidade Brejão e o IF é a Feira Popular da Agricultura Familiar em parceria com a Superintendência de Desenvolvimento do Centro-Oeste (SUDECO), no qual a comunidade tem a oportunidade de vender suas produções, sendo uma forma de impactar financeiramente e socialmente essas comunidades, devido as práticas de geração de renda.

A ação também tem como objetivo propiciar o desenvolvimento de projetos de ensino e pesquisa para discentes do curso técnico em agropecuária, bacharelado em zootecnia e bacharelado em administração. Sendo que, do ponto de vista da instituição de ensino, a prática extensionista tem como resultado o engajamento do educando com a realidade da região em que vive, percebendo as dificuldades com que as famílias se deparam.

Além disso, a prática constitui em um lugar privilegiado para o desenvolvimento do conhecimento, o que somente as aulas teóricas não garantem. Procura-se então nessa pesquisa levantar informações que envolveram a prática extensionista do projeto, procurando expor todos os aspectos desde a criação do projeto, quais desafios encontrados, quais os conhecimentos e práticas transmitidas, o que mudou na vida dos participantes e familiares da Comunidade Quilombola Brejão com a participação no projeto, e o papel dos alunos envolvidos.

Nessa perspectiva, o objetivo geral desse estudo foi discutir o projeto Farinhando enquanto prática extensionista e pedagógica do IF Goiano *Campus* Campos Belos. Os objetivos específicos concentram-se em conhecer a comunidade Quilombola Brejão; compreender qual a contribuição do projeto Farinhando na vida da Comunidade Quilombola Brejão; e demonstrar a importância da participação de alunos no projeto para sua formação profissional.

A Comunidade Quilombola Brejão localizada no município de Campos Belos, Goiás, é uma comunidade centenária, mas muito pouco conhecida; dessa forma, procura-se levantar informações sobre a comunidade tendo em vista que praticamente não há trabalhos acadêmicos sobre ela, e muitas vezes nem mesmo os moradores da cidade sabem sobre sua localidade, características ou até mesmo existência. Sendo assim, essa pesquisa visa conhecer um pouco a história da comunidade e dar visibilidade a ela, o que pode contribuir para luta da comunidade na busca pela inserção nas pautas de ações dos governos e valorização da identidade cultural das famílias que ali residem.

² Os Cursos de formação inicial e continuada (FIC) ou qualificação profissional são organizados para preparar para a vida produtiva e social, promovendo a inserção e reinserção de jovens e trabalhadores no mundo do trabalho. Isso inclui cursos de capacitação profissional, aperfeiçoamento e atualização profissional de trabalhadores em todos os níveis de escolaridade. Abrange cursos especiais, de livre oferta, abertos à comunidade, além de cursos de qualificação profissional integrados aos itinerários formativos do sistema educacional (MEC).

A pesquisa também se justifica pela necessidade de verificar se o projeto de extensão Farinhando, do IF Goiano tem cumprido a sua função extensionista de socialização do conhecimento com a comunidade, a fim de promover o desenvolvimento socioeconômico local e regional. A pesquisa é motivada também pela vontade de contribuir para o êxito do Projeto Farinhando e outros projetos similares a serem desenvolvidos pelo IF Goiano e outras instituições, pois acredita-se que, ao divulgar essa pesquisa, ela possa incentivar que práticas extensionistas que promovam a difusão de conhecimento e a inclusão social se expandam, ultrapassando os muros das instituições.

2 CURSOS DE EXTENSÃO E AS PRÁTICAS EXTENSIONISTAS

2.1 Caracterização da extensão universitária

A Extensão Universitária é um dos pilares fundamentais que sustentam o conceito de uma instituição de ensino superior, juntamente com o Ensino e a Pesquisa. Seu propósito é oferecer aprendizado adicional e aprimoramento de habilidades em áreas específicas do conhecimento. Em comparação com os programas acadêmicos tradicionais, como graduação e pós-graduação, os cursos de extensão são geralmente mais curtos e focalizados (Cristofolletti; Serafim, 2020).

Conforme a Constituição Federal (1988), em seu Art. 207, afirma que “as universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, e obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão”. Em relação ao conceito de Universidade Federal e Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, considerando sua equiparação à mesma. A Lei n. 11.892/2008 argumenta em seu Art. 2º. § 1º que “para efeito da incidência das disposições que regem a regulação, avaliação e supervisão das instituições e dos cursos de educação superior, os Institutos Federais são equiparados às universidades federais”.

Dessa forma, a Extensão Universitária pressupõe uma inter-relação dialógica e transformadora com a sociedade, em constante articulação com o ensino e a pesquisa. Seu objetivo é contribuir para a formação educacional, promovendo a produção, desenvolvimento e disseminação de conhecimentos científicos e tecnológicos voltados para o desenvolvimento socioeconômico, ambiental e cultural. Além do papel formativo, a Extensão busca a transformação social, a superação das desigualdades e a promoção da responsabilidade socioambiental (Adorno *et al.*, 2023).

Nessa perspectiva segundo o Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (FORPROEX, 2007, p. 35-39), as ações de extensão são classificadas em programa, projeto, curso, evento e prestação de serviços, e obedecem às seguintes definições:

- Programa: conjunto articulado de projetos e outras ações de extensão (cursos, eventos, prestação de serviços), preferencialmente integrando as ações de extensão, pesquisa e ensino. Tem caráter orgânico-institucional, clareza de diretrizes e orientação para um objetivo comum, sendo executado a médio e longo prazo;
- Projeto: ação processual e contínua de caráter educativo, social, cultural, científico ou tecnológico, com objetivo específico e prazo determinado;
- Curso: ação pedagógica, de caráter teórico e/ou prático, presencial ou a distância, planejada e organizada de modo sistemático, com carga horária mínima de 8 horas e critérios de avaliação definidos;
- Evento: ação que implica na apresentação e/ou exibição pública, livre ou com clientela específica, do conhecimento ou produto cultural, artístico, esportivo, científico e tecnológico desenvolvido, conservado ou reconhecido pela Universidade;
- Prestação de serviços: realização de trabalho oferecido pela Instituição de Educação Superior ou contratado por terceiros (comunidade, empresa, órgão público, etc.); a prestação de serviços se caracteriza por intangibilidade, inseparabilidade processo/produto e não resulta na posse de um bem.

A prática de extensão no Brasil teve suas origens no final do século XIX, sendo influenciada por correntes norte-americanas e europeias, que tinham enfoques comerciais,

empresariais e assistencialistas. As primeiras regulamentações formais dessa prática foram estabelecidas em 1931 e 1961, focando predominantemente no assistencialismo e na transmissão unilateral de conhecimentos (Cristofolletti; Serafim, 2020).

Entretanto, somente em 1968, por meio da Reforma Universitária, a extensão assumiu caráter obrigatório nas instituições de ensino superior, sendo caracterizada por cursos e serviços especiais destinados à comunidade³. Sobre o início da prática de extensão universitária no Brasil, Pinotti (2020) comenta que:

No Brasil, foi na Universidade Livre de São Paulo que ocorreram os primeiros movimentos relacionados com a extensão, e por volta de 1911 até 1917, por ocasião de conferências abertas ao público. Porém, só na década de 30 a extensão universitária se tornou prevista em Lei, sendo prevista desde a legislação de 1931 que, mediante o Decreto nº 19.851, de 11/4/1931, estabelece uma das bases do sistema universitário brasileiro. Com isso, muitas instituições de ensino superior foram criadas, mas limitadas a divulgarem suas pesquisas para um público-alvo privilegiado da população. Esse cenário perdurou até a década 60, quando emergem ações voltadas para as classes menos favorecidas, visando a conscientização dessas camadas no que se refere aos seus direitos, e a relação com órgãos governamentais, no que se refere à necessidade da interdisciplinaridade e também às possibilidades de o trabalho de extensão ser considerado como estágio curricular, durante o período de férias (Pinotti, 2020, p. 4).

A década de 1970 marcou uma transição na abordagem extensionista, passando de uma perspectiva assistencialista para uma visão mais transformadora. O ano de 1987 foi crucial com a criação do Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (FORPROEX). Esse marco, aliado ao reconhecimento constitucional da extensão em 1988, resultou em uma valorização significativa do conhecimento popular e em uma integração mais profunda entre a universidade e a sociedade (Rios; Sousa; Caputo, 2019).

Após a institucionalização do FORPROEX e o reconhecimento constitucional da extensão, o Ministério da Educação implementou novas medidas. Isso incluiu a criação de programas específicos para incentivo, além da definição de diretrizes, objetivos e tipologia da extensão. A Política Nacional de Extensão Universitária foi estabelecida para orientar a formulação, implementação e avaliação das atividades extensionistas (Gadotti, 2017).

Essas diretrizes, conhecidas como os "cinco 'is' da extensão", e buscam dar uma ressignificação da prática dos cursos de extensão, agora sobre uma perspectiva cidadã, como mostra o Quadro 1 abaixo:

Quadro 1 – 5 I's da Extensão Universitária

Nº de I's	Significado
1º I	Interação dialógica
2º I	Interdisciplinaridade e interprofissionalidade
3º I	Indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão

³ A Reforma Universitária de 1968, ocorrida durante a Ditadura Militar no Brasil, foi um marco controverso na história do ensino superior do país. Embora apresentada como uma "emancipação" do sistema educacional, a reforma teve um caráter repressor, alinhado aos interesses autoritários do regime. As mudanças estruturais visavam controlar e restringir a autonomia universitária, impondo um modelo educacional tecnocrático e centralizador que buscava neutralizar a mobilização estudantil e intelectual contrária ao governo. As universidades foram reorganizadas sob um rígido controle estatal, limitando a liberdade acadêmica e reforçando a censura e a repressão política (Motta, 2014).

4º I	Impacto na formação do(a) estudante
5º I	Impacto e transformação pessoal

Fonte: Elaborado pelo autor (2024) com base em FORPROEX (2012).

A orientação para uma interação dialógica direciona-se a promover relações entre as instituições de ensino e a sociedade, fundamentadas no diálogo e na troca de conhecimentos. Nesse contexto, a extensão não se limita a repassar o conhecimento acumulado pela instituição à sociedade, mas busca, por meio da interação, a produção de um novo conhecimento que contribua para o impacto e transformação sociais (Cristodoletti; Serafim, 2020).

De acordo com FORPROEX (2012), as diretrizes de interdisciplinaridade e interprofissionalidade visam combinar especialização e interação de modelos, conceitos e metodologias provenientes de diversas áreas do conhecimento, bem como favorecer arranjos intersetoriais, interorganizacionais e interprofissionais. Isso fornece ao estudante de extensão universitária uma visão clara da sua atuação e dos possíveis desafios que poderá enfrentar no campo de trabalho.

Já a diretriz da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão reforça a extensão como um processo acadêmico, enfatizando que suas ações são mais efetivas quando conectadas ao processo de formação e geração de conhecimento. Sob essa orientação, surge um novo conceito de sala de aula, expandindo-se para além do espaço físico tradicional e do eixo pedagógico clássico, agora incluindo a comunidade como parte integrante. Isso enriquece a experiência acadêmica dos alunos, tanto teórica quanto metodologicamente (Canon; Pelegrinelli, 2019).

A atuação discente assume um papel central, desde o levantamento das demandas da comunidade até a proposição de soluções, execução das ações e atividades como a avaliação. A experiência extensionista oferece aos estudantes uma formação que os prepara para uma participação social ativa, buscando soluções para as necessidades da comunidade (Adorno *et al.*, 2023).

A diretriz do impacto e transformação social reafirma a extensão como um mecanismo para estabelecer a inter-relação entre as instituições de ensino e outros setores da sociedade, visando uma atuação transformadora alinhada aos interesses e necessidades da população, bem como ao desenvolvimento social e regional. Seguindo essas diretrizes, as ações extensionistas ampliam as oportunidades de aprendizagem para além das salas de aula convencionais, promovendo um aprendizado recíproco (FORPROEX, 2012).

A extensão, ao se tornar um instrumento de relação entre as instituições de ensino e a sociedade, contribui para democratizar o conhecimento acadêmico e conectar as demandas da comunidade ao conhecimento produzido por meio do diálogo, troca de saberes e transformação social. Essa abordagem, indissociável do ensino e da pesquisa, oferece uma formação integral aos discentes, apresentando a extensão como uma oportunidade de redefinir teorias e práticas acadêmicas, fundamentadas na construção do conhecimento (Garcia; Pesce; Munhoz, 2021).

2.2 Extensão segundo Paulo Freire

O conceito de extensão não é algo novo. Estudiosos da educação já elucidavam a perspectiva de extensão desde as discussões mais antigas sobre a formação técnica básica, e a formação prática, extensiva a formação básica de um profissional. Dessa forma, um dos principais teóricos da área educacional, Paulo Freire, que tanto discutiu em seus trabalhos vários aspectos pertinentes a evolução educacional, também pontuou sobre a extensão, deixando suas contribuições teóricas sobre o assunto (Freire, 1968).

Essa teoria sobre extensão começou a ser mais exposta no livro "Extensão ou Comunicação?" escrito por Paulo Freire e publicado em 1968. Ainda que sua obra seja mais voltada à prática da extensão rural, muito do debate realizado contribui para a reflexão sobre a extensão universitária. Nesta obra, Freire discute sobre a importância da comunicação na prática extensionista como ferramentas para promover a conscientização e a transformação social. Ou seja, o conceito extensionista já era apontado décadas atrás quando Paulo Freire disserta sobre o tema neste livro.

Nesta obra, Freire enfatiza a necessidade de uma abordagem educacional que seja participativa e dialógica, na qual tanto educadores quanto educandos estejam engajados em um processo de aprendizagem colaborativo e crítico. Ele argumenta que a educação não deve ser uma mera transmissão de conhecimento, mas sim um processo de descoberta e construção conjunta do conhecimento, no qual os indivíduos são encorajados a questionar, refletir e agir sobre a realidade em que vivem (Freire, 1983).

É possível observar esse conceito por todas as partes do livro, até mesmo no prefácio, quando Jacques Chonchol aponta que:

O conceito de 'extensão' engloba ações que transformam o camponês em 'coisa', objeto de planos de desenvolvimento que o negam como ser da transformação do mundo. O mesmo conceito substitui a educação pela propaganda que vem de um mundo cultural alheio, não lhe permitindo ser mais que isso e pretendendo fazer dele um depósito que receba mecanicamente aquilo que o homem 'superior' (o técnico) acha que o camponês deve aceitar para ser 'moderno' da mesma forma que o homem 'superior' é moderno (Chonchol, J. *in*: Freire, 1983, p. 7).

No primeiro capítulo do livro, Freire quis abordar uma reflexão de como o conhecimento técnico não pode desconsiderar a necessidade de o profissional procurar a desenvolver habilidades fora do seu âmbito "tecnicista"⁴. Nesse caso ele dá exemplo de como o engenheiro agrônomo possui conhecimento técnico para realizar seu trabalho, mas que o camponês, por exemplo, possui um conhecimento prático do campo que pode agregar ao agrônomo, fazendo com que isso seja uma extensão de sua formação.

Outro ponto abordado por Freire no livro em questão é a discussão sobre o que ele chama de "equivoco gnosiológico da extensão". Esse equivoco refere-se a uma abordagem na qual a extensão rural é vista apenas como uma transferência de conhecimento do especialista (universidade) para o leigo (comunidade). Freire argumenta que essa visão é redutora e inadequada, pois perpetua uma relação de poder e subordinação entre os que detêm o conhecimento e os que supostamente precisam recebê-lo (Freire, 1983).

Ou seja, é necessário pensar em extensão como uma continuidade de conhecimento, e não como uma coisa específica de poder, sobre quem tem mais conhecimento pode ser melhor do que outros, em uma exemplificação prática. Freire expõe, portanto, que seria um equivoco restringir a extensão a essa ideia, sendo que ela parte de um princípio de comunicação e diálogo e não de sobreposições de conhecimento técnico apenas.

Para Freire, a extensão universitária deve ser entendida como um processo dialógico e participativo, no qual tanto os acadêmicos quanto os membros da comunidade estão envolvidos em uma troca de conhecimentos e experiências. Ele propõe uma abordagem na

⁴ O conceito de "tecnicista" nas escolas, predominante em épocas passadas, refere-se a um modelo educacional que enfatiza a formação técnica e profissional em detrimento de uma educação crítica e humanística. Esse enfoque valoriza a eficiência, a padronização e a preparação dos estudantes para o mercado de trabalho, muitas vezes à custa da capacidade reflexiva e do desenvolvimento integral do aluno. A abordagem tecnicista foi especialmente incentivada durante períodos de regimes autoritários, onde o controle e a produtividade eram priorizados sobre a liberdade de pensamento e a criatividade (Gadotti, 2003).

qual os educadores e educandos, juntos, investigam e refletem sobre sua realidade social, identificam problemas e buscam soluções por meio do diálogo e da ação coletiva.

Assim, ao abordar o equívoco gnosiológico da extensão, Freire está criticando a visão tradicional e hierárquica da extensão universitária, e defendendo uma abordagem mais democrática e participativa, na qual o conhecimento é construído em conjunto e direcionado para a transformação social. Isso porque de certo modo, a extensão proporciona além do conhecimento, certificados que direta ou indiretamente qualificam os indivíduos, e por isso esse cuidado em estabelecer o conceito de extensão não pode se restringir a esse equívoco.

Em "Extensão ou Comunicação?", Paulo Freire aborda a noção de "extensão" como uma prática educativa que pode ser tanto emancipadora quanto opressora, dependendo de como é implementada. Ele discute a "invasão cultural" como um fenômeno que pode ocorrer quando a extensão é realizada de maneira impositiva e desrespeitosa em relação à cultura e à identidade das comunidades envolvidas. Sobre essa questão, Freire comenta que:

Para que a invasão cultural seja efetiva e o invasor cultural logre seus objetivos, faz-se necessário que esta ação seja auxiliada por outras que, servindo a ela, são distintas dimensões da teoria antidualógica. Assim é que toda invasão cultural pressupõe a conquista, a manipulação e o messianismo de quem invade. Sendo a invasão cultural um ato em si mesmo de conquista, necessita de mais conquista para manter-se (Freire, 1983, p. 27).

Isto é, a "invasão cultural" ocorre quando os agentes da extensão, geralmente representantes da academia ou de instituições mais privilegiadas, impõem suas próprias ideias, valores e formas de conhecimento sobre as comunidades às quais estão tentando "estender" seus serviços. Isso pode resultar em uma negação ou subestimação da cultura local e das experiências dos próprios membros da comunidade. Em vez de promover a conscientização e o empoderamento, essa abordagem pode reforçar relações de dominação e subordinação (Freire, 1983).

Freire argumenta que a verdadeira extensão deve ser baseada no diálogo e na colaboração entre os agentes da extensão e as comunidades, respeitando e valorizando a cultura local e as experiências dos participantes. Em vez de impor conhecimentos externos, a extensão deve buscar entender as necessidades, desafios e aspirações das comunidades, capacitando-as a se tornarem agentes de transformação em suas próprias realidades.

Portanto, ao abordar a "extensão e invasão cultural" em seu livro, Paulo Freire destaca a importância de uma prática educativa que respeite e valorize as identidades culturais das comunidades envolvidas, ao invés de impor formas de conhecimento externas. Ele defende uma abordagem participativa e dialógica que promova a autonomia e a emancipação das pessoas, ao invés de reforçar relações de dominação e opressão (Freire, 1983).

O diálogo central no caso é a principal concepção de extensão de Freire, mencionada nesse livro de 1968. Ele acredita que é por meio do diálogo que se constrói o conhecimento de maneira significativa e que se promove a conscientização sobre a realidade social. Portanto, a extensão não deve ser imposta de cima para baixo, mas deve surgir de um processo de escuta ativa, reflexão e colaboração entre os acadêmicos e a comunidade.

Além disso, Freire destaca a importância de uma educação que esteja enraizada na cultura e na experiência dos estudantes, e que os capacite a se tornarem agentes de mudança em suas comunidades. Em resumo, "Extensão ou Comunicação?" de Paulo Freire aborda questões relacionadas à educação, comunicação e extensão universitária, destacando a necessidade de uma abordagem educacional crítica, participativa e voltada para a transformação social.

2.3 Práticas extensionistas dos cursos de extensão

As práticas extensionistas dos cursos de extensão são atividades que visam promover a interação entre a universidade e a comunidade externa, aplicando os conhecimentos acadêmicos em prol do desenvolvimento social, cultural, econômico e ambiental. Essas práticas geralmente envolvem ações como cursos, oficinas, palestras, prestação de serviços, projetos de pesquisa aplicada, entre outras atividades (FORPROEX, 2007).

Além de proporcionar benefícios para a comunidade, as práticas extensionistas também são uma oportunidade para os estudantes aplicarem na prática os conhecimentos adquiridos em sala de aula, desenvolverem habilidades de liderança, trabalho em equipe e comunicação, além de promoverem a reflexão sobre questões sociais e a responsabilidade social do profissional. Os cursos de extensão podem abordar uma variedade de temas, desde capacitação profissional até educação ambiental, saúde, cultura, inclusão social etc. (De Sá; Monici; Conceição, 2022).

O importante é que estejam alinhados com as demandas e necessidades da comunidade atendida e que promovam um impacto positivo em sua realidade. Ou seja, as práticas extensionistas dos cursos de extensão são uma forma de promover a democratização do conhecimento, a inclusão social e o desenvolvimento sustentável, beneficiando tanto as instituições de ensino quanto a comunidade em que está inserida. Dentro dessa perspectiva, Padrón (2010, p. 348-349) considera que:

A universidade é uma instituição social na qual suas funções e atividades se cumprem por meio de três processos fundamentais: 1) o processo docente educativo que forma profissionais e contribui com a conservação da cultura; 2) o processo de investigação científica que gera novos conhecimentos e permite o desenvolvimento e; 3) o processo de extensão universitária, cujo objetivo é promover junto com a sociedade conhecimentos, habilidades profissionais e investigativa de interesse mútuo. O vínculo entre a universidade e a sociedade deve ser o resultado de uma relação bidirecional e dialética que integra esses três processos (*Apud*, Oliveira; Bretas; Rosa, 2017, p. 172).

Quando se pensa na função social de uma instituição de ensino superior, ainda mais quando se trata de um Instituto Federal e uma universidade, é algo além da formação profissional para o mercado de trabalho. Numa primeira instância, deve-se pensar na formação como cidadãos para o mundo do trabalho. Muito mais profundo, as instituições devem ir além: é responsável pela geração de novos conhecimentos, disseminação e aplicação destes para usufruto da sociedade (Canon; Pelegrinelli, 2019).

Dessa forma os cursos de extensão cumprem seu papel na sociedade através da oferta e do desenvolvimento de ações de ensino e pesquisa, envolvendo discentes, docentes, corpo técnico-administrativo e corpo diretivo da instituição. A extensão universitária envolve relações sociais e humanas constantes entre os professores, os estudantes e a comunidade, tornando-os mais experientes na área em que se propõem a aperfeiçoar e aprofundar o conhecimento (Pinotti, 2020).

Tais relações, contudo, não sendo neutras, têm um conteúdo e um método específicos aos processos de aprendizagem que são construídos, com sentido, e contribuem para as transformações necessárias. Dentre eles, destacamos o diálogo, a vivência de situações significativas, a troca de experiência ética e política, o compromisso social, a emancipação e a interdisciplinaridade. Os sujeitos atores de ações extensionistas precisam, em suas relações humanas, para a realização de seu trabalho conjunto, ter uma concepção e uma prática de diálogo permanente entre si (Cruz *et al.*, 2011).

Isso porque o conhecimento não é só histórico, não é só epistemológico, não é só lógico e racional: ele é também e, fundamentalmente, dialógico. É no diálogo que se constrói e se transforma o mundo da vida. Não se trata, obviamente, na linha em que estamos refletindo, de um diálogo sem conflitos. Pelo contrário, é uma relação dialógica dialética em que a contradição existente deve ser revelada, deve ser pronunciada para que haja possibilidade de síntese, mesmo que parcial. Só é possível uma relação dialógica quando se compartilha e confronta o conhecimento de todos os sujeitos envolvidos (De Sá; Monici; Conceição, 2022).

Não é o consenso, mas sim o diálogo entre os opostos, entre as diferenças, entre os diversos e diferentes saberes, que colabora com o desenvolvimento do conhecimento dos discentes. Assim, a implementação de práticas e projetos extensionistas, ao confrontar conhecimentos diversos – acadêmico e popular – desempenha um papel fundamental na formação dos profissionais da educação, proporcionando benefícios significativos que enriquecem suas trajetórias profissionais. Ao integrar a teoria com a prática, essas iniciativas oferecem oportunidades valiosas para os educadores aplicarem os conceitos aprendidos em sala de aula em contextos do cotidiano (Santos *et al.*, 2021).

Sobre as práticas extensionistas, Cruz *et al.* (2011) consideram que:

Pensar extensão universitária pressupõe também trabalhar o processo de formação universitária embasada em uma pedagogia crítica que facilite a construção de novos conhecimentos, percebendo o contexto social em que está inserido. Adotando essa posição, é possível fazer a interface entre o saber acadêmico e o popular, construindo assim uma relação de criticidade e de intercâmbio de experiências. A abordagem de uma pedagogia crítica fundamenta-se na liberdade entre educador e educandos, em que o aprendizado se constrói de maneira bilateral: educador ensina e aprende ao mesmo tempo. A extensão universitária está fortemente calcada no modelo conceitual da pedagogia crítica, que, por sua vez, está alicerçada no diálogo, que é uma relação horizontal, onde o professor e aluno são sujeitos que fazem e refazem a história. Ao se respeitar as experiências dos alunos por meio de um constante processo dialógico, as chances de um trabalho em contextos populares se tornam mais reais, já que a presente ação valoriza o contexto social na abordagem pedagógica realizada (Cruz *et al.*, 2011, p. 3).

Dessa forma, a compreensão teórica se aprimora e as habilidades práticas são consolidadas. Participar desses projetos também significa ampliar a experiência profissional. Os educadores têm a chance de interagir com uma variedade de contextos educacionais, públicos e desafios, contribuindo para uma compreensão mais abrangente das práticas pedagógicas e da complexidade do sistema educacional. Além disso, o envolvimento direto com a comunidade é uma característica marcante dessas práticas extensionistas (Campagnoli; Zanon, 2019).

Segundo Moura *et al.* (2012), essa interação proporciona uma compreensão mais profunda das necessidades e expectativas da sociedade em relação à educação, promovendo uma abordagem mais alinhada com as demandas reais. Essa experiência diversificada também contribui para o desenvolvimento de habilidades sociais e culturais. A interação com diferentes comunidades e grupos sociais enriquece as competências sociais e culturais dos profissionais da educação, favorecendo uma abordagem mais inclusiva e sensível às diversidades presentes no ambiente educacional.

A participação em projetos extensionistas desafia os profissionais da educação a pensar criticamente sobre questões educacionais e sociais. Enfrentar desafios práticos e buscar soluções ativamente desenvolve habilidades analíticas e promove uma mentalidade reflexiva.

Além disso, a contribuição para a transformação social é um aspecto significativo dessas práticas. Muitas vezes, os projetos extensionistas têm impactos positivos na comunidade, promovendo a equidade, o acesso à educação e a melhoria das condições educacionais (De Sá; Monici; Conceição, 2022).

Além disso, especialistas apontam que o engajamento em práticas e projetos extensionistas também fortalece a identidade profissional dos futuros educadores. Portanto, participar ativamente em projetos que contribuem para a sociedade ajuda os profissionais da educação a desenvolverem um senso de propósito e comprometimento, contribuindo para o desenvolvimento de uma comunidade acadêmica mais engajada e comprometida (Moura *et al.*, 2012).

Na interação entre pesquisa e extensão, destaca-se a produção de conhecimentos práticos e teóricos que têm o potencial de colaborar com o desenvolvimento acadêmico e gerar benefícios para a sociedade. Campagnoli e Zanon (2019), ressaltam a importância de que ambos os eixos universitários estejam ancorados na relevância de sua significação social, destacando que essa relevância pode ser ampliada por meio das articulações com a esfera da extensão.

Nesse processo integrativo entre universidade e comunidade, os estudantes envolvidos encontram-se diante de novas tarefas e situações, demandando condutas de responsabilidade e autonomia na sua formação profissional. Isto é, a extensão emerge como um mecanismo que incentiva os alunos a participarem ativamente, buscando ações e soluções para os desafios sociais. Nesse contexto, eles têm a oportunidade de atuar, experimentar, conhecer e conviver de maneira cívica e responsável (Cruz *et al.*, 2011).

A vivência prática torna-se essencial para os estudantes, pois é por meio dessas experiências que eles adquirem condições para refletir sobre as grandes questões contemporâneas. Com base nas experiências acumuladas, eles constroem uma formação comprometida com as necessidades sociais. Em síntese, as práticas e projetos extensionistas não apenas enriquecem a vida acadêmica dos profissionais da educação, mas também contribuem significativamente para o avanço da educação de qualidade e para a transformação social (Santos *et al.*, 2021).

No próximo capítulo será discutido sobre as comunidades Quilombola de forma mais aprofundada, trazendo elementos teóricos de caracterização e representatividade social e cultural, como forma de contextualizar o tema desta dissertação ao universo ao qual a pesquisa ocorre.

3 COMUNIDADES QUILOMBOLA

3.1 Caracterização e representatividade social e cultural

As comunidades quilombolas têm sua origem no contexto da escravidão no Brasil durante a época colonial. O termo "quilombo" deriva de "kilombo" em quimbundo, uma língua bantu falada em Angola. Inicialmente, "quilombo" referia-se a assentamentos ou refúgios criados por africanos escravizados que fugiam do trabalho forçado e buscavam liberdade. Liberdade essa que, além da questão geográfica, também buscavam uma liberdade de identidade (Araújo *et al.*, 2019).

Durante o período colonial brasileiro, que durou de 1500 a 1822, muitos africanos foram trazidos como escravizados para trabalhar nas plantações de cana-de-açúcar, nas minas e em outras atividades econômicas. Diante das condições extremamente difíceis da escravidão, alguns escravizados fugiam das fazendas e estabeleciam essas comunidades autônomas conhecidas como quilombos. Os quilombos eram, portanto, uma forma de resistência e uma resposta à opressão (Souza, 2015).

De acordo com Silva (2018), sobre as comunidades quilombola o autor considera que

Assim, os quilombos, além de serem locais de refúgio na época da escravidão, também se tornaram a única forma de resistência dos ex-escravos após a Lei Áurea, pois não foi elaborada uma política pública pós-abolicionista, que concedesse um apoio socioeconômico aos negros. O estilo de vida quilombola, não focado na produção excedentário-econômica, mas sim num estilo de vida mais comunitário (herança dos princípios usados na África e que fora reproduzido nas diásporas forçadas dos negros para o Brasil), vai de encontro à sociedade individualista brasileira inserida no modo de produção capitalista. Entretanto, mesmo no contexto desta sociedade capitalista brasileira, algumas políticas públicas focadas para os quilombolas têm sido construídas (Silva, 2018, p. 166).

No contexto da sociedade capitalista brasileira, diversas políticas públicas têm sido implementadas para promover a inclusão e o desenvolvimento das comunidades quilombolas. Entre essas políticas, destacam-se a titulação de terras, programas de habitação, saúde e educação específicos, como o Programa Brasil Quilombola (PBQ), que visa assegurar direitos territoriais, promover a infraestrutura e apoiar a produção agrícola. Essas iniciativas buscam corrigir desigualdades históricas e proporcionar autonomia e melhoria na qualidade de vida das populações quilombolas, integrando-as de forma justa e digna ao desenvolvimento socioeconômico do país (SEPPPIR, 2004).

Essas comunidades eram geralmente estabelecidas em áreas remotas e de difícil acesso, como florestas densas, montanhas ou áreas isoladas. Essa escolha estratégica de localização tinha como objetivo dificultar a captura pelos senhores de escravos e pelas autoridades coloniais. Os quilombos eram, por natureza, sociedades autônomas, muitas vezes lideradas por chefes carismáticos ou líderes militares (Gomes, 2015).

Em um aprofundamento sobre a questão quilombola, o livro "Colonização, quilombos" de Antônio Bispo dos Santos (2015), aborda questões relacionadas à história da colonização brasileira, com foco especial nos quilombos. O livro também ajuda na compreensão da definição do termo, por trazer suas origens. Ou seja, a questão quilombola vai além da definição de um termo que define um grupo, mas traz consigo uma história pertinente que o caracteriza.

Antônio Bispo dos Santos foi um importante pensador quilombola brasileiro, conhecido por seu trabalho no estudo das populações afrodescendentes e da resistência negra

durante o período colonial. No livro "Colonização, quilombos", ele examina as formas de organização social e econômica dos quilombos, que eram comunidades formadas por negros escravizados fugidos e seus descendentes, que se estabeleciam em áreas remotas e de difícil acesso para escapar da opressão e da exploração dos senhores de escravos.

O autor discute como essas comunidades quilombolas representavam formas de resistência e autonomia dos africanos e afrodescendentes frente ao sistema escravocrata. Ele também examina as estratégias de sobrevivência, as práticas culturais e as formas de organização política e social dos quilombos, mostrando como essas comunidades desenvolveram sistemas próprios de governança e solidariedade.

Além disso, o livro de Antônio Bispo dos Santos também analisa o papel dos quilombos na história da colonização brasileira, destacando sua importância como espaços de resistência e luta contra a opressão racial e social. Ele ressalta a relevância de se compreender a história dos quilombos para uma compreensão mais completa do processo de formação da sociedade brasileira e das lutas por justiça e igualdade racial. Para ele, os quilombos são espaços fundamentais de resistência e autonomia dos africanos e afrodescendentes durante o período colonial brasileiro. Ele argumenta que os quilombos representavam não apenas locais de refúgio para os escravizados fugidos, mas também formas de organização social e política que desafiavam o sistema escravocrata e as estruturas de poder estabelecidas.

Santos (2015) ressalta que os quilombos eram comunidades autossustentáveis, nas quais os africanos e seus descendentes podiam viver livres da opressão dos senhores de escravos. Nessas comunidades, desenvolviam-se práticas de solidariedade, cooperação e governança próprias, que permitiam aos quilombolas resistir à exploração e construir uma vida digna.

Além disso, o autor destaca a importância dos quilombos como espaços de preservação da cultura africana e da identidade negra. Nas comunidades quilombolas, eram mantidas vivas as tradições, línguas, religiões e práticas culturais trazidas da África, contribuindo para a preservação da herança africana no Brasil. Herança essa que necessita ser constantemente afirmada no campo da história nacional do país, visto que em muitos casos, como nas escolas, por exemplo, não é oferecida uma explicação aprofundada dos quilombos (Santos, 2015), apesar da Lei 10.639/2003 determinar como obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira aos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares. Devendo o conteúdo programático incluir o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o povo negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política relevantes para a História do Brasil.

Porém, a realidade ainda se mostra um pouco diferente, um exemplo é quando o autor enfatiza no livro que a própria história de colonização, de certa forma “negligencia” a existência dos povos quilombolas em terras brasileiras durante o período colonial, mencionando apenas os índios. O autor comenta ainda que:

O estranho é que mesmo pensando ter chegado às Índias, logo denominaram essa terra de Monte Pascoal. Ao perceber que não era um monte, chamaram-na Terra de Vera Cruz, Terra de Santa Cruz e, por último, Brasil. Mais estranho ainda é que os povos aqui encontrados como, por exemplo, os povos de língua tupi que chamavam essa terra de Pindorama (Terra das Palmeiras), continuam sendo chamados de índios (Santos, 2015, p. 27).

Santos também enfatiza o papel dos quilombos como focos de resistência armada contra as investidas das autoridades coloniais e dos proprietários de escravos. Por meio de estratégias militares e táticas de guerrilha, os quilombolas enfrentavam as forças que buscavam capturá-los e subjugar-los, demonstrando sua determinação em conquistar a

liberdade e a dignidade. É importante que isso tudo seja lembrado para se contrapor à tentativa de “apagar” os quilombolas da história.

Outra questão importante abordada no livro "Colonização, quilombos" de Santos (2015), o autor discute a relação entre as guerras na colonização brasileira e a presença dos quilombos. Ele aborda como os quilombos, enquanto comunidades formadas por escravos fugidos e seus descendentes, frequentemente entravam em conflito armado com as autoridades coloniais e os proprietários de escravos.

Santos destaca que os quilombos eram vistos como uma ameaça ao sistema escravocrata estabelecido, representando uma forma de resistência e rebelião por parte dos africanos e afrodescendentes que buscavam a liberdade. As autoridades coloniais viam os quilombos como uma violação da ordem social e econômica estabelecida, e frequentemente lançavam expedições militares para capturar e destruir essas comunidades. Sobre essa questão, o autor comenta que:

Um exemplo bastante ilustrativo da continuidade da perseguição aos Quilombos é o Capítulo XIII – Dos Vadios e Capoeiras do Código Penal da República, instituído pelo Decreto de Nº 847 de 11 de outubro de 1890, que proibiu e criminalizou a prática da capoeira, ainda na fase de implantação da República, durante o governo provisório, antes mesmo da promulgação da primeira constituição republicana e apenas dois anos após a abolição da escravatura. Destaca-se que era considerada circunstância agravante pertencer a capoeira a alguma banda ou malta, prevendo pena em dobro caso fosse chefe ou cabeça do grupo, além de deportação após cumprimento da pena, caso fosse estrangeiro (leia-se africano) (Santos, 2015, p. 49).

Ao discutir as guerras na colonização, o autor analisa os conflitos armados entre as forças coloniais e os quilombolas, destacando as estratégias de resistência adotadas pelos quilombos, bem como as táticas de combate e defesa utilizadas. Ele também examina o impacto dessas guerras na dinâmica social, política e econômica da época, evidenciando a importância dos quilombos como focos de resistência e luta pela liberdade.

Outro ponto bem marcante nas concepções de Santos (2015) no livro "Colonização, quilombos" são as discussões sobre as manifestações culturais presentes nos quilombos. Essas manifestações culturais são fundamentais para entender a resistência e a identidade das comunidades quilombolas. A abordagem e discussão dessas manifestações fazem parte da compreensão da origem e caracterização dos povos quilombolas.

As manifestações culturais dos povos afro-pindorâmicos pagãos politeístas são organizadas geralmente em estruturas circulares com participantes de ambos os sexos, de diversas faixas etárias e número ilimitado de participantes. As atividades são organizadas por fundamentos e princípios filosóficos comunitários que são verdadeiros ensinamentos de vida. É por isso que no lugar dos juizes, temos as mestras e os mestres na condução dessas atividades (Santos, 2015, p. 41).

Dentro dos quilombos, as práticas culturais africanas muitas vezes persistiam e se mesclavam com influências locais, resultando em uma rica diversidade cultural. Isso inclui aspectos como língua, música, dança, religião, culinária, artesanato, entre outros elementos que contribuía para a identidade única de cada comunidade quilombola. As manifestações culturais nos quilombos não só serviam como formas de expressão e celebração, mas também como meios de preservar a herança cultural africana e resistir à opressão colonial. No caso dos povos afro-pindorâmicos pagãos politeístas, mencionados na citação acima, são

caracterizados por uma rica diversidade cultural e religiosa, centrada na adoração de múltiplas divindades e espíritos ancestrais (Silva, 2019).

Suas crenças incluem um panteão variado, onde cada deidade representa diferentes aspectos da natureza, da vida e do cosmos. A religiosidade desses povos está profundamente enraizada em rituais comunitários, cerimônias e festividades que celebram a fertilidade, as colheitas, a saúde e a proteção contra forças negativas. Os elementos naturais, como rios, montanhas e árvores, são considerados sagrados e frequentemente associados a espíritos protetores. A oralidade desempenha um papel crucial na transmissão de mitos, histórias e conhecimentos, preservando a tradição e identidade cultural das gerações (Silva, 2019).

Por meio da música, dança e outras expressões artísticas, os quilombolas reafirmavam sua identidade e resistência cultural, transmitindo tradições de geração em geração. Santos (2015) explora essas manifestações culturais nos quilombos em seu livro, destacando sua importância na preservação da identidade negra e na resistência à dominação colonial.

Em suma, os quilombos são espaços de resistência, autonomia e preservação da cultura africana, que desafiavam o sistema escravocrata e lutavam por justiça e igualdade racial. Essas comunidades representaram uma importante forma de resistência e de afirmação da identidade negra no contexto colonial brasileiro, e ainda hoje representam essa resistência e afirmação.

Nessa perspectiva, o quilombo mais famoso e emblemático do Brasil foi o Quilombo dos Palmares, localizado na região da Serra da Barriga, em Alagoas. Palmares foi fundado no início do século XVII e cresceu ao longo dos anos, tornando-se um refúgio para milhares de africanos escravizados que buscavam liberdade. Liderado por figuras notáveis como Zumbi dos Palmares, o quilombo resistiu por décadas até ser destruído pelas forças coloniais portuguesas em 1694 (Silva, 2022).

A liderança deste quilombo, Zumbi dos Palmares, foi um líder carismático e símbolo da resistência, tornando-se uma figura central em Palmares. Ele liderou a comunidade após a morte de seu tio, Ganga Zumba, que foi o líder anterior. Zumbi desempenhou um papel crucial na resistência contra as tentativas das forças coloniais de subjugar Palmares, estabelecendo uma comunidade forte em sua própria identidade (Souza, 2015).

Assim como toda comunidade afro brasileira, o quilombo dos Palmares também representa na história um símbolo de resistência contra as forças coloniais, que durante seu auge, resistiu a diversas investidas militares das autoridades coloniais portuguesas. A comunidade resistiu por décadas, desafiando as tentativas de escravização, e se estabelecendo cada vez mais como um grupo forte, frente as opressões sociais que passavam nesse período (Jacinto, 2019).

Segundo Gomes (2015), o Quilombo dos Palmares foi muito perseguido, e pelas investidas militares foi destruído em 1694 por uma expedição militar liderada pelo bandeirante Domingos Jorge Velho. Sua liderança Zumbi, foi morto em combate, marcando o fim de Palmares, e levando a destruição do quilombo, que simbolizou o colapso de uma das maiores resistências de escravizados na história do Brasil colonial. Mas por outro lado, serviu para marcar a história com a força da representatividade africana no Brasil.

Sobre a quantidade de comunidades quilombola no Brasil Araújo *et al.* (2019) comenta em sua pesquisa que:

No Brasil, estima-se que existam atualmente 1,7 milhão de quilombolas, 63% deles localizados no Nordeste brasileiro. Em relação ao estado da Bahia, destaca-se a existência de 612 comunidades, caracterizando-o como o estado com o maior número de quilombolas no país. Diversos estudiosos demonstram a relevância do recorte étnico-racial nas pesquisas, uma vez que se torna possível discutir questões relacionadas às desigualdades sociais e de saúde entre as populações. São diversos os resultados dessa

discussão, particularmente quando se verifica o tratamento diferenciado atribuído aos segmentos por raça/cor da pele no Brasil, no qual é possível observar um alto nível de desenvolvimento do país, quando considerados os indicadores sociais da população branca e, de muito baixo desenvolvimento, quando se observam os indicadores sociais da população negra (Araújo *et al.*, 2019, p. 229).

Os quilombos não eram apenas locais específicos que eles tinham como refúgio, mas também era considerado um quilombo os espaços onde os africanos escravizados podiam preservar e praticar suas culturas, línguas e tradições. Ou seja, considerava-se quilombo o local onde eles tinham a liberdade de serem eles mesmos. Eles representavam uma tentativa de recuperar uma sensação de identidade e autonomia em um contexto de opressão e escravidão, que era a perspectiva social deles (Silva, 2022).

Por isso, embora muitos quilombos tenham sido destruídos ao longo do tempo, o legado dessas comunidades perdura na história afro-brasileira. Atualmente, há esforços para reconhecer e preservar o patrimônio cultural dessas comunidades, bem como para garantir seus direitos territoriais e o reconhecimento oficial como comunidades quilombolas (Araújo *et al.*, 2019).

Ao longo dos séculos, várias outras comunidades quilombolas foram estabelecidas em diferentes partes do Brasil, muitas delas em regiões de difícil acesso para evitar a recaptura pelos senhores de escravos. As comunidades quilombolas representam uma parte importante da história afro-brasileira e, nos tempos modernos, há esforços contínuos para reconhecer e preservar seu patrimônio cultural e defender seus direitos territoriais. O reconhecimento oficial e a titulação de terras são questões importantes para essas comunidades, e a luta por seus direitos continua nos dias de hoje (Jacinto, 2019).

Sabe-se que a representatividade do povo quilombola na história afro-brasileira é de extrema importância para entender a diversidade cultural e a luta por direitos no Brasil. As comunidades quilombolas têm desempenhado um papel fundamental na preservação da herança cultural africana no contexto brasileiro, e sua história é intrinsecamente ligada à resistência contra a escravidão e à busca pela autonomia (Souza, 2015). Em relação a representatividade, Paiva (2021) considera que:

Esse aumento da representatividade afro-brasileira, embora notável, ainda não foi suficiente para transformar a imagem de um Brasil com quatro séculos de história, extremamente católico, guardado por canhões, patriarcal, latifundiário, ordenado por intendências e casas de câmara e cadeia, e habitado por personagens ilustres, que caminham entre pontes e chafarizes, sedimentado pelo IPHAN desde 1938 (p.65).

Ainda em relação a representatividade, é importante considerar a resistência e autonomia das comunidades quilombolas. Isso porque sua principal formação se deu em locais de refúgio para os africanos escravizados que fugiam do trabalho forçado em busca de liberdade. Esses espaços eram não apenas refúgios, mas também locais onde as tradições culturais africanas podiam ser preservadas e transmitidas de geração em geração (Leite, 2018).

No entendimento de Silva (2022), alguns aspectos podem ser destacados entre as comunidades quilombolas, tais como resistência e autonomia. O maior motivo da formação dessas comunidades é a fuga da escravidão. O surgimento dos quilombos está intrinsecamente ligado à resistência à escravidão, pois os africanos escravizados que fugiam do trabalho forçado nas plantações e em outros serviços, em busca de liberdade, frequentemente encontravam nos quilombos um espaço para resistir à opressão. Esses locais proporcionavam

às comunidades uma medida de autonomia em relação às estruturas sociais e políticas dominantes. Além disso, dentro dos quilombos, as tradições culturais africanas eram preservadas e transmitidas de geração em geração (Mendes; Cavas, 2018).

A preservação das línguas, práticas religiosas, danças e músicas africanas representava uma forma de resistência cultural contra a imposição cultural e religiosa dos colonizadores. As comunidades quilombolas continuam enfrentando desafios do século XXI. A luta pela titulação e reconhecimento legal de suas terras é uma parte fundamental dessa busca por autonomia. O reconhecimento oficial ajuda a garantir que as comunidades tenham o direito de ocupar e usar suas terras de maneira sustentável (Paiva, 2021).

Ou seja, há uma contribuição para a sociedade essa representatividade que as comunidades quilombola geram na cultura brasileira. Além de manter e preservar suas tradições, muitas comunidades quilombolas também desempenham papéis ativos na promoção da educação, da cultura e do desenvolvimento sustentável em suas regiões. Isso porque as comunidades quilombolas representam uma forma significativa de resistência à escravidão e à opressão histórica, buscando autonomia em suas próprias condições. A história dessas comunidades destaca não apenas os desafios enfrentados, mas também a resiliência e a contribuição positiva para a diversidade cultural e social do Brasil (Jacinto, 2019). Sua contribuição para a riqueza cultural do Brasil é imensurável. A contribuição cultural dos povos quilombolas no Brasil é vasta e diversificada, refletindo a riqueza das tradições africanas que foram preservadas ao longo dos séculos (Paiva, 2021).

Essas comunidades têm desempenhado um papel crucial na promoção e preservação da herança cultural africana no contexto brasileiro. Há também a preservação de tradições religiosas, onde muitas comunidades quilombolas mantêm práticas religiosas de origem africana, como o Candomblé, a Umbanda, entre outras. Essas tradições envolvem rituais, danças, músicas e crenças que foram trazidas pelos ancestrais africanos e que continuam a ser praticadas e preservadas nas comunidades quilombolas (Silva, 2018).

Em relação as religiões afrodescendentes, que são também consideradas um marco cultural das comunidades quilombolas, Mendes e Cavas (2018) comentam que:

Às práticas tradicionais empregadas pelas benzedeadas e benzedeiros quilombolas, na promoção da cura e proteção, alia-se uma religiosidade sincrética pelas influências culturais das matrizes africanas, católicas e indígenas, produto dos contextos históricos específicos que marcam o povo brasileiro. O sincretismo religioso atribuído às mulheres e aos homens benzedeiros quilombolas, não se dá na mesma medida para todas e todos, mas as primeiras observações do campo revelaram que maioria delas e deles se declara pertencente à religião católica, embora suas práticas, as imagens dos santos canonizados ou não, além das representações de outras divindades mantidas em seus âmbitos domésticos, demonstrem a convivência pacífica entre elementos de proveniências religiosas diversas (Mendes; Cavas, 2018, p. 4).

Segundo Leite (2018), essas tradições envolvem as manifestações artísticas e musicais, onde nas comunidades quilombolas contribuem significativamente para a diversidade musical e artística do Brasil. Muitas vezes, essas manifestações são marcadas por ritmos, danças e instrumentos tradicionais africanos. As expressões culturais incluem o Jongo, o Tambor de Crioula, o Samba de Roda, entre outros.

A preservação das línguas e dialetos também é considerado um passo muito importante para a cultura quilombola. Em algumas comunidades quilombolas, é possível encontrar a preservação de línguas e dialetos africanos, ou influências dessas línguas no português falado. Isso é evidência da resistência cultural e da manutenção das raízes

linguísticas dos ancestrais. Outra questão notável são as habilidades artísticas e artesanais das comunidades quilombolas: a produção de artesanato, como tecelagem, cerâmica, escultura e pintura, muitas vezes incorpora técnicas tradicionais transmitidas ao longo das gerações (Mendes; Cavas, 2018).

Há de se considerar nos quilombos também a culinária tradicional, que é considerada uma expressão única da fusão de influências africanas, indígenas e portuguesas. Pratos tradicionais muitas vezes incluem ingredientes locais e técnicas de preparo que refletem a história e a geografia das comunidades. Além disso, muitas comunidades quilombolas possuem conhecimentos tradicionais sobre plantas medicinais, transmitidos oralmente ao longo das gerações. Essa sabedoria é frequentemente utilizada para tratar doenças e promover a saúde dentro das comunidades, e até mesmo para obtenção de renda através da venda de remédios preparados de forma artesanal a partir do uso de plantas nativas como é o caso da comunidade do Cedro localizada no município de Mineiros no Goiás.

Um ponto que caracteriza muito as comunidades quilombolas são as festividades e celebrações típicas dessas comunidades, que são marcadas, principalmente por rituais e práticas culturais únicas. O carnaval, por exemplo, pode ser celebrado de maneira distinta, incorporando elementos específicos das tradições quilombolas. A preservação e continuidade dessas expressões culturais não apenas enriquecem o tecido cultural do Brasil, mas também destacam a resiliência e a importância das comunidades quilombolas na promoção da diversidade e na construção da identidade nacional (Monteiro; Moura; Simonard, 2018).

O reconhecimento e respeito por essas contribuições são fundamentais para promover uma sociedade mais inclusiva e valorizar a riqueza cultural do país. Inclusive, o Quilombo dos Palmares, em particular, é frequentemente lembrado como um símbolo da resistência negra. O Dia da Consciência Negra, celebrado em 20 de novembro, marca a morte de Zumbi dos Palmares e é uma ocasião importante para refletir sobre a história e a contribuição dos afrodescendentes para o Brasil (Monteiro; Moura; Simonard, 2018).

As comunidades quilombolas muitas vezes buscam promover a educação e a conscientização sobre a história e a cultura afro-brasileira. Isso inclui a inclusão de elementos culturais quilombolas nos currículos educacionais conforme orienta a Lei Nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, bem como a promoção de eventos e atividades que destaquem a contribuição negra para a sociedade brasileira. Ou seja, a consciência negra nas comunidades quilombolas está ligada à participação ativa em movimentos sociais que buscam a igualdade racial, o combate ao racismo e a promoção dos direitos humanos (Leite, 2018).

Muitas dessas comunidades estão envolvidas em iniciativas que visam enfrentar as desigualdades e a discriminação racial. A consciência negra também se reflete na valorização da estética negra, incluindo a beleza natural do cabelo afro, a promoção da moda afrocentrada e a celebração da diversidade de tons de pele (Monteiro; Moura; Simonard, 2018).

A representatividade do povo quilombola é uma parte essencial da narrativa afro-brasileira, destacando a resiliência e a contribuição significativa dessas comunidades para a construção da identidade nacional. É fundamental reconhecer e valorizar suas histórias, lutas e conquistas para promover uma compreensão mais completa e inclusiva da história brasileira.

3.2 A Comunidade Quilombola Brejão

A comunidade Quilombola Brejão, faz parte de um grupo de quilombos do Estado de Goiás, conhecidos como quilombos do ouro na capitania de Goiás. Esses quilombos contribuíram para o estudo do processo de escravismo e a constituição de quilombos em Goiás em um processo histórico do desenvolvimento social dessa região. As primeiras expedições percorreram o território do atual estado de Goiás já no primeiro século de colonização do Brasil, e nesse período, Goiás era conhecido pelas comunidades quilombolas

desde os primeiros dias da colonização, sendo o seu povoamento registrado após o descobrimento das minas de ouro no século XVIII (Oliveira; D'Abadia, 2015).

Assim como a origem de outros povoamentos quilombolas, os de Goiás também foram iniciados de modo irregular e instável, até o seu reconhecimento. Segundo a documentação histórico-geográfica, composta de fontes históricas escritas que são importantes na construção da historiografia goiana, “os colonizadores que chegaram à antiga capitania de Goyaz por meio de entradas e bandeiras vieram em busca de riquezas, notadamente minerais como o ouro, o diamante, as esmeraldas, os cristais e outras pedras preciosas” (Oliveira; D'Abadia, 2014, p. 166). Dessa forma, ainda de acordo com Oliveira; D'Abadia (2014):

O Estado de Goiás possui o seu histórico preenchido de situações que culminaram na formação de quilombos em suas terras. De acordo com a historiografia goiana, com a descoberta das minas, milhares de escravos foram trazidos à Goiás para trabalharem na extração de ouro, pois ao se divulgar a riqueza das minas recém-descobertas, acorria, sem cessar, gente de todas as partes do país. Com o início da exploração do ouro em Goiás, durante o período colonial, a população passa a ser constituída por africanos e seus descendentes, que marcam a região dos arraiais do ouro, através da formação de quilombos. Outra quantidade de escravos chegava à Goiás numa situação de fuga: vieram escravos fugidos de diversas áreas de lavouras de cana-de-açúcar e de extensões de mineração até mesmo dos territórios de outros estados brasileiros (Oliveira; D'Abadia, 2014, p. 166-167).

A comunidade Quilombola Brejão faz parte desse grupo de quilombos de Goiás, e sua origem se deu por volta dos anos 1880 a 1890 de um grupo de seis irmãos, filhos de pessoas escravizadas que vieram das regiões vizinhas de Arraias e Paranã. Apesar de ser uma comunidade formada por descendentes de africanos e apresentarem elementos de sua cultura ancestral, só foram reconhecidas como Comunidade Quilombola no dia 13 de março de 2007, pela Fundação Cultural Palmares⁵.

Dessa forma, a comunidade quilombola Brejão, é formada por casas de construção simples, tendo atividades coordenadas de modo a fortalecer a comunidade em sua organização, preservação de costumes e geração de fontes de renda, como mostra as figuras 1 e 2 a seguir.

⁵ A Fundação Cultural Palmares, criada pela Lei nº 7.668 de 1988, é uma instituição vinculada ao Ministério da Cultura do Brasil. Sua missão é promover e preservar a cultura afro-brasileira, bem como combater o racismo e valorizar a contribuição dos afrodescendentes para a sociedade brasileira. A fundação atua em diversas frentes, incluindo o apoio a projetos culturais, a preservação do patrimônio histórico e cultural afro-brasileiro e a promoção de políticas públicas de inclusão social e igualdade racial. Através de suas iniciativas, a Fundação Cultural Palmares busca fortalecer a identidade cultural afro-brasileira e promover o reconhecimento e a valorização das suas tradições e manifestações culturais (Brasil, 1988).



Figura 1 - Estilo das casas que compõem a comunidade Brejão
Fonte: O Vetor (2021).



Figura 2 - Evento com lideranças da comunidade quilombola Brejão
Fonte: O Vetor (2021).

Verifica-se nas imagens acima que a comunidade é de origem simples, mas que busca se organizar para estar envolvida nas demandas de sua cultura, busca pelos conhecimentos e comércio agrícola, e que se organiza para obter renda de suas atividades. A Comunidade Quilombola Brejão fica a aproximadamente 16 quilômetros de distância do IF Goiano Campus Campos Belos.

Recentemente, em 2018, foi criada a Associação Comunidade Quilombola Brejão – ACQB, que surgiu para representar essa região, dando voz e visibilidade a essas famílias na busca pela inserção nas pautas de ações dos governos, visando o desenvolvimento socioeconômico e valorização da identidade cultural das famílias que ali residem (O Vetor, 2021). A formalização dessa comunidade serviu também para dar autonomia para as pessoas que compõe essa comunidade.

Em relação a sua extensão, localidade e relação socioeconômica dos moradores:

A comunidade Quilombola do Brejão é composta hoje por mais ou menos trinta famílias moradoras, mas existem dezenas de filhos da comunidade que moram em outras localidades, a maioria em busca de oportunidades de

estudos e trabalho. Grande parte das famílias que permanecem na comunidade sobrevive da agricultura familiar, criam galinhas, porcos e pequenos rebanhos de gado para o consumo próprio. Uma pequena parte é, eventualmente, comercializada na cidade, para aquisição de bens de consumo. Parte dos moradores trabalha diariamente em outras localidades, buscando agregar rendimentos aos ganhos que obtêm com o que produzem em suas terras (O Vetor, 2021, p. 1)

Segundo a Lei nº 11.326, de 24 de julho de 2006, a agricultura familiar é um sistema de produção agrícola em que a gestão e a mão-de-obra são predominantemente da própria família, sendo a terra a principal fonte de sustento. Este modelo agrícola se caracteriza pelo cultivo diversificado, pela sustentabilidade ambiental e pelo uso de práticas tradicionais e conhecimentos locais transmitidos de geração em geração. A agricultura familiar tem um papel crucial na segurança alimentar, na conservação da biodiversidade e na manutenção das paisagens rurais (Brasil, 2006).

Nas comunidades quilombolas, a agricultura familiar é especialmente significativa. Essas comunidades, formadas por descendentes de africanos escravizados que resistiram à opressão e construíram seus próprios territórios, têm na agricultura familiar um pilar fundamental de sua economia e cultura. A terra, conquistada e mantida com muito esforço, é um símbolo de resistência e autonomia para os quilombolas. Através da agricultura familiar, as comunidades quilombolas conseguem não só garantir sua subsistência, mas também preservar e valorizar suas tradições culturais e conhecimentos ancestrais sobre o manejo sustentável dos recursos naturais (Brasil, 2006).

A relação entre agricultura familiar e comunidades quilombolas é, portanto, intrínseca e multifacetada. Por meio da agricultura familiar, os quilombolas fortalecem sua identidade cultural, promovem a autonomia econômica e contribuem para a preservação ambiental. Além disso, essa prática agrícola possibilita a inclusão social e o desenvolvimento sustentável das comunidades, fortalecendo a luta pela regularização fundiária e pela garantia de direitos territoriais.

Como mencionado, a comunidade Quilombola do Brejão é composta por no mínimo duas realidades: a das pessoas que saem da comunidade em busca de oportunidades de estudos e trabalho, e as pessoas que persistem nas atividades de agricultura familiar, as quais geram renda para as pessoas que compõem a comunidade. Essa perspectiva leva a criação de programas que fortalecem a cultura dos povos e a geração de renda dos mesmos, como é o caso do projeto Farinhando, que será abordado a seguir.

4 O PROJETO FARINHANDO E O CURSO DE FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA

O projeto Farinhando surge na comunidade quilombola Brejão como uma prática extensionista viável, que visa impulsionar a economia da comunidade e contribuir para o fortalecimento de vínculos das famílias com seu ambiente de moradia, com sua produção e com sua cultura, fomentando assim a agricultura familiar através da produção, comercialização da mandioca e seus derivados, gerando fonte de renda para a própria comunidade, contribuindo para sua autonomia (Plano de Trabalho Farinhando, 2021).

A ideia que envolve o projeto parte da ideia de fabricação de farinha de mandioca, considerando que a mandioca é muito cultivada na região. Além disso, a demanda deste produto também é alta, visto que “a mandioca é uma das principais culturas para o pequeno produtor brasileiro, principalmente aqueles das regiões onde constitui-se o alimento básico da população de baixa renda” (PPC Farinhando, 2021, p. 6).

Originária da América do Sul, a mandioca é cultivada em mais de 100 países, e estudos a consideram um dos principais alimentos energéticos para mais de 700 milhões de pessoas em todo o planeta. Especialmente nos países em desenvolvimento, a mandioca (*Manihot esculenta* Crantz) recebe vários nomes de acordo com a região brasileira, sendo eles; aipi, aipim, castelinha, uaipi, macaxeira, mandioca-doce, mandioca-mansa, maniva, maniveira, pão-de-pobre, mandioca-brava e mandioca-amarga (SNA/RJ, 2017).

Segundo o último levantamento da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO) referente ao ano de 2016, a produção mundial de raiz de mandioca correspondeu a 277,1 milhões de toneladas, sendo a Nigéria o maior produtor (57,13 milhões de toneladas), seguida por Tailândia e Indonésia. O Brasil é o quarto maior produtor mundial com 21,08 milhões de toneladas de raiz de mandioca espalhadas em diferentes regiões do país (CONAB, 2018).

Conforme a edição de dezembro de 2021 do Agro em Dados feita pela Secretaria de Estado de Agricultura, Pecuária e Abastecimento (SEAPA), no estado do Goiás a mandioca ocupa um lugar especial na culinária, na cultura e cada vez mais na economia. Na comparação com o ano 2020, a cadeia da mandioca no estado deve fechar o ano 2021 com crescimento de 15% em área plantada (12 mil hectares) e 10,9% em volume produzido (187,1 mil toneladas). Mas, apesar disso, conforme a figura 3, o Goiás ocupa o 20º lugar entre os estados na produção da mandioca, sendo ela incipiente e absorvida pelo comércio local.

No caso da região específica de Goiás, a figura 3 a seguir demonstra os municípios do Estado em que a mandioca é mais cultivada de acordo com um ranking realizado em 2021:

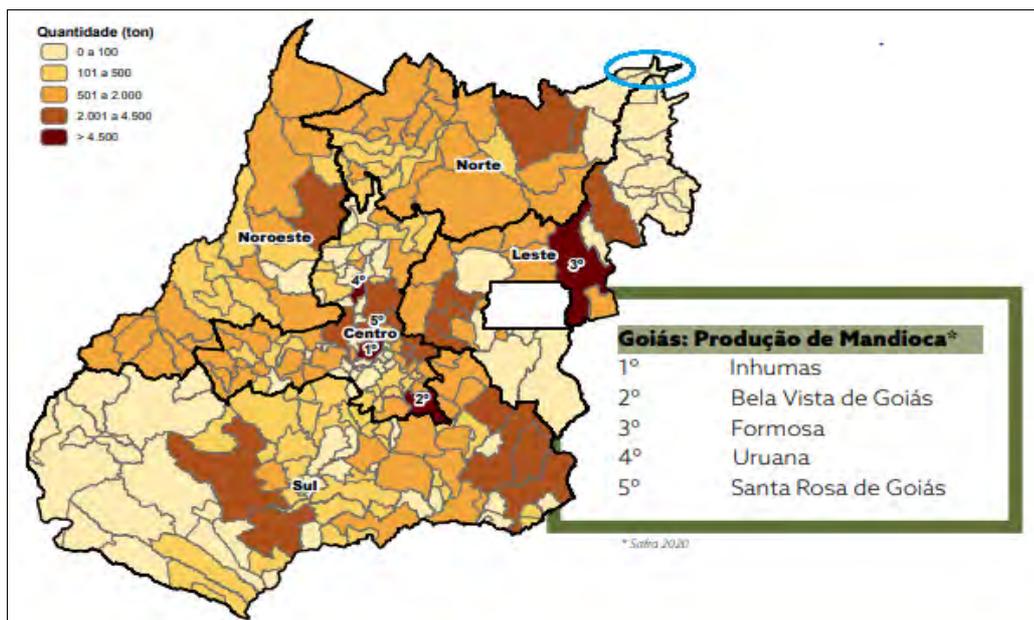


Figura 3 - Safra de Mandioca em toneladas no Estado de Goiás em 2021, com o ranking de municípios produtores. Circulado em azul, o município de Campos Belos
 Fonte: SEAPA (2021).

No projeto Farinhando, o Instituto Federal Goiano – Campus Campos Belo, é responsável por acompanhar todas as etapas de produção da farinha de mandioca, desde o plantio até a comercialização dos produtos. Dessa forma, os participantes do projeto, que são pessoas que pertencem a comunidade quilombola Brejão, recebem treinamento de profissionais qualificados, para alcançarem melhores resultados em seus processos produtivos.

As figuras 4 e 5 a seguir, demonstram um dos momentos de registro da comunidade quilombola e servidores que participaram do projeto Farinhando, e também de um dos momentos em que eles participaram do seminário técnico-participativo da cultura da Mandioca em Condições de Cerrado organizado pelo IF Goiano – Campus Campos Belos em parceria com a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), realizado no dia 18 de novembro de 2022, que fez parte do projeto Farinhando:



Figura 4 - Pessoas da comunidade quilombola Brejão e Servidores, que participam do Farinhando
 Fonte: Instagram Projeto Farinhando (2022).



Figura 5 - Seminário sobre cultura da mandioca em condições de cerrado
Fonte: Instagram Projeto Farinhando (2022).

Sendo assim, esse projeto tem muito a agregar para região, tendo em vista que a produção de mandioca em Campos Belos-GO (área elíptica no mapa) e dos municípios do entorno vai de 0 a 100 toneladas/ano/município, valor considerado baixo em comparação com os demais municípios e regiões do estado. Cabendo destacar também que além do consumo *in natura* da mandioca e da farinha, temos outros potenciais como a utilização dos subprodutos da mandioca na alimentação animal, e a utilização da fécula de mandioca pela indústria.

[...] para dar liga à embutidos, na composição de sopas, no recheio de tortas e em alimentos infantis. Também é utilizada na indústria de papel e de colas. Surge também no mercado, a fécula modificada como outro produto bastante promissor, da qual pode-se obter pré-gelatinizados para alimentos de baixa caloria, plásticos biodegradáveis e produtos farmacêuticos e, atualmente, tem sido explorada na produção de cerveja. Destaca-se também, outras potencialidades das raízes, como no uso de farinhas panificáveis e produção de etanol para uso como combustível automotivo (Plano de Trabalho Farinhando, 2021, p. 6).

Esse projeto tem um alto potencial e proporciona diversas vantagens, como geração de renda, cidadania, qualificação profissional e fomento do desenvolvimento da Comunidade Quilombola Brejão através da educação. Isso porque, por se tratar de um projeto de extensão universitária, existe a participação efetiva de profissionais da educação do IF Goiano, que contribuem diretamente para o fomento de novas pesquisas e são fonte de conhecimento técnico para a melhor produção de farinha possível na região.

Segundo o coordenador e membros do projeto, o projeto Farinhando nasceu da inquietação em construir ações concretas que pudessem promover mais dignidade, esperança, desenvolvimento e geração de renda junto às comunidades quilombolas no nordeste goiano, especialmente após a realização do I Encontro Interinstitucional de Educação e Cultura no território Kalunga realizado em 2016, no qual ficou evidente a insatisfação das comunidades quilombolas pela falta de ações e projetos do poder público e também por se sentirem como “cobaias”, uma vez que os pesquisadores vão nas suas comunidades e extraem todas as informações e conhecimentos e raramente dão algum retorno.

Sendo assim, esse projeto surgiu para dar retorno as comunidades quilombolas pois, ao invés de só extrair as informações, ele leva conhecimento até as comunidades. É importante destacar também que não se trata de um conhecimento impositivo de mão única, e sim de uma troca de saberes e conhecimentos. Nesse projeto, não há intenção de se interferir no modo de produção da mandioca, sempre sendo feito um comparativo entre a produção cultivada de forma tradicional com a produção utilizando as técnicas e conhecimento adquiridos.

5 METODOLOGIA

Esta pesquisa foi realizada por meio de um estudo de caso, com abordagem qualitativa, e fundamentado em base bibliográfica. Em relação a abordagem qualitativa, de acordo com Vieira e Zouain (2005), essa atribui importância fundamental aos depoimentos dos atores sociais envolvidos, aos discursos e aos significados atribuídos e transmitidos por eles, prezando pela descrição detalhada dos fenômenos e dos elementos que o envolvem.

Nesse sentido, o procedimento técnico utilizado foi o estudo de caso que, segundo Gil (2002), é caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou mais objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento. Conforme Prodanov e Freitas (2013, p. 60), “o estudo de caso consiste em coletar e analisar informações sobre determinado indivíduo, uma família, um grupo ou uma comunidade, a fim de estudar aspectos variados de sua vida, de acordo com o assunto da pesquisa”.

Foi realizado também um levantamento bibliográfico através da seleção de literatura em livros, periódicos científicos e artigos da internet de autores que tratem de questões relacionadas a comunidades quilombolas, agricultura familiar, extensão universitária, cultivo da mandioca e produção da farinha, afim de ter conhecimento sobre o que já foi estudado na temática, construindo assim uma fundamentação teórica sólida.

Posteriormente, foram feitas visitas à Comunidade Quilombola Brejão para a apresentação da proposta, bem como o engajamento no projeto como voluntário, o que permitiu ter uma visão a partir de dentro das nuances do projeto. Nesse contato com a comunidade, foi possível coletar dados relevantes sobre o projeto, para compreender melhor a percepção tanto da comunidade, quanto dos estudantes universitários que fazem parte do projeto.

Foi utilizado como instrumento de pesquisa a roda de conversa que, segundo Moura e Lima (2014), é um instrumento de produção de dados em que o pesquisador se insere como sujeito da pesquisa pela participação na conversa, constituindo-se em um método de participação coletiva e de partilha de conhecimento entre os envolvidos, no qual há a socialização de saberes, a troca de experiências, e o debate acerca de determinada temática em que é possível dialogar com os sujeitos que se expressam e escutam seus pares e a si mesmos por meio do exercício reflexivo que possibilita construir e reconstruir novos conhecimentos sobre a temática proposta.

Acredita-se que a escolha de ser realizar a roda de conversa que não faz parte das atividades do projeto Farinhando possibilitou produzir dados ricos em conteúdos e significados que nos permitiu conhecer a comunidade Quilombola Brejão e compreender a importância da extensão universitária e do projeto Farinhando do IF Goiano *campus* Campos Belos para essa região. Dessa forma, o estudo ocorreu por meio da realização de três rodas de conversa: com os membros da comunidade quilombola, com os participantes do projeto Farinhando (que também são membros da comunidade Brejão), e com os alunos bolsistas do projeto de extensão universitária.

A 1ª roda de conversa foi realizada na comunidade Quilombola Brejão às 14 horas do dia 02 de setembro de 2023, teve a duração de aproximadamente de 1 hora e contou com a participação de 16 membros da Comunidade Quilombola Brejão, afim de atender ao primeiro objetivo específico de conhecer a Comunidade Quilombola Brejão, e teve as seguintes questões:

1. Qual a história da comunidade: como ela começou? Quem foram os primeiros a chegar aqui?
2. O que vocês plantam atualmente na comunidade?

- 2.1 Tem algo que vocês plantavam antes, e que agora não plantam mais?
- 2.2 Tem algo que vocês não plantavam antes, e que agora plantam?
3. Como vocês plantam atualmente, e como vocês plantavam antes? Vocês verificam mudanças nas maneiras e fermentas utilizadas em relação aos seus avós?
- 3.1 Vocês usam algum tipo de insumo como; adubos ou agrotóxicos? Se sim quais?
4. Que animais vocês criam ou criavam? Como é a criação ou era?
5. Vocês percebem alguma mudança na comunidade e na região em relação ao clima, ao solo, às águas, aos cultivos, às plantas e animais?
6. Quais as fontes de renda da comunidade? Agricultura, serviços? Como era antes, como é agora?
7. Quais conquistas alcançadas pela comunidade ao longo do tempo vocês ressaltam?
8. Que mudanças/melhorias vocês desejam para comunidade? O que vocês acham importante fazer para alcançar essas mudanças?

A 2ª roda de conversa também foi realizada na comunidade Quilombola Brejão às 15 horas no dia 02 de setembro de 2023, teve a duração de aproximadamente de 40 minutos e contou com a participação de 14 participantes do projeto Farinhando da Comunidade Quilombola Brejão, e teve questões específicas que completam o segundo objetivo específico, que consiste em compreender qual a contribuição do projeto Farinhando na vida da comunidade através das seguintes questões:

1. O que motivou vocês a participarem do projeto Farinhando?
2. Antes de participar do projeto vocês já tiveram alguma experiência com o plantio de mandioca e produção de farinha?
3. Descrevam seu modo de produção, beneficiamento e comercialização da mandioca.
4. Suas maneiras ou visão de como plantar mandioca, produzir seus derivados como a farinha, e comercialização mudaram após as aulas, ou permaneceram da mesma forma?
5. Quais pontos vocês identificaram através das aulas para melhorar a produção, beneficiamento e comercialização da mandioca?
6. O que vocês acharam das aulas e da capacitação técnica oferecidas pelo IF Goiano?
7. Que mudanças ou benefícios o projeto Farinhando trouxe para suas vidas?

Já a 3ª foi realizada por videochamada através do Google Meet no dia 11 de setembro de 2023, teve a duração de aproximadamente 30 minutos e contou com a participação de duas alunas Bolsistas, uma do curso de bacharelado em Administração e outra do Bacharelado em Zootecnia. As questões contemplaram o terceiro objetivo específico de demonstrar a importância da participação de alunos no projeto para sua formação profissional, trazendo as seguintes perguntas:

1. Vocês já conheciam a comunidade Quilombola Brejão antes da participação no projeto?
2. O que motivou vocês a participarem do projeto Farinhando?
3. Gostaria que cada um de vocês descrevessem as atividades desenvolvidas por vocês no projeto?
4. Vocês encontraram alguma dificuldade ao longo do projeto? Quais?
5. De que forma a participação no projeto Farinhando contribuiu em suas vidas

pessoal e profissional?

Nas rodas de conversa buscou-se compreender a percepção dos envolvidos no projeto Farinhando, tanto para verificar o seu cunho social, quanto seu impacto na formação universitária dos alunos de extensão. Todos os dados colhidos foram analisados e sistematizados em forma de texto, quadros e gráficos para compreender a importância da prática extensionista do IF Goiano *campus* Campos Belos, conhecer a comunidade Quilombola Brejão, bem como o projeto Farinhando e sua importância para os alunos e sua formação profissional.

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados dessa pesquisa dividem-se em dois principais momentos do estudo: o momento em que foi realizado observações no local da comunidade quilombola e dos dados que o curso e próprio projeto Farinhando possui, e o momento em que foram realizadas as entrevistas com os membros da comunidade, com os alunos bolsistas e com os integrantes do projeto.

6.1 Dados e discussões a respeito do projeto e do curso de formação inicial e continuada

Inicialmente realizou-se um levantamento sobre os dados relevantes dos participantes do projeto que compõem a comunidade quilombola Brejão. Em relação a renda média da população desta comunidade, coletou-se dados dos 30 participantes com base nas fontes de dados do projeto Farinhando. Dessas informações, obteve-se o gráfico 1 a seguir:

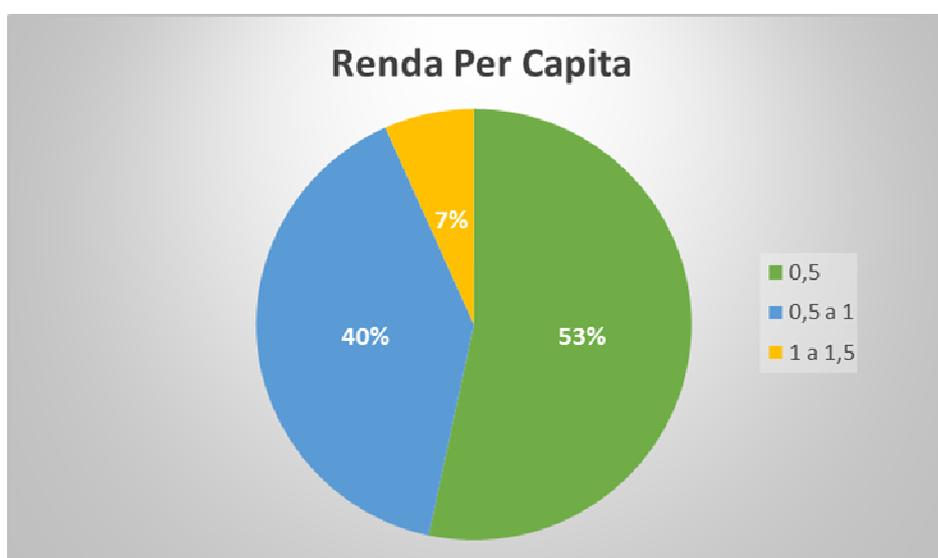


Gráfico 1 - Renda *per capita* dos participantes do projeto Farinhando, da Comunidade Quilombola Brejão

Fonte: Dados do projeto Farinhando, gráfico elaborado pelo autor (2022).

Mediante aos dados acima, verifica-se a situação em que 53% possui uma renda *per capita* de até meio salário mínimo, 40% tem renda *per capita* de meio a um salário mínimo, e 7% de um a um e meio salário mínimo. Ou seja, a população desta comunidade é uma população carente, o que demonstra um pouco, o porque muitos deles procuram sair da comunidade quilombola para buscar oportunidades em outros locais.

Outra questão sobre a renda, é que ela retrata a realidade social de grande parte da população brasileira e, em especial, a população negra, que foi injustiçada historicamente tendo seus direitos negados, ficando às margens das políticas públicas, como ressaltado pelo jornal O Vetor (2021). O Brasil é um país de desigualdades sociais, na qual as populações com rendas mais baixas são as que mais sofrem com a falta de oportunidades de trabalho, educação, saúde, entre outros.

No caso do município em específico de Campos Belos, segundo o último censo do IBGE, realizado em 2021, cerca de 40,8% da população deste município ganhava até meio salário mínimo por pessoa, o que coloca o município na posição 31 de 246 dentre as cidades do estado e na posição 2645 de 5570 dentre as cidades do Brasil com piores rendas *per capita*.

Isso implica diretamente na renda da comunidade quilombola Brejão, que é composta por pessoas dessa região.

Dessa forma, o projeto Farinhando pode ser uma alternativa para além do município de Campos Belos, uma vez que o produto produzido pela comunidade quilombola tem potencial para ser comercializado em outros municípios e estados brasileiros.

No Brasil, a quantidade de pessoas em situação de pobreza varia ao longo do tempo e é influenciada por vários fatores, incluindo políticas públicas, condições econômicas e sociais. Em uma pesquisa mais recente do IBGE de 2021, foi estimado que cerca de 62,5 milhões de pessoas estavam vivendo abaixo da linha da pobreza no Brasil, o que representa aproximadamente 29,4% da população do país, entre elas, 17,9 milhões (8,4% da população) eram extremamente pobres.

Muitas dessas pessoas têm empregos com salários baixos, o que contribui para a sua condição de pobreza. A média salarial no Brasil também varia, mas em geral é reconhecido que uma parte significativa da população recebe salários relativamente baixos, o que pode contribuir para a persistência da pobreza em algumas áreas. Políticas de redistribuição de renda e programas sociais têm sido implementados para combater a pobreza e reduzir as desigualdades socioeconômicas no país (Suplicy; Cury, 2023).

Outra questão que foi investigada, e que tem relação com a questão de baixa renda da população da comunidade quilombola investigada, é o nível de escolaridade dessas pessoas, que pode ser outro fator que interfere na condição dos indivíduos da comunidade quilombola Brejão. Com os dados coletados, foi possível construir o gráfico 2 a seguir:

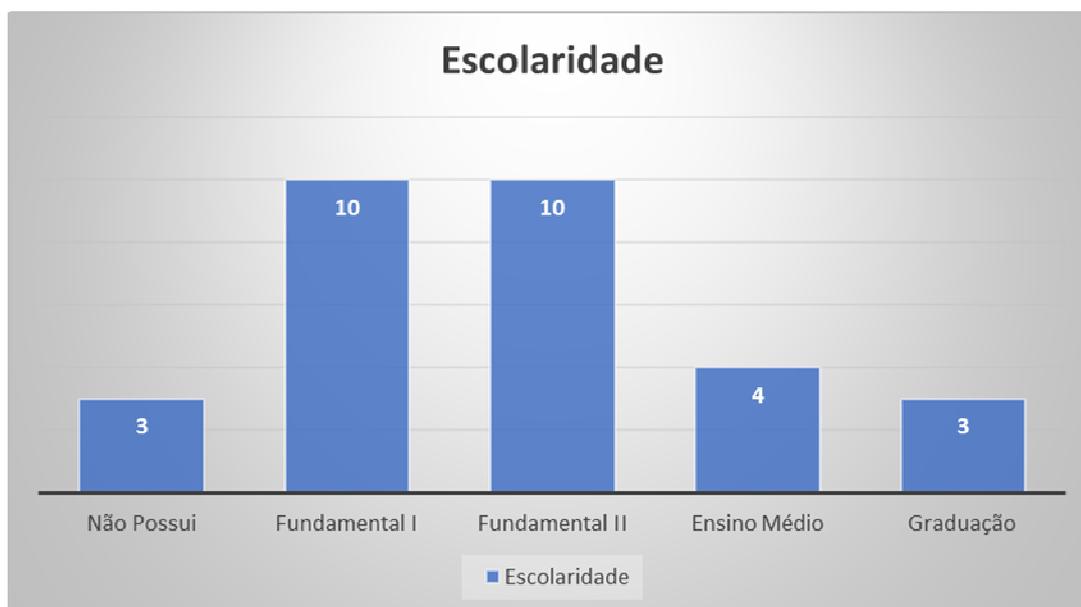


Gráfico 2 - Escolaridade dos participantes do projeto

Fonte: Dados do projeto Farinhando, gráfico elaborado pelo autor (2022).

Verifica-se nos dados acima que cerca de 3 participantes (10%) não possuem escolaridade, 10 participantes (33%) têm o Ensino Fundamental I (1ª a 5ª série), outros 10 possuem Ensino Fundamental II (5ª a 8ª série), 4 (13%) têm o Ensino Médio Completo e só 3 participantes concluíram uma graduação. Esse quadro reflete a realidade de uma grande parte da população da zona rural que, devido a uma série de fatores, não conseguem terminar os estudos.

Entre os fatores podemos destacar a condição financeira das famílias, no qual é preciso escolher entre estudar ou trabalhar para garantir o sustento, sendo esse motivo o mais relatado pelos participantes do projeto. A falta de escolaridade está diretamente relacionada à renda

das pessoas, e essa relação é amplamente observada em diferentes contextos ao redor do mundo.

Em geral, as pessoas com baixos níveis de escolaridade muitas vezes têm acesso limitado a empregos que exigem habilidades específicas ou qualificações. Isso pode restringir suas opções de carreira e resultar em empregos mal remunerados ou informais. Em muitos setores, os salários são diretamente relacionados ao nível de educação e qualificação. Pessoas com baixa escolaridade geralmente têm salários mais baixos do que aquelas com maior escolaridade que desempenham funções semelhantes.

Em períodos de recessão econômica ou mudanças estruturais no mercado de trabalho, pessoas com baixa escolaridade geralmente enfrentam maior risco de desemprego. Isso ocorre porque eles podem ser menos qualificados para as oportunidades de emprego disponíveis. Nesse caso, a educação formal não apenas fornece conhecimento teórico, mas também habilidades práticas e técnicas que são valorizadas pelos empregadores.

A falta de educação pode resultar em uma falta dessas habilidades, o que pode afetar a capacidade de uma pessoa de desempenhar certos trabalhos. Essa questão tem relação direta com a capacidade das pessoas das comunidades quilombola, por exemplo, terem limitações para gerar renda, pela falta de conhecimento técnico sobre como desenvolver produtos e comercializá-los, ainda que tenham mão de obra para tal. O projeto Farinhando, tem, inclusive, essa proposta de fornecer essa qualificação as pessoas, como já comentado antes.

Outro ponto observado, que conseqüentemente tem relação com a questão da baixa escolaridade, é a falta de acesso à escola, que é provocada principalmente pela inexistência das instituições de ensino nessa localidade ou pelo fechamento delas. Dessa forma, com as informações coletadas a respeito, construiu-se o gráfico 3 a seguir:



Gráfico 3 - Motivos dos participantes do projeto não concluírem os estudos

Fonte: Dados do projeto Farinhando, gráfico elaborado pelo autor (2022).

Como demonstra dos dados acima, o principal motivo que as pessoas investigadas apontam como motivo para não concluir os estudos, é a necessidade de trabalho, sendo este percentual de mais da metade delas, 57% dos participantes. Muitas vezes essas pessoas se veem na condição de escolher entre os estudos ou trabalho, não sendo possível, para muitas pessoas conciliar os estudos com o trabalho, e com isso, ocorre os casos de evasão escolar.

Outro percentual considerável demonstrado nessa verificação, foi que 20% dos entrevistados disseram que o motivo de abandono escolar seria a falta de acesso às escolas. Esse é um caso muito comum no Brasil, em que as pessoas que moram em zonas rurais, em locais mais afastados das cidades mais estruturadas enfrentam, de não ter escolas a sua disposição. Essas escolas muitas vezes não se consolidam em regiões ou lugarejos muito pequenos, porque dependem do número de alunos para funcionar, e por isso, se concentram em locais mais populosos.

Nos outros percentuais, 10% disseram que por motivos familiares não deram continuidade aos estudos, outros 10% não responderam o motivo ao certo, e 3% disseram que seria por outros motivos. Os motivos familiares certamente têm relação com as condições de renda e a necessidade de se procurar trabalho e deixar os estudos, o que gera uma pressão nas pessoas em ter necessidade de escolha, e não poder optar apenas pelos estudos.

Por isso, esse projeto tem um grande significado econômico, social e educacional, pois proporciona geração de renda e qualificação profissional para Comunidade Quilombola Brejão, através do curso FIC. Verificou-se nos dados financeiros do projeto, que para a sua realização, o mesmo contou com uma verba de R\$ 529.550,00 reais, que foi utilizado conforme o Quadro 2 a seguir:

Quadro 2 – Utilização do recurso

Etapa	Descrição	Valor total
Adquirir equipamentos e insumos para desenvolvimento do projeto	Casa de Farinha Móvel	R\$ 135.000,00
	Plantadeira de Mandioca	R\$ 30.000,00
	Carreta agrícola basculante metálica 2 eixos com pneus, compatível com a potência do trator	R\$ 35.000,00
	Fertilizantes para plantio	R\$ 17.000,00
	Reagentes para análise de solos	R\$ 7.000,00
	Combustível	R\$ 20.650,00
	Defensivos Agrícola	R\$ 8.750,00
	Manutenção em implementos agrícolas, tratores, automóveis	R\$ 34.850,00
Servidores, Estudantes e participantes da comunidade para recebimento de bolsas	Servidor/Coordenador Geral	R\$ 16.900,00
	Servidores/Assistência Técnica	R\$ 57.600,00
	Servidores/Apoio administrativo e operacional	R\$ 23.400,00
	Estudantes Bolsistas IF	R\$ 26.400,00
	Estudantes bolsistas da comunidade participantes do projeto	R\$ 117.000,00
Total		529.550,00

Fonte: Plano de trabalho o projeto Farinhando (2021).

De acordo com as informações do projeto, esses recursos foram utilizados para adquirir equipamentos e insumos para o desenvolvimento do projeto, além da oferta de bolsas, sendo oferecidas 30 no valor de 325 reais por mês para os alunos do curso FIC da comunidade, e 6 bolsas no valor de 400 reais por mês para os estudantes do IF, e bolsas para o coordenador do projeto, professores, e técnicos administrativos participantes do projeto.

Em relação a organização do projeto, o plano de trabalho do mesmo expõe que ele vai além da prática da fabricação da farinha em si, mas envolve questões de organização e planejamento das ações, o que também demanda investimentos, além dos custos de produção.

Dessa forma, segundo o plano de trabalho do projeto, ele está dividido em 5 fases apresentadas abaixo:

1ª) Constituição da equipe responsável pelo projeto (quadro 3). Nessa fase houve a indicação, pelo Reitor, de um servidor efetivo do quadro do Instituto Federal Goiano para a coordenação geral do projeto – este coordenador do projeto indicou os outros participantes, sendo 6 (seis) servidores das áreas de ciências agrárias e administração como assistência técnica, 3 (três) auxiliares administrativos e operacional, e 6 (seis) discentes por indicação dos docentes da área técnica, totalizando 16 (dezesesseis) participantes, com pagamento de bolsas.

Quadro 3 – Equipe responsável pela execução do projeto Farinhando

Função no projeto	Formação
Coordenador Geral	Licenciado em Pedagogia e Geografia; Mestre em Educação.
Assistência Técnica áreas de ciências agrárias	Técnico em Agricultura; Técnico em Sistemas de Informação; Bacharel em Agronomia; Mestre em Produção Vegetal; Doutor em Produção Vegetal.
Assistência Técnica áreas de ciências agrárias	Bacharel em Agronomia Tecnólogo em Irrigação e Drenagem; Mestre em Produção Animal.
Assistência Técnica áreas de ciências agrárias	Bacharel em Agronomia; Mestre em Produção Vegetal; Doutor em Agronomia.
Assistência Técnica áreas de ciências agrárias	Bacharel em Zootecnia; Mestre em Zootecnia; Doutor em Agricultura Tropical.
Assistência Técnica áreas de administração	Técnico em Marketing e Design; Bacharel em Administração com Habilitação em Marketing; Especialista em Gestão de Novos Negócios; Mestre e Doutor em Educação.
Assistência Técnica áreas de administração	Bacharel em Administração; Licenciada em Matemática; Especialista em Educação do Campo e Agroecologia e Desenvolvimento Rural com habilitação em Extensão Rural.
Auxiliares administrativos e operacional	Licenciado em Letras; Especialista em Linguística Aplicada à Educação
Auxiliares administrativos e operacional	Bacharel em Engenharia de Bioprocessos e Biotecnologia; Mestre em Biotecnologia, área de concentração Biotecnologia Industrial
Auxiliares administrativos e operacional	Licenciada em Letras; Especialista em Gestão Pública

Fonte: PPC Farinhando (2022).

2ª) Escolha das áreas a serem plantadas e análise de solos (figura 6). Essa etapa ocorreu de forma conjunta, entre coordenação geral, docentes, auxiliares técnicos, discentes e comunidade. Foi feita uma avaliação técnica para escolha dos terrenos que participaram do

projeto, onde foram plantadas as manivas. Os critérios para escolha foram determinados pela equipe, visando atender terrenos de até 1 hectare por família.



Figura 6 - Escolha das áreas a serem plantadas e análise de solos
Fonte: Instagram Projeto Farinhandando (2022).

3ª) Aquisição de equipamentos, insumos e contratação de serviços para produção (figura 7). Essa etapa ocorreu em paralelo a fase 2, e foram adquiridos os insumos e equipamentos além da contratação dos serviços necessários para a implantação projeto, pelo apoio administrativo e operacional. Esse processo se deu por licitações e adesões a atas de registro de preço.



Figura 7 - Aquisição de equipamentos e insumos
Fonte: Instagram Projeto Farinhandando (2022).

4ª) Oferta de curso de Formação Inicial e Continuada (FIC) aos membros da comunidade quilombola Brejão (figura 8). O FIC teve 160 h, com foco na produção de mandioca, e foi ofertado a 30 (trinta) membros da comunidade, tendo sido matriculadas no máximo 2 (duas) pessoas por família. Estas pessoas receberam matrículas do Instituto Federal Goiano *Campus* Campos Belos, para poderem receberem bolsas.



Figura 8 - Aulas do Curso FIC
 Fonte: Instagram Projeto Farinhandando (2022).

5ª) Acompanhamento, orientação e capacitação necessária para o plantio e cultivo das manivas e produção de farinha (figura 9). Foram realizadas análises físico-químicas no laboratório de solos do IF Goiano de Campos Belos. Posteriormente, foi realizada a correção (calagem) e adubação necessárias no solo, considerando que estamos numa região de Cerrado, onde os solos apresentam alto grau de intemperismo, ou seja, são solos que em sua grande maioria apresentam baixa fertilidade natural, elevada acidez e saturação de alumínio, diminuindo a capacidade produtiva dos mesmos. Também foram realizados: o preparo do solo (subsolagem, gradagem e nivelamento, quando necessário); plantio e monitoramento da produção através de assistência técnica; desenvolvimento de atividades de extensão, pesquisa e ensino com os discentes participantes em todas as etapas; realização de dia de campo na comunidade.



Figura 9 - Acompanhamento pela equipe e alunos bolsistas
 Fonte: Instagram Projeto Farinhandando (2022).

Para análise dessa pesquisa, optou-se por focar na 4ª fase do projeto, que trata da oferta do curso FIC de “Produção, comercialização da mandioca e seus derivados e

aproveitamento de seus subprodutos”, que teve a duração de um ano com início em 19 de fevereiro de 2022 e finalização em 19 de janeiro de 2023, e que contou com 160 horas de duração, tendo a sua matriz curricular organizada conforme apresentado no Quadro 4 a seguir.

Quadro 4 – Matriz Curricular do curso FIC

Unidade curricular	Carga horária
Acolhimento	04
Associativismo e Cooperativismo	08
Gestão da Propriedade Rural	16
Manejo e uso sustentável do solo	08
Cultivo da Mandioca	28
Manejo e controle de pragas e doenças na cultura da mandioca	16
Conservação e utilização de subprodutos da mandioca na alimentação animal	08
Produção de farinha e seus produtos	64
Agregação de valor ao produto e estratégia de posicionamento de mercado	08
Total	160h

Fonte: PPC Farinhando (2022).

Através desta matriz fica claro que a estrutura do curso abordou conteúdos essenciais para a formação da Comunidade Quilombola Brejão, descritos abaixo conforme consta nas ementas do PPC, no Quadro 5:

Quadro 5 – Descrição das disciplinas da matriz curricular do curso FIC: “Produção, comercialização da mandioca e seus derivados e aproveitamento de seus subprodutos”

Disciplina	Conteúdo programático
ACOLHIMENTO	Apresentação do curso. Organização e estrutura do curso. Planejamento para participação do curso.
ASSOCIATIVISMO E COOPERATIVISMO	A importância da organização dos agricultores; O Associativismo: História, conceitos e organização; Cooperativismo História e princípios do cooperativismo e Legislação Cooperativista; A importância da organização dos agricultores; Moderação móvel; políticas públicas para grupos de agricultores.
GESTÃO DA PROPRIEDADE RURAL	A importância e aplicação da Gestão nas pequenas propriedades rurais; Planejamento, implantação da infraestrutura, rotinas de funcionamento e escrituração; Conceitos básicos de agricultura familiar; políticas públicas para grupos de agricultores: PAA e PNAE. Formas de agregar valor à propriedade rural familiar; Empreendedorismo na agricultura familiar.
MANEJO SUSTENTÁVEL DO SOLO	Conceituar solo. Apresentar os processos na formação do solo. Conhecer a constituição química, física e biológica do solo e suas

	<p>relações com o crescimento e o desenvolvimento de plantas. Elementos essenciais para as plantas. Amostragem de solos. Análise Química de Solo. Interpretação das análises e recomendação de adubação.</p>
CULTIVO DA MANDIOCA	<p>A Importância da Mandioca no Brasil e no Mundo, Principais Características da Mandioca de Mesa e Industrial, Manejo do Solo no cultivo da Mandioca: Escolha da Área; Análise do Solo; Preparo da Área; Calagem; Conservação do Solo. Manejo e Tratos Culturais da Mandioca: Classificação e Preparo das Manivas; Sistema de Plantio; Época de Plantio; Espaçamento de Plantio; Consorciação de Culturas; Rotação de Culturas; Controle de Plantas Daninhas; Podas; Colheita.</p>
MANEJO E CONTROLE DE PRAGAS E DOENÇAS NA CULTURA DA MANDIOCA	<p>Insetos como componente dos agroecossistemas; insetos associados à cultura da mandioca; principais insetos-praga da cultura da mandioca; Noções básicas de manejo integrado de pragas; principais métodos de manejo e controle de pragas na cultura da mandioca. Agentes causais de doenças associados à cultura da mandioca; principais doenças da cultura da mandioca; Noções básicas de manejo integrado de doenças; principais métodos de manejo e controle de doenças na cultura da mandioca; Uso correto e seguro de agrotóxicos.</p>
CONSERVAÇÃO E UTILIZAÇÃO DE SUBPRODUTOS NA ALIMENTAÇÃO ANIMAL	<p>Produtos e subprodutos da mandioca para alimentação animal; Valor Nutritivo da mandioca e dos seus subprodutos; Manejo e preparo das raízes para alimentação animal; Desidratação ao sol – raspa de raiz de mandioca; Ensilagem da raiz de mandioca; Parte aérea fresca na alimentação animal; Desidratação ao sol - feno da parte aérea da mandioca; Ensilagem da parte aérea. Colheita e Transporte da Mandioca; Boas Práticas de Manipulação dos Alimentos; Industrialização e Obtenção de Produtos e Derivados da Mandioca; Classificação, 13 Embalagem e Armazenamento da Farinha.</p>
PRODUÇÃO DE FARINHA E SEUS PRODUTOS	<p>Colheita e Transporte da Mandioca; Boas Práticas de Manipulação dos Alimentos; Industrialização e Obtenção de Produtos e Derivados da Mandioca; Classificação,</p>

	Embalagem e Armazenamento da Farinha.
AGREGAÇÃO DE VALOR AO PRODUTO E ESTRATÉGIA DE POSICIONAMENTO DE MERCADO	Conceito de marketing e gestão de marketing. Agregação de valor para o cliente. Branding e Gestão de marcas. Tipologia de produtos e estratégias de posicionamento. Segmentação de Mercado, variáveis de mercado e redes de consumo.

Fonte: PPC Farinhando (2022).

Verifica-se que a grade curricular do curso de extensão é completa, contemplando desde o conceito do tema, passando pela a produção e manejo da mandioca até a comercialização da farinha. Ao mesmo tempo em que é importante ter uma estrutura bem definida, uma grade curricular também deve ser flexível o suficiente para permitir a adaptação às necessidades individuais dos alunos e às mudanças no cenário educacional e profissional, inclusive tornando o curso mais reconhecido e valorizado pelos trabalhadores e pela comunidade acadêmica.

Nessa perspectiva, buscou-se conhecer, das pessoas da comunidade, qual seria a motivação encontrada por eles em participar desse tipo de curso. Com esses dados, verificou-se a seguinte situação, conforme demonstra o gráfico 4 a seguir:



Gráfico 4 - Motivos dos participantes do projeto participarem do curso

Fonte: Dados do projeto Farinhando, gráfico elaborado pelo autor (2022).

De acordo com os dados acima, verifica-se que o principal interesse das pessoas no curso tem relação com o “interesse pessoal pela profissão/atividade”, representando 47% dos entrevistados. Outra parcela significativa de entrevistados (30%), disseram que seu interesse no curso tem relação com a “possibilidade de colaborar na renda familiar correspondente”; outros 17% dos participantes da pesquisa disseram que a motivação tem relação com a “possibilidade de conciliar o curso com o trabalho” (10%); com a “possibilidade de poder contribuir com a sociedade” (7%), enquanto 3% disseram ser por “outro motivo” e 3% não responderam.

Por essas respostas, percebe-se que o curso foi bem aceito pela comunidade Quilombola Brejão, uma vez que os mesmos viram que esse projeto vai de encontro as suas atividades laborais do seu dia a dia, representando uma possibilidade de aumento de renda, tanto momentaneamente através da bolsa recebida no valor de R\$ 325,00 reais por cada aluno,

quanto pelo cenário futuro que a capacitação oferecida pelo projeto poderá trazer para o fortalecimento das atividades econômicas da comunidade, gerando uma renda permanente.

Sendo assim, é possível destacar no projeto Farinhando do IF Goiano *Campus* Campos Belos dois pontos positivos. O primeiro é a capacitação técnica que, segundo o SENAR (2018, p. 1), tem o objetivo de “contribuir na solução de problemas, aumentar a produtividade, reduzir custos, melhorar condições de produção, preservar recursos, gerar maior lucratividade, repassar novas tecnologias e procedimentos de boas práticas”. Esse objetivo representa o foco do projeto, que ao mesmo tempo que tem a sua relevância acadêmica, tem a sua relevância social.

O outro ponto positivo foi o cunho pedagógico promovido pela interação entre os alunos e a comunidade pelas práticas vivenciadas, constituindo um instrumento que permite introduzir os alunos dos cursos de técnico em agropecuária, bacharelado em zootecnia e bacharelado em administração nas atividades de ensino, extensão e pesquisa científica. Ou seja, foi um instrumento de apoio teórico, metodológico e prático à realização de um projeto que contribui à formação profissional do aluno, tendo a finalidade de despertar a vocação científica e estimulando a criatividade e o desenvolvimento dos estudantes.

6.2 Discussão a respeito da roda de conversa com a Comunidade Quilombola Brejão

A Roda de conversa com a comunidade quilombola Brejão aconteceu no dia 02 de setembro de 2023 e contou com a participação de 16 membros da comunidade, com idade entre 30 e 75 anos. No começo foi pedido que eles contassem um pouco da história deles das lembranças de infância e das principais memórias que tinham em relação a formação da comunidade. Verificou-se que muitas pessoas da comunidade possuem famílias incompletas, com pais e mães que morreram cedo. Eles mencionam histórias de mães que viraram vaqueiras após a morte do marido com intuito de criarem os filhos, de mães que andavam 4 quilômetros com crianças no colo em busca de coco babaçu para extraírem óleo de coco, visando obter uma vida melhor.

Eles também mencionam histórias de pais feirantes e tropeiros que viajavam 30 dias no lombo de um animal com destino a Bahia levando o que tinha de melhor e trazendo o que tinha de melhor de lá, levava couro e mamona e trazia Chapéu e Sal. Nesta roda de conversa, verificou-se que grande parte dos participantes são nascidos e crescidos na comunidade, e quase todos mencionam histórias de pessoas que saíram da comunidade em busca de oportunidades, mas também de pessoas que nunca deixaram a comunidade por mais de 30 dias, que lutaram contra as dificuldades e conseguiram se manter somente com o seu trabalho local.

Sobre as características observadas, observou-se que as famílias eram grandes com muitos filhos, que tinham o costume de comer todos juntos numa mesma bacia. Todos os participantes trabalharam desde muito cedo na roça para ajudar na renda familiar, com atividades como plantação de arroz, milho, feijão, mandioca, nos afazeres domésticos, entre outros. Assim como toda a infância, os participantes se recordaram de momentos alegres das brincadeiras, das frutas como: goiaba, mamão, manga, banana, da festa de ladainhas, e de irem para a escola e ficar pelo caminho para brincar com amigos, corta o pé de propósito com a enxada para não ter que trabalhar na roça, entre outros fatos.

Nessa roda de conversa, teve também muitos relatos tristes das dificuldades enfrentadas, que a comunidade sempre foi um lugar sossegado para se viver, mas que as pessoas viviam antigamente muito mal, era uma vida sofrida, não tinha estradas boas, não tinha energia, as casas eram de barro na época da chuva molhava tudo dentro, dificuldade de acesso a água, só tinha no ribeirão que muitas vezes morriam gado dentro e as pessoas tinham que beber assim mesmo essa água, as pessoas morriam muito cedo, um participante de 68 anos lembra que antigamente ninguém chegava até a idade dele, por exemplo.

Foi lembrado também das pessoas mais antigas que foram importantes para o desenvolvimento da comunidade como a dona Josefa que era a parteira da comunidade, que quando recebia a notícia de uma mulher sentindo dor já ia selando o cavalo e ia rezando para adiantar o serviço do parto e sai galopando, todas as crianças daquela época da região passavam pelas mãos dela. Foi lembrada também do senhor Betor que nunca foi na escola mais era muito inteligente tinha um conhecimento muito grande ele declamava poesia que ele mesmo criava da cabeça dele, era uma pessoa bastante proativo e inteligente que as pessoas gostavam de ouvir, e apesar de não ter ido na escola nenhuma vez ele sabia ler e escrever, grava um livro de romance todinho do princípio ao fim e falava folha por folha sem olhar.

A comunidade tem todos os traços de uma comunidade quilombola pelo fato dela ter surgido de pessoas que vieram fugidas de uma fazenda em Arraias do Tocantins que escravizava as pessoas, então eles vieram fugindo de lá de Arraias para cá, naquela época era muito mato e distante (aproximadamente 22 quilômetros de Arraias a Campos Belos). Sendo este um lugar que eles acharam para fugir daquela cidade e se esconder, e aqui eles se casaram tiveram filhos e foi da onde nasceu e começou a surgir a comunidade Brejão. Sendo hoje certificado e reconhecido pela fundação dos Palmares como uma comunidade quilombola.

Sobre o que eles plantam atualmente na comunidade e sobre a lembrança do que eles plantavam antes, e que agora não plantam mais, os entrevistados na comunidade apontaram que atualmente, eles plantam muito feijão, milho, mandioca e hortaliças. Já antigamente, eles informaram que plantavam muito o arroz, mas que já não plantam mais, por ser um tipo de plantio mais difícil de cultivar, por depender do tempo certo de receber a chuva. Segundo eles se não chover no tempo certo, perde-se a produção. A mesma dificuldade eles apontam para a plantação de milho.

Em relação ao manejo das plantações, sobre o melhoramento dos processos e ferramentas utilizadas em suas práticas atuais, comparadas a prática de seus avós, por exemplo, os participantes da roda de conversa, disseram que antigamente eles plantavam de uma maneira mais dificultosa por não terem o conhecimento que se tem hoje. Como por exemplo, o arroz que era plantado com o canto da inchada, fazendo um corte e ia jogando arroz fazia aquela medida da quantidade na mão e jogava, e vinha outra pessoa atrás passando do pé e enterrando.

Hoje eles apontam ter o auxílio de máquinas como o trator e a matraca para planta, que melhorou o processo manual, sendo que a condição do clima e as pragas hoje interferem na produção, fazendo-os refletir sobre as mudanças do clima e da vegetação antigamente e na atualidade. Segundo eles, eles plantavam pouco e colhiam muito, sendo para eles a ação do homem, como a poluição e o desmatamento, por exemplo, o principal causador de tudo. Sobre as ferramentas, eles disseram usar enxada, foice, matraca para planta, às vezes um trator para arar a terra, pois as propriedades são pequenas plantam pouco.

Eles também apontaram que algumas pessoas hoje utilizam adubo para plantar algumas variedades, mas o mais utilizado ainda são os agrotóxicos para matar os matos. A respeito da criação de animais, os entrevistados apontaram que os principais animais criados são o gado, porco e a galinha. Eles apontam que atualmente se nota melhora na qualidade, antigamente não tinha um tratamento que tem hoje, com o uso de ração, o que valoriza o gado, pois eles afirmaram que antigamente vendiam 3 vacas para dar 20 arrobas, e hoje uma única vaca alcança de 12 a 15 arrobas. Inclusive eles apontam que antigamente como o período de seca era mais extenso, os animais sofriam um pouco mais.

A respeito das mudanças que eles observam na comunidade e na região em relação ao clima, ao solo, às águas, ao cultivo, às plantas e animais, eles comentaram que vem observando que o tempo tá meio desregulado, as chuvas, e esse ano foi mais difícil porque a chuva já começou na região em agosto e quando o capim começou a brotar veio o sol. Eles

apontam este ser um fator ruim as pessoas não conseguirem sobreviver, tendo que sair da comunidade para trabalhar fora. Também foi apontado este, como um dos motivos que tornam o plantio difícil em relação a mão de obra. Ou seja, com a falta de regularidade das chuvas eles deram um exemplo do prejuízo em 2022 de um membro da comunidade, no valor de aproximadamente R\$ 3.000 reais, pois ele desmatou um lugar para plantar e perdeu o plantio.

Alguns participantes dessa pesquisa também afirmaram que eles nunca precisaram sair da comunidade para trabalhar fora conseguindo sobreviver das coisas que eles produziam e criavam. Assim, sobre a renda dos mesmos foi apontado ser exclusivamente do que eles produzem na comunidade. Mas também eles apontam que muitas pessoas não conseguem sobreviver morando somente na região, tendo que sair para trabalhar em outros lugares, visto que a principal fonte de renda da comunidade é proveniente do gado, do leite, e pequenos plantios, como é o caso da plantação de hortaliças, e da mandioca, além dos produtos produzidos como o açafrão e a farinha.

Sobre as conquistas atingidas pela comunidade ao longo do tempo, os participantes da roda de conversa apontaram a chegada de energia elétrica em 2007, promovendo qualidade de vida; e a pavimentação de estradas e a água, como as maiores conquistas da comunidade. Eles também apontaram a pavimentação de estradas, ainda que não estejam boas, foram importantes para eles. E apontam também a união do povo como ferramenta importante para enfrentar e superar as dificuldades, tal como a criação de uma cooperativa poderia ajudá-los na venda dos produtos da agricultura, sendo uma maneira de sobressair as vendas além da feira. Também foi ressaltado a necessidade da compra de um terreno para construção de uma sede da Associação e também um local de referência para a futura cooperativa, uma cozinha comunitária, um lugar para os eventos pois hoje eles não têm um espaço próprio e utilizam o espaço da igreja como referência.

Sobre a caracterização da comunidade Brejão, verifica-se nas respostas da roda de conversa que os próprios participantes conseguem identificar suas origens e associá-las com os povos quilombolas, o que aponta uma identidade cultural que parte da própria narrativa dos mesmos. Essa questão é considerada importante, pois, além de outras pessoas considerarem as comunidades quilombolas, as próprias comunidades devem se identificar, para o reconhecimento de toda a sociedade, e não somente de uma região.

De acordo com Furtado, Pedroza e Alves (2014), as comunidades quilombolas são grupos étnico-raciais, predominantemente formados por descendentes de africanos escravizados que fugiram das fazendas durante o período colonial e, posteriormente, se estabeleceram em territórios próprios, conhecidos como quilombos. Além disso, possuem uma identidade cultural própria, fortemente influenciada pelas tradições africanas, que são preservadas e transmitidas de geração em geração. Isso inclui música, dança, culinária, religião, linguagem e práticas agrícolas.

Observa-se nessa roda de conversa que eles narram questões de suas origens e antepassados, que marcam suas histórias, e possuem, inclusive, a sua origem bem definida, quando comentam de sua fuga de determinada fazenda que escravizava parte de seu povo. Mas também apontam a sua região como algo conquistado, e não “invadido”, onde trabalharam para adquirir espaço e independência, frente as situações de pobreza e falta de oportunidades.

No entendimento de Costa e Silva (2020), muitas comunidades quilombolas têm seus territórios próprios, geralmente localizados em áreas rurais, onde mantêm vínculos históricos e culturais profundos. A posse da terra é uma questão central para essas comunidades, muitas vezes envolvendo lutas pela demarcação e regularização de territórios ancestrais. Essas questões se observam como característica da comunidade Brejão, que por mais que tenham suas dificuldades, demonstraram ser um povo forte, de cultura e história própria e característica.

Sobre a busca por oportunidades de trabalho e estudo, verificou-se na roda de conversa que essas questões foram muito apontadas por eles, e que em vários momentos eles afirmam que, desde crianças, eram envolvidos nos trabalhos da comunidade para geração de renda, o que muitas vezes os impedia, por exemplo, de terminarem os estudos. São muitas lembranças de trabalhos árduos e duros, mas todos reconhecem a necessidade e a importância do trabalho na educação e formação deles enquanto seres humanos.

As atividades econômicas nas comunidades quilombolas frequentemente estão ligadas à agricultura de subsistência, pesca, artesanato e outras práticas tradicionais. Essas comunidades muitas vezes têm um estilo de vida sustentável, baseado no uso consciente dos recursos naturais. A vida nas comunidades quilombolas é caracterizada por uma forte coesão social e solidariedade entre os membros. As decisões importantes são frequentemente tomadas de forma coletiva, e os laços familiares e de atuação desempenham um papel importante na organização social (Furtado; Pedroza; Alves, 2014).

Essas características apontadas pelo autor anteriormente são compatíveis com as observadas na comunidade e captadas pelas falas nas rodas de conversa. Ficou muito claro a cultura deles, e o quanto eles valorizam manter as raízes para os trabalhos locais, não deixando de apontar sobre aqueles que por falta de oportunidades não permaneceram no local, tendo que buscar oportunidades fora da comunidade Brejão.

Além disso, ficou evidente na roda de conversa o quanto eles são unidos e valorizam o bem-estar de seu povo, fazendo apontamentos, inclusive que beneficiam a todos, como criação de cooperativas, pavimentação de estradas, entre outros. As comunidades quilombolas têm uma história de resistência contra a escravidão e outras formas de opressão, e muitas vezes continuam a enfrentar desafios, como discriminação, falta de acesso a serviços básicos e conflitos territoriais. Elas frequentemente se envolvem em lutas políticas e jurídicas para garantir o reconhecimento de seus direitos territoriais, culturais e sociais (Costa; Silva, 2020).

Dessa forma, eles ressaltaram algumas evoluções conquistadas por eles, como é o caso da pavimentação e a chegada de energia e água potável. Como eles mesmos disseram, antes desses benefícios, eles tiveram casos de óbito na comunidade por causa do percevejo “barbeiro”, muito presente nas casas de barro antigas, e vetor da doença de Chagas, relacionada a doenças no coração. Relataram também casos relacionados a contaminação por fezes e urina dos ratos, que eram encontrados nas águas da chuva aparada nas biqueiras das casas e utilizadas para beber.

Já na atualidade, eles comentaram na roda de conversa que a comunidade conta com poço artesiano no qual água é destinada para animais e para utilidades domésticas como lavar louça e banho. E, para beber, a comunidade busca em Campos Belos em pontos específicos que contam com água doce encanada, afirmando que com isso, a mortalidade na comunidade diminuiu bastante. Ou seja, trazem à memória situações que foram conquistadas com muita luta, ressaltando ainda que existem alguns moradores da comunidade da parte mais afastada de baixo que ainda não têm água encanada, pela dificuldade em adquirir as mangueiras, tendo a própria comunidade a incumbência em comprar as mangueiras para tal finalidade.

6.3 Discussão a respeito da roda de conversa com os participantes do projeto Farinhando

A roda de conversa com os participantes do projeto Farinhando ocorreu no dia 02 de setembro de 2023 e contou com a participação de 14 participantes, onde foram feitas algumas perguntas específicas sobre o projeto e a percepção dessas pessoas sobre ele. Inicialmente, os mesmos foram questionados sobre o que os motivou a participar do projeto Farinhando. Na roda de conversa os participantes disseram que foram motivados principalmente pela vontade de aprender um pouco mais, fazer um curso, e aumentar a renda também. A vontade de

aprender sobre as formas corretas de plantio através do conhecimento trazido pelos professores do IF Goiano.

Em relação a experiência que tinham antes e que alcançaram depois de fazer parte do projeto, os participantes da pesquisa apontaram que sobre o seu modo de produção, eles observam benefícios que impactaram o modo de plantar e a comercialização da mandioca. Eles afirmaram que já tiveram experiências com plantio de mandioca e farinha, mas que todos plantavam da sua maneira, muitas vezes para o consumo próprio e se sobrava, faziam farinha para vender na feira do IF, e também para vender nos mercados e na feira municipal.

Nessa percepção deles, sua visão de produção mudou após participarem do projeto, inclusive na forma de plantar que jogavam a rama de qualquer jeito sem observar se era a ponta ou pé. Ou seja, apontaram um aprendizado significativo. Segundo eles, aprenderam como a rama é escolhida, que não se deve plantar as pontas, e as formas de aproveitar a planta da maneira correta. Muitos pontos foram identificados através das aulas para melhorar a produção, beneficiamento e comercialização da mandioca.

De acordo com os participantes do projeto, eles consideram que precisam ajustar a forma de plantar, para aumentar a produtividade e facilitar na colheita. Além de melhorar as formas de armazenagem da rama do jeito certo, para se conservá-la por mais tempo. Também a questão de aproveitar a ponta das ramas para fazer silagem para o gado, por ser uma fonte de proteína e de energia.

Todos afirmaram que gostaram muito das aulas, que foram boas, e querem aplicar o conhecimento para não esquecer. Um membro da comunidade destacou que achou interessantes as aulas de planejamento financeiro porque não adianta nada você trabalhar com o braço e não trabalhar com a cabeça, apontando para a necessidade de se planejar a produção para obter o produto final sem prejuízos. Ou seja, os participantes dessa roda de conversa apontaram que o conhecimento e a visibilidade foram os benefícios que o projeto trouxe para a comunidade.

Segundo esses participantes da pesquisa, ao participarem do projeto eles aprenderam formas de agregar valor a plantação de mandioca e ao produto produzido. Eles consideram que a partir do momento em que o conhecimento é adquirido sobre determinado produto, mesmo que a pessoa já saiba plantar, a aprendizagem correta para obter mais lucro no final sempre é melhor para a comunidade. Eles comentaram ainda que, com a visibilidade que o projeto ganhou, diversas pessoas falam sobre o projeto Farinhando e perguntam sobre as mandiocas, querendo saber como é que fizemos para captar esse recurso, para também fazer o mesmo em sua região.

Verifica-se nas falas observadas na roda de conversa que os participantes do projeto, embora já tenham uma bagagem sobre o plantio de mandioca, afirmam que seus conhecimentos não eram profissionais até participarem do projeto. Como exemplo eles apontam que aprenderam, por exemplo, como que se observa a qualidade da rama para a produção da mandioca, pois não era a quantidade que mais importava, como eles pensavam.

Além disso, eles descobriram outra utilização para ramas de mandioca, isso porque quando sobrava ramas, eles jogavam fora, e com o projeto os mesmos aprenderam a aproveitar até mesmo a ponta da rama e parte do caule para o trato do gado. Ou seja, eles adquiriram conhecimentos com os professores do curso FIC, o que fez com que a produção deles aumentasse, conseqüentemente gerando mais renda para suas famílias. Fica claro, na roda de conversa, que eles reconhecem a todo momento a importância do projeto para fazerem o processo de forma correta, sem que haja prejuízos.

Segundo Oliveira *et al.* (2016), os projetos de extensão são uma ferramenta avançada para adquirir conhecimento sobre comunidades, incluindo as comunidades quilombolas. Nesses projetos de extensão, muitas vezes realizam um diagnóstico das necessidades, recursos e potenciais da comunidade. Esse diagnóstico pode ser feito de forma participativa,

envolvendo membros da comunidade em todas as etapas do processo. Isso permite uma compreensão mais profunda das questões enfrentadas pela comunidade e das soluções possíveis.

Na roda de conversa eles disseram que até o modo de colocar as manivas de mandioca na cova foi mudado para se obter mais facilidade para arrancar a mandioca, pois eles falaram que se plantar em uma posição específica, mais fácil fica para arrancar a mandioca, apontando para a singularidade desse conhecimento que foi compartilhado no projeto Farinhando. No projeto, eles observaram que, ao aplicar o conhecimento, verifica-se uma diferença na quantidade da colheita e também do produto final. Ocorre nesse caso uma mudança de consciência, na qual o projeto é responsável por atingir pessoas que não frequentam a universidade, mas que tiveram a oportunidade de receber conhecimento técnico.

Outro conhecimento adquirido, que foi apontado pelos membros da comunidade, foi a questão do plantio em consórcio - por exemplo, no mesmo tempo e espaço que se plantava a mandioca, se plantava também o milho e o feijão. No entanto, eles disseram que, após os ensinamentos do projeto, observaram que isso deve ser feito com cautela, pois nem tudo é adequado - por exemplo, o milho não pode ser plantado junto, pois pode sufocar a mandioca e atrasar o plantio, tendo ainda a possibilidade de trazer praga.

Ou seja, os projetos de extensão ampliam um espaço para a troca de conhecimentos entre membros da comunidade e acadêmicos ou profissionais envolvidos no projeto. Isso inclui o compartilhamento de conhecimentos tradicionais e locais, bem como a contribuição de conhecimentos científicos e técnicos. Eles podem ainda oferecer outras oportunidades de capacitação e educação para os membros da comunidade, ajudando a fortalecer suas habilidades e capacidades. Isso pode incluir treinamento em agricultura sustentável, gestão ambiental, direitos humanos, empreendedorismo e outras áreas relevantes para o desenvolvimento local (Oliveira *et al.*, 2017).

Os participantes dessa roda de conversa apontam ainda que eles conseguiram agregar valor aos produtos produzidos na comunidade, pela visibilidade que o projeto proporcionou. A comunidade teve uma atenção técnica que é especial para que eles se desenvolvessem nesse tipo de mercado, sendo a colaboração do Instituto Federal e de seus professores indispensáveis, por serem Mestres e Doutores com muito conhecimento técnico para ajudar a comunidade Brejão. Como muitos da comunidade não estudaram, a colaboração do IF Goiano ajudou a todos os envolvidos no projeto.

Ao trabalhar em parceria com as comunidades, os projetos de extensão podem ajudar a desenvolver soluções para os desafios enfrentados por essas comunidades. Isso pode envolver a implementação de projetos piloto, a criação de redes de apoio ou a defesa de políticas públicas que atendam às necessidades da comunidade. Contribuem com o fortalecimento da organização comunitária, ajudando a criar espaços para a participação cidadã, o diálogo e a tomada de decisões coletivas. Isso pode incluir a formação de associações locais, a realização de assembleias comunitárias e a criação de mecanismos de governança participativa (Oliveira *et al.*, 2016).

6.4 Discussão a respeito da roda de conversa com as alunas bolsistas do projeto Farinhando

Esta roda de conversa foi realizada no dia 11 de setembro de 2023 e contou com a participação de duas alunas bolsistas, sendo uma do curso de bacharelado em Administração e outra do Bacharelado em Zootecnia. Elas foram questionadas sobre alguns pontos relacionados as suas participações no projeto Farinhando, primeiramente se já conheciam a comunidade Quilombola Brejão antes do projeto. Sobre essa questão elas disseram

Aluna da Zootecnia: eu comecei a conhecer ela a partir do projeto, assim eu sabia que tinha né, essas regiões quilombolas no município, mas não conhecia diretamente fui conhecer através do projeto, pois vim da região de Goiânia para estudar.

Aluna da Administração: já conhecia só o nome Brejão, mas eu não tinha conhecimento que era uma comunidade quilombola, e também nunca tinha ido lá apesar de ser de Campos Belos.

Como se observa nos dados acima, a experiência de se participar do projeto, para as alunas que estão inseridas nesse ambiente de extensão universitária, há um ganho significativo em sua prática. Como elas apontaram, não havia por parte delas um conhecimento sobre a comunidade quilombola, que em geral existem, e são comunidades que geralmente passam despercebidas ao olho da população.

Ressalta-se, que a falta de conhecimento por parte das alunas bolsistas da existência da comunidade quilombola Brejão e o conhecimento delas sobre a comunidade quilombola Kalunga no município de Cavalcante Goiás, que inclusive é a maior comunidade quilombola do Brasil, em extensão territorial, reforça a ideia de que a comunidade do Brejão fica invisibilizada, sendo um dos interesses desta pesquisa, apresentar um pouco da história da comunidade quilombola Brejão para as pessoas saberem que existe, aqui em Campos Belos, uma comunidade quilombola.

Nesse sentido, a fala delas indica que muitas pessoas que moram no próprio município de Campos Belos não conhecem, ou mesmo não sabem, que tem uma comunidade quilombola no município e, principalmente, se podem ajudar de alguma forma, seja com algo material, ou com conhecimento técnico, por exemplo, como foi o caso dessas alunas.

Sobre o que as motivou a participar do projeto Farinhando, essas alunas disseram:

Aluna da Zootecnia: eu faço zootecnia e trabalho com produção animal, então quando eu fui convidada pelo meu orientador ele falou pra mim que a gente iria pesquisa subprodutos da mandioca na alimentação animal né, aí até eu perguntei para ele dar certo e funcionava de verdade, ele falou que funciona, então foi a partir disso que eu achei muito interessante estudar todos os subprodutos da mandioca vindo da produção de farinha, Inclusive é o tema do meu TCC, uma investigação sobre a utilização de subprodutos da mandioca na nutrição animal.

Aluna da Administração: o primeiro motivo foi por questão da renda né, da bolsa que era oferecida, e o segundo motivo é porque no período anterior teve uma professora que pediu para nós desenvolver um trabalho apresentando produtos recicláveis e renováveis e o produto que eu apresentei foi a mandioca, eu apresentei sobre a fécula da mandioca, ela é feita da mandioca brava, aí tem uma empresa que ela desenvolvia copos descartável aqueles copos de sorvetes e eu achei muito interessante então quando um professor me convidou para ser a orientanda dele e apresentou o projeto eu achei muito interessante e quis participar também para conhecer mais sobre a comunidade, é sobre como era a vivência deles..

Outra questão que foi questionada para elas, é em relação as atividades desenvolvidas no projeto, em que as mesmas disseram:

Aluna da Zootecnia: a gente tinha que fazer uma dinâmica com os produtores com os moradores né com os que estavam participando do projeto, mostrar para eles a questão do resíduo da farinha que não é apenas

cortar lá a raiz e produzir farinha produzir a tapioca, não é apenas isso né, a partir do momento que você arranca ela do solo o que sobra a gente fala o caule né e as folhas, pois as folhas são ricas em proteínas, e o caule em amido então assim dá para utilizar é um subproduto realmente que substitui boa parte do milho que é um amido e boa parte por exemplo do farelo da soja que é uma proteína, então a gente diminui o custo, quem trabalha com essa parte da nutrição animal e utiliza a mandioca tá diminuindo custos, então a minha disciplina né, produção animal foi mostrar para eles que pode ser utilizado levando em consideração todas as questões antinutricionais né, que entra a questão do ácido cianídrico principalmente na mandioca brava que ela tem um teor maior desse ácido, então a gente leva em consideração todos esses manuseio que deve ter com ela a partir do momento que a gente pode fazer silagem, a gente pode fornecer ela frescas, pode desidratar primeiro para tirar o ácido depois fornecer para os animais, então a nossa parte foi essa, foi trabalhar com os produtores o resíduo mesmo do subproduto da mandioca.

Aluna da Administração: As atividades que eu realizei foram bem o oposto das dela, eu fiquei mais na área assim administrativo né, fazendo os levantamentos, os outros participantes fizeram as perguntas as entrevistas e então essas respostas, essas comparações entre uma resposta e outra era eu que fazia, e como registrar a marca também foi eu que fiz a pesquisa, foram mais essas questões administrativas, processos sociais, registro de marca, análise das respostas do pessoal lá do brejão mesmo.

A extensão universitária desempenha um papel fundamental na formação dos estudantes de várias maneiras, principalmente através de projetos de extensão, os estudantes têm a oportunidade de aplicar na prática os conhecimentos teóricos adquiridos em sala de aula. Isso proporciona uma experiência real de trabalho em suas áreas de estudo, ajudando a consolidar e aprofundar seu aprendizado. Ou seja, a interação com comunidades locais, organizações não governamentais e outros parceiros da extensão universitária permite que os estudantes desenvolvam habilidades importantes (Costa; Oliveira, 2022).

Como elas são de áreas diferentes, cada uma teve uma participação que envolvia atividades diferentes desenvolvidas para agregar conhecimento sobre a produção, que foi a cargo da bolsista da área de zootecnia, e a que levou conhecimento técnico sobre administração por ser essa a sua área de estudo. Dentre as dificuldades apontadas por elas, ambas disseram que a interação no início com a comunidade, pela tensão em passar o conhecimento técnico foi o que mais marcou. Depois disso, elas disseram que a experiência em compartilhar o conhecimento técnico para elas foi boa e agregou em sua formação.

Em relação as contribuições que elas observam em sua vida pessoal e profissional após a participação no projeto Farinhando, as alunas responderam:

Aluna da Zootecnia: tive a percepção de que a região é muito esquecida, necessitando de profissionais da área. Dessa forma, participar do projeto foi interessante para poder levar informações e assistência técnica para eles, pois ao participarem do projeto puderam entender como vão desenvolver melhor sua atividade. Então acho que foi um período de experiência interessante de ser essa profissional que pode compartilhar conhecimento com quem precisa, ajudando a impactar a comunidade de alguma forma, além de ajuda-los a ter mais visibilidade.

Aluna da Administração: observei que é uma comunidade bem esquecida, sendo que eu só conhecia o nome Brejão, e não sabia que era uma

comunidade quilombola, ou poderia achar que era só uma fazenda. Então esse projeto trouxe bastante conhecimento para mim, e também foi importante para as pessoas de lá essa integração entre o IF Goiano e o município, porque eles fazem parte da comunidade geral de Campos Belos, então para mim foi muito importante essa questão da integração entre nós como instituição de ensino e eles. Como eles não tem muito acesso a um conhecimento mais específico sobre sua atividade, foi interessante mostrar para eles que podem crescer, comercializar, e ter mais rentabilidade em seus negócios.

Vale destacar alguns momentos das falas das estudantes que demonstram uma visão reducionista da extensão, já apontada em outros momentos desse texto por Paulo Freire (1983), como um "equivoco gnosiológico da extensão", presentes nas falas; "passar todo o conhecimento técnico de uma forma clara", e "participar do projeto foi interessante para poder levar informações e assistência técnica para eles, pois ao participarem do projeto puderam entender como vão desenvolver melhor sua atividade" revela uma concepção de extensão que não valoriza o conhecimento popular e tradicional, não valoriza o diálogo de saberes, como se a extensão fosse uma via de mão única – a instituição ensina, e a comunidade aprende.

Contudo, sabemos que a construção do verdadeiro conhecimento advindo das práticas extensionistas só se materializa por meio de relações dialógicas entre indivíduos que compartilham seus saberes científicos e populares, baseados nas suas vivências de mundo. Envolve a capacidade de ouvir o outro e compreender as diferenças. Segundo Santos *et al* (2021), essa interação dialógica implica na tradução de saberes, na transmissão de práticas entre indivíduos, todos contribuindo com conhecimento a partir das relações estabelecidas, uma vez que ninguém possui um saber absoluto, e hierarquias de saberes não são admitidas.

É compreensível também que as alunas estejam em processo de formação, de acordo com Santos, Dias e Oliveira (2018), a extensão universitária incentiva os estudantes a se envolverem com questões sociais, ambientais e econômicas em suas comunidades. Isso os sensibiliza para as necessidades e desafios enfrentados pela sociedade e os motiva a contribuir para o bem comum através de suas habilidades e conhecimentos. Os estudantes têm a oportunidade de ter contato com realidades sociais, culturais e econômicas diferentes das suas. Isso amplia sua visão de mundo, promovendo a compreensão e o respeito pela diversidade e contribuindo para sua formação como cidadãos globais.

Ou seja, observou-se que a participação do projeto para ambas teve impacto no aperfeiçoamento delas, para cada área profissional, além da sensação pessoal de gratificação por poder contribuir para o desenvolvimento de uma comunidade e na vida das pessoas que a compõem, uma vez que não se imaginava que aquele conhecimento compartilhado seria tão importante para eles, e que faria muita diferença em suas vidas, mudando inclusive a sua produção. Como é o caso já citado, de que eles plantavam as pontas da rama que não são ideais, e na verdade não é a quantidade e sim a qualidade da rama que importa, que tem uma parte da rama cujo plantio é mais adequado, destacando que o fato de demonstrar uma forma diferente de plantio resultou em um aumento da produtividade e facilitou a colheita, então o diálogo entre conhecimentos foi importante.

Além disso, é fato de que a comunidade ganha visibilidade, e mais pessoas e projetos podem querer ajudar em outras coisas, melhorando para todos. Ou seja, as alunas observaram que as pessoas da comunidade se sentiram acolhidas, e que com o projeto, conseguiram investimentos. Então essa atenção especial que o IF Goiano deu e eles, abriu as portas da região e da instituição para eles, para afinar e estreitar esses laços, possibilitando eles estarem procurando a assistência técnica do IF Goiano para auxiliar e ajudar no desenvolvimento da comunidade.

Além disso, ao participar de projetos de extensão, os estudantes têm a chance de construir uma rede de contatos profissionais, incluindo professores, profissionais da área e membros da comunidade. Essa rede pode ser útil para encontrar oportunidades de estágio, emprego e colaboração futura. Através da reflexão sobre suas experiências de extensão, os estudantes são incentivados a desenvolver um senso crítico sobre questões sociais e éticas, questionando suas próprias suposições e preconceitos e buscando soluções mais justas e sustentáveis (Costa; Oliveira, 2022).

Sendo assim, todos esses aspectos já mencionados torna o projeto Farinhando uma prática extensionista desenvolvida junto à comunidade que possibilita o compartilhamento, com o público externo, do conhecimento adquirido por meio do ensino e da pesquisa desenvolvidos na instituição. Além disso, articula o conhecimento científico advindo do ensino e da pesquisa com as necessidades da região onde o Instituto Federal se insere, interagindo e transformando a realidade social e garantindo valores democráticos de igualdade de direitos, respeito à pessoa e sustentabilidade ambiental e social.

7 CONCLUSÃO

Essa pesquisa teve como principal objetivo discutir o projeto Farinhando enquanto prática extensionista e pedagógica do IF Goiano *Campus* Campos Belos. Considera-se que esse objetivo foi alcançado, visto que os dados coletados no projeto permitiram a reflexão e a visão crítica sobre os impactos que as práticas extensionistas podem gerar positivamente em comunidades como esta que foi investigada, bem como na vida e formação profissional dos estudantes envolvidos.

Sobre a comunidade quilombola Brejão, verificou-se no estudo, que está se trata de uma comunidade que requer atenção da sociedade, por ser de origem simples, e às vezes faltarem recursos e oportunidades para desenvolvimento. A maioria dos moradores, quando não saem da comunidade em busca de oportunidades de trabalho em outras regiões, vivem da sua agricultura, o que muitas vezes os coloca em situação de precariedade.

No entanto, apesar dos desafios econômicos e da escassez de recursos, a comunidade Brejão demonstra uma notável resiliência e espírito de solidariedade. Os moradores, com a criação da Associação Quilombola, têm iniciado vários passos para apoiar ações que melhorem a qualidade de vida na comunidade, frequentemente se unindo para enfrentar dificuldades comuns, apoiando-se mutuamente e compartilhando recursos sempre que possível.

A comunidade Brejão possui um vasto potencial para o desenvolvimento sustentável. A riqueza de recursos naturais na região, como terras férteis, água limpa e biodiversidade, oferece oportunidades para iniciativas econômicas sustentáveis, como agricultura orgânica, turismo ecológico e produção de artesanato local. Os moradores de Brejão têm um grande respeito pelo meio ambiente e pela terra que habitam. Práticas de conservação e manejo sustentável dos recursos naturais são incentivadas e promovidas dentro da comunidade, visando proteger a biodiversidade local e garantir a sustentabilidade das gerações futuras.

É bom destacar que a comunidade mantém, além da mandioca, uma produção de açafrão, que é uma grande fonte de renda. Possuem também práticas extrativistas que ajudam na preservação do cerrado e na geração de renda da comunidade. Brejão é uma comunidade quilombola que mantém em sua cultura várias tradições ancestrais, as quais são preservadas e valorizadas. A comunidade mantém vivas práticas culturais, como danças, músicas, rezas, folias e culinária tradicional, transmitindo esses conhecimentos de geração em geração. A simplicidade da vida em Brejão fortalece os laços comunitários entre os seus habitantes. A coesão social é uma característica marcante, onde os moradores se conhecem bem, compartilham histórias e experiências de vida, e trabalham juntos para o bem-estar de todos.

Por isso, o projeto Farinhando realizado pelo IF Goiano *Campus* Campos Belos dentro da comunidade despertou muito os laços entre eles. Com a produção da mandioca e da farinha de mandioca, é perceptível a união e o fortalecimento dos laços entre os envolvidos no projeto e o sentimento de pertencimento à comunidade. Além disso, o projeto Farinhando trouxe uma nova perspectiva para essa comunidade, trazendo conhecimento técnico, e ajudando-os a melhorar seu plantio e colheita de mandioca, bem como a produção de farinha, fortalecendo uma alternativa de renda para eles. Assim, os dados do estudo apontam que o projeto Farinhando possui uma representatividade positiva para a emancipação das pessoas que vivem na comunidade quilombola Brejão.

Já do ponto de vista da formação universitária, verificou-se mediante a roda de conversa realizada com as alunas de graduação em zootecnia e administração, que a experiência de participar de projetos desse tipo, não agregam valor somente para as pessoas da comunidade, mas também para a sua formação profissional como universitárias, além de impactar significativamente nas suas vidas pessoais, por terem a satisfação pessoal de compartilhar conhecimento com essas pessoas.

Em conclusão, os cursos de extensão universitária desempenham um papel importante na promoção do desenvolvimento sustentável e na valorização das comunidades quilombolas. Ao estabelecer parcerias colaborativas entre as instituições de ensino e comunidades, esses cursos oferecem um espaço para o intercâmbio de conhecimentos, e capacitação mútua.

Esses cursos não apenas fornecem aos estudantes uma oportunidade única de aplicar seus conhecimentos em contextos reais, mas também são recomendados para a preservação da cultura, fortalecimento da identidade e promoção dos direitos das comunidades quilombolas. Além disso, esses projetos são fundamentais para o reconhecimento e valorização das tradições, saberes e práticas dessas comunidades, fortalecendo sua capacidade de enfrentar desafios e construir um futuro mais justo e inclusivo.

Em última análise, conclui-se que os cursos de extensão universitária em projetos de extensão, como o que foi realizado na comunidade quilombola Brejão, representam um caminho importante para a construção de relações mais justas, equitativas e solidárias entre a academia e a sociedade, contribuindo para uma educação mais relevante, engajada e transformadora.

8 REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Roberta Lima Machado de Souza; ARAÚJO, Edna Maria de; SILVA, Hilton Pereira da; SANTOS, Carlos Antonio de Souza Teles; NERY, Felipe Souza; SANTOS, Djanilson Barbosa dos; SOUZA, Betania Lima Machado de. Condições de vida, saúde e morbidade de comunidades quilombolas do semiárido baiano, Brasil. **Revista Baiana de Saúde Pública**, v. 43, n. 1, p. 226-246, 2019. Disponível em: <https://rbsp.sesab.ba.gov.br/index.php/rbsp/article/view/2988/2618>. Acesso em: 01 set. 2023.

ACSE - Assessoria de Comunicação Social e Eventos - CAMPUS CAMPOS BELOS. **Comunidade Quilombola do Brejão será Beneficiada com Projeto de Extensão de fabricação de farinha**. 2021. Disponível em: <https://www.ifgoiano.edu.br/home/index.php/component/content/article/162-ultimas-noticias-campos-belos/18380-comunidade-quilombola-do-brejao-sera-beneficiada-com-projeto-de-extensao-de-fabricacao-de-farinha.html>. Acesso em: 12 abr. 2022.

BARROS, Aidil Jesus da Silveira; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. **Fundamentos de metodologia científica ampliada**. São Paulo (SP): Pearson educativa do Brasil, 2000.

BASTOS, Flávia; MARTINS, Fernanda; ALVES, Mara; TERRA, Mauro; LEMOS, Camila Souza. A importância da iniciação científica para os alunos de graduação em Biomedicina. **Revista Eletrônica Novo Enfoque**, v. 11, n. 11, p. 61-66, 2010. Disponível em: <https://docplayer.com.br/7945406-A-importancia-da-iniciacao-cientifica-para-os-alunos-de-graduacao-em-biomedicina.html>. Acesso em: 14 out. 2021.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; BORGES, Maristela Correa. A pesquisa participante: um momento da educação popular. **Revista de Educação Popular**, v. 6, n. 1, jan./dez. 2007. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/19988>. Acesso em: 20 out. 2021.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. **Lei nº 7.668, de 22 de agosto de 1988**. Cria a Fundação Cultural Palmares e dá outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, p. 13305, 23 ago. 1988.

BRASIL. **Lei nº 10.639 de 09 de janeiro de 2003**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Diário Oficial da União, 10 de Janeiro de 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em: 09 mai. 2023.

BRASIL. **Lei nº 11.326 de 24 de julho de 2006**. Estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais. Diário Oficial da União, v. 25, 2006. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/11326.htm. Acesso em: 07 out. 2021.

BRASIL. **Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008**. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Diário Oficial da União, 2008. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111892.htm. Acesso em: 18 abr. 2022.

CANON, Carolina Andréa Soto; PELEGRINELLI, Gisela. Extensão universitária: o impacto de um projeto de extensão na formação profissional dos discentes na educação superior. **Revista UFG**, v. 19, 2019. disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=CANON%2C+Carolina+Andr%C3%A9a+Soto%3B+PELEGRINELLI%2C+Gisela.+Extens%C3%A3o+universit%C3%A1ria%3A+o+impacto+de+um+projeto+de+extens%C3%A3o+na+forma%C3%A7%C3%A3o+profissional+dos+discentes+na+educa%C3%A7%C3%A3o+superior.+Revista+UFG%2C+v.+19%2C+2019.&btnG=. Acesso em: 29 já. 2024.

CAMPAGNOLI, Karina Regalio; ZANON, Denise Puglia. Reflexões sobre as contribuições de um projeto de extensão para a formação inicial no curso de licenciatura em pedagogia. **Revista Conexão UEPG**, v. 15, n. 2, p. 156-164, 2019. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5141/514162119005/514162119005.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2024.

COELHO, Geraldo Ceni. O papel pedagógico da extensão universitária. **Revista Em Extensão, Uberlândia**, v. 13, n. 2, p. 11-24, 2015. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/revextensao/article/view/26682>. Acesso em: 9 jan. 2024.

CONAB - COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. **Preços da mandioca em raiz, fécula e farinha**. Disponível em: <https://www.conab.gov.br/info-agro/analises-domercado-agropecuaria-e-extrativista/analises-do-mercado/historico-mensal-demandioca>. Acesso em 27 de julho de 2022.

CONIF - Conselho Nacional das Instituições Federais de Educação Profissional e Tecnológica. **Extensão Tecnológica Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica**. Cuiabá: CONIF/IFMT, 2013. Disponível em: <https://portal1.iff.edu.br/extensao-e-cultura/arquivo/2016/extensao-tecnologica-rede-federal-de-educacao-profissional-cientifica-e-tecnologica-2013.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2022.

COSTA, Manuela Areias; SILVA, Luciano. Patrimônio cultural, festas e lutas políticas em comunidades quilombolas de Mato Grosso. **Revista Memória em Rede**, v. 12, n. 22, p. 47-68, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/Memoria/article/view/16220>. Acesso em: 20 jan. 2024.

COSTA, Laércio; OLIVEIRA, Mara Rita Duarte de. Os saberes tradicionais e a memória: uma análise das formas de organização da comunidade quilombola do Itacuruçá (Abaetetuba/Pará). **Humanidades & Inovação**, v. 9, n. 1, p. 290-302, 2022. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?start=10&q=projetos+de+extens%C3%A3o+em+comunidades+quilombolas&hl=pt-BR&as_sdt=0,5&as_ylo=2015. Acesso em: 19 jan. 2024.

CRISTOFOLETTI, Evandro Coggo; SERAFIM, Milena Pavan. Dimensões metodológicas e analíticas da extensão universitária. **Educação & Realidade**, v. 45, p. e90670, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/jY9GgBb45W8YhHLQYCggLNt/>. Acesso em: 18 jan. 2024.

CRUZ, Breno de Paula Andrade; MELO, Willian dos Santos; MALAFAIA, Fernando César Benevenuto; TENÓRIO, Fernando Guilherme. Extensão universitária e responsabilidade social: 20 anos de experiência de uma instituição de ensino superior. **Environmental & Social Management Journal/Revista de Gestão Social e Ambiental**, v. 5, n. 3, 2011. Disponível em: <https://encurtador.com.br/lyUY6>. Acesso em: 01 fev. 2024.

DE SÁ, Maria Aparecida Munin; MONICI, Sandra Cristina Borges; CONCEIÇÃO, Márcio Magera. A importância do projeto de extensão e o impacto que ele tem no processo formativo dos estudantes universitários. **Revista Científica ACERTTE**, v. 2, n. 3, p. e2365-e2365, 2022.

EMBRAPA - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. **Artigo - Agricultura familiar, desafios e oportunidades rumo à inovação**. 2018. Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/31505030/artigo---agricultura-familiar-desafios-e-oportunidades-rumo-a-inovacao>. Acesso em: 07 out. 2021.

FORPROEX - Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras. **Extensão Universitária: Organização e Sistematização**. Belo Horizonte: Coopmed, 2007. Disponível em: <https://www.ufmg.br/proex/renex/images/documentos/Organizacao-e-Sistematizacao.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2024.

FORPROEX - Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras. **Política Nacional de Extensão Universitária**. Manaus-AM, 2012. Disponível em: https://proexc.ufu.br/sites/proexc.ufu.br/files/media/document//Politica_Nacional_de_Extensao_Universitaria_-FORPROEX-_2012.pdf. Acesso em: 09 jan. 2024.

FURTADO, Marcella Brasil; PEDROZA, Regina Lúcia Sucupira; ALVES, Cândida Beatriz. Cultura, identidade e subjetividade quilombola: uma leitura a partir da psicologia cultural. **Psicologia & Sociedade**, v. 26, p. 106-115, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/inter/a/DzBLbtsXYmTr5qZ3YGvTCGr/>. Acesso em: 17 jan. 2024.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 14ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. Disponível em: https://docs.google.com/file/d/0B17CBEPMBxFWVXIDY1RnSTdvbk0/edit?resourcekey=0-fiCaTRO1mEiHM4l6rf_w2w. Acesso em: 12 mar. 2024.

GADOTTI, Moacir. **História das ideias pedagógicas**. 8ª ed. São Paulo: Ática, 2003.

GADOTTI, Moacir. Extensão universitária: para quê. **Instituto Paulo Freire**, v. 15, p. 1-18, 2017. Disponível em: https://www2.unifap.br/prosear/files/2023/06/arg20230615_Extensao_Universit-MoacirGadotti_fev2017.pdf. Acesso em: 07 fev. 2024.

GARCIA, Berenice Rocha Zabbot; PESCE, Marly Kruger de; MUNHOZ, Elzira Maria Bagatim. As práticas extensionistas na formação inicial e a autonomia docente. **Interfaces da Educação**, v. 12, n. 35, p. 942-959, 2021.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo, Editora Atlas, 2002. Disponível em: https://professores.faccat.br/moodle/pluginfile.php/13410/mod_resource/content/1/como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf. Acesso em: 04 out. 2021.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2008. Disponível em: <https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9nicas-de-pesquisa-social.pdf>. Acesso em 31 mai. 2022.

GOMES, Flávio dos Santos. **Mocambos e quilombos: uma história do campesinato negro no Brasil**. Editora Companhia das Letras, 2015. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=o-E1CwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT9&dq=cultura+quilombolas+&ots=1Wgv8Teg-__&sig=dmEOLj5u4Cs_DJ6qnQCjgdJQ7gM#v=onepage&q=cultura%20quilombolas&f=false. Acesso em: 07 nov. 2023.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Brasileiro de 2021**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA GOIANO - CAMPUS CAMPOS BELOS-GO. **PPC Farinhando: Produção, comercialização da mandioca e seus derivados e aproveitamento de seus subprodutos**. Campos Belos-GO, 2022. 19 p. Disponível em: <https://editoralicyuri.com.br/index.php/ojs/article/view/31>. Acesso em: 30 jan. 2024.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA GOIANO - CAMPUS CAMPOS BELOS-GO. **Projeto Farinhando**. Campos Belos-GO, 2021. Instagram: @projctofarinhandando. Disponível em: <https://www.instagram.com/projetofarinhandando/>. Acesso em: 15 nov. 2023.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA GOIANO. **Plano de Trabalho Farinhando**. Goiânia, 2021. 13 p.

JACINTO, Luis César Rodrigues. **Saberes de resistência, identidades e pertencimentos no sul do Brasil: modos de ser e viver nas narrativas de quilombolas da Comunidade de Palmas (Bagé, RS)**. 2019. 138 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Ensino) - Universidade Federal do Pampa, Bagé, 2019. Disponível em: <https://repositorio.unipampa.edu.br/handle/rii/4748>. Acesso em: 03 nov. 2023.

LEITE, Matheus de Mendonça Gonçalves. Territórios quilombolas e mineração: reflexões críticas sobre o direito à consulta e ao consentimento prévio das comunidades quilombolas nos processos de licenciamento ambiental. **Revista de Direito da Cidade**, v. 10, n. 4, p. 2106-2142, 2018. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/rdc/article/view/30093>. Acesso em: 17 out. 2023.

MEC – Ministério da Educação. **Cursos de Formação Inicial e Continuada (FIC) ou Qualificação Profissional**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cursos-da-ept/formacao-inicial-e-continuada-ou-qualificacao-profissional>. Acesso em: 28 jun. 2024.

OLIVEIRA, Sanni Moraes de; MENEZES JUNIOR, Jonas Oliveira; SILVA JUNIOR, Sergio Vital da; DIAS Maria Djair; FERNANDES, Maria Das Graças Melo; FERREIRA FILHA, Maria De Oliveira. Rodas de terapia comunitária: construindo espaços terapêuticos para idosos em comunidades quilombolas. **Revista de Enfermagem da UFSM**, v. 7, n. 4, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reufsm/article/view/20299/pdf>. Acesso em: 19 jan. 2024.

O VETOR (Jornal). **O Quilombo do Brejão – associação busca fortalecer comunidade existente em Campos Belos-GO**. 2021. Disponível em: <https://ovetor.com.br/quilombo-do-brejao-associacao-busca-fortalecer-comunidade-existente-em-campos-belos-go/>. Acesso em: 20 maio. 2022.

PAIVA, Marcelo Cardoso de. Entre a lembrança e o esquecimento: memória, história e patrimônio cultural afro-brasileiros. **Revista Brasileira de História**, v. 41, p. 57-80, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/q9hD3F5qsTV4TmF4mqzqxQJ/?lang=pt#>. Acesso em: 01 out. 2023.

PIANA, Maria Cristina. A construção do perfil do assistente social no cenário educacional. In: _____. **A pesquisa de campo**. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 233 p. Disponível em: <books.scielo.org/id/vwc8g/pdf/piana-9788579830389-06.pdf>. Acesso em: 16 out. 2021.

PINOTTI, Carla. Extensão universitária: cenário e financiamento. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 5, p. e89953150-e89953150, 2020. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/3150/5286>. Acesso em: 02 fev. 2024.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=zUDsAQAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA13&dq=PRODANOV,+C.+C%3B+FREITAS,+E.+C.+de.+Metodologia+do+trabalho+cient%3%ADfico:+m%3%A9todos+e+t%3%A9nicas+da+pesquisa+e+do+trabalho+acad%3%AAmico.+2.+ed.+Novo+Hamburgo:+Feevale,+2013.&ots=ddX7abyfFO&sig=zCpHq425d3VsLnQW0CFT6tKc4c#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 30 já. 2024.

RIOS, David Ramos da Silva; SOUSA, Daniel Andrade Barreto de; CAPUTO, Maria Constantina. Diálogos interprofissionais e interdisciplinares na prática extensionista: o caminho para a inserção do conceito ampliado de saúde na formação acadêmica. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 23, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/Y5JFvLzLD3H8sWGLHgc9ZJz/?lang=pt>. Acesso em: 12 jan. 2024.

SANTOS, Danielli Gislaíne Lima dos; LIMBERGER, Débora Cristina; TREZZI, Iuri; DAMITZ, Letícia Oliveira; BONELLI, Kely Rathke; DILL, Suelen Caroline; LEITE, Marinês Tambara; HILDEBRANDT, Leila Mariza. Programa de educação tutorial de enfermagem reorganizando atividades extensionistas no período de pandemia por coronavírus. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 2, p. 20160-20168, 2021. Disponível em:

<https://www.brazilianjournals.com/ojs/index.php/BRJD/article/download/25309/20197>.
Acesso em: 03 jan. 2024.

SANTOS, Vitoria Carmo dos; DIAS, Acácia Batista; OLIVEIRA, Ildes Ferreira de. MULHERES QUILOMBOLAS E SUAS EXPERIÊNCIAS DE ORGANIZAÇÃO-SÍTIO SANTANA, LAMARÃO/BA. **Revista Conexão UEPG**, v. 14, n. 2, p. 178-186, 2018. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5141/514161375004/514161375004.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2024.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, quilombos modos e significações**. Brasília: INCTI, 2015. Disponível em: http://cga.libertar.org/wp-content/uploads/2017/07/BISPO-Antonio.-Colonizacao_Quilombos.pdf. Acesso em: 12 mar. 2024.

SEAPA - Secretaria de Estado de Agricultura, Pecuária e Abastecimento do Goiás. **Agro em Dados**. Goiânia: SEAPA, 2021. Disponível em: <https://www.agricultura.go.gov.br/files/AgroemDados21/DEZEMBROAGROEMDADOS.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2022.

SEPPIR - Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. **Programa Brasil Quilombola: orientações para implementação das ações previstas no Programa Brasil Quilombola (PBQ)**, 2013.

SILVA, Agnaldo Antônio Moreira Teodoro da; SILVA, Anderson Dutra e; FELICIANO, Aurelio Caetano; SANTOS, Cláudia Gomes de Oliveira; ARGÔLO, Eduardo Dourado; TOLEDO, Eduardo Martins; PARADA, Joaquim Orlando; SILVA, Talles Santos Faria. Curricularização da extensão em cursos de graduação. **Anais do Seminário de Atualização de Práticas Docentes**, v. 5, n. 2, p. 93-101, 2023.

SILVA, André Ricardo Fonsêca da. Políticas públicas para comunidades quilombolas: uma luta em construção. **Política & trabalho**, n. 48, p. 128, 2018. Disponível em: <https://www.proquest.com/openview/8ffe3bf4a14cd2cc726a890d214e6ea7/1?pq-origsite=gscholar&cbl=2040281>. Acesso em: 09 set. 2023.

SILVA, Thacya Clédina da. **Dispositivos de reconhecimento da identidade quilombola na política pública brasileira: o selo quilombos do Brasil**. 2022. Tese (Doutorado em Extensão Rural) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS: 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/30250>. Acesso em: 29 set. 2023.

SILVA, José Carlos Gomes da. **Religiões Afro-Brasileiras: resistência e identidade cultural**. São Paulo: Editora Afro-brasileira, 2019.

SOUZA, Márcia Lúcia Anacleto de. **"Ser quilombola" e: identidade, território e educação na cultura infantil**. 2015. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP: 2015. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/963444>. Acesso em: 30 set. 2023.

SUPLICY, Eduardo; CURY, Samir. A renda mínima garantida como proposta para remover a pobreza no Brasil. **Brazilian Journal of Political Economy**, v. 14, p. 110-129, 2023. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rep/a/J8TVjTvZ66tKdsC4mz8kwFQ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 01 fev. 2024.

SNA - Sociedade Nacional de Agricultura. **Mandioca: o ‘Pão do Brasil’ faz parte da história da agricultura nacional**. 2017. Disponível em: <https://www.sna.agr.br/mandioca-o-pao-do-brasil-faz-parte-da-historia-da-agricultura-nacional/>. Acesso em: 19 abr. 2022.

SENAR - Serviço Nacional de Aprendizagem Rural. **Conhecimento e assistência técnica**. 2018. Disponível em: <https://www.cnabrazil.org.br/artigos/conhecimento-e-assistencia-tecnica>. Acesso em: 23 out. 2021.

UFES - Universidade Federal do Espírito Santo. **O que é extensão universitária?** 2013. Disponível em: <https://proex.ufes.br/o-que-e-extensao-universitaria>. Acesso em: 19 out. 2021.

VIEIRA, Francisco Giovanni David. Ensino de Marketing por meio de entrevista semi-estruturada. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 17, n. 195, p. 01-08, 2017. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/34940>. Acesso em 09 jun. 2022.

VIEIRA, Marcelo Milano Falcão; ZOUAIN, Deborah Moraes. **Pesquisa qualitativa em administração: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

9 APÊNDICES

Apêndice A - Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE)

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa: intitulada **“COMUNIDADE QUILOMBOLA E PRÁTICA EXTENSIONISTA: UMA ANÁLISE DO PROJETO “FARINHANDO” DO IF GOIANO NA COMUNIDADE BREJÃO (CAMPOS BELOS-GO)”**. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, este documento deverá ser assinado em duas vias, sendo a primeira de guarda e confidencialidade do Pesquisador responsável e a segunda ficará sob sua responsabilidade para quaisquer fins.

Em caso de recusa, você não será penalizado (a) de forma alguma. Em caso de dúvida sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com o pesquisador responsável **Gleno Pereira Marques** através do telefone: (63) 98107-1951 ou através do e-mail gleno.marques@gmail.com. Em caso de dúvida sobre a ética aplicada a pesquisa, você poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Federal Goiano (situado na Rua 88, nº310, Setor Sul, CEP 74085-010, Goiânia, Goiás. Caixa Postal 50) pelo telefone: (62) 9 9226 3661 ou pelo email: cep@ifgoiano.edu.br.

Sobre a pesquisa é importante assinalar que:

- 1. A presente pesquisa é motivada pela vontade de contribuir para o êxito do Projeto Farinhandando e outros projetos similares a serem desenvolvidos pelo IF Goiano e outras instituições, pois acreditasse que ao divulgar essa pesquisa ela possa incentivar que práticas extensionistas que promovam a difusão de conhecimento e a inclusão social se expandam ultrapassando os muros das instituições. Ela se justifica pela necessidade de verificar se o projeto tem cumprido a sua função extensionista de socialização do conhecimento com a comunidade, a fim de promover o desenvolvimento socioeconômico local e regional.**
- 2. O objetivo dessa pesquisa é analisar o projeto Farinhandando enquanto prática extensionista e pedagógica do IF Goiano *Campus* Campos Belos. Para a coleta de dados será utilizado o instrumento de roda de conversa que consistirá em três rodas, a primeira com convidados da Comunidade Quilombola Brejão para falarem sobre sua história, cultura e saberes. A segunda com os participantes do projeto farinhandando da Comunidade Quilombola Brejão. A terceira com os alunos dos cursos regulares do IF Goiano participantes do projeto. Todas essas rodas de conversas têm como propósito conhecer a comunidade, compreender qual a contribuição em potencial do projeto Farinhandando na vida da Comunidade Quilombola Brejão, e demonstrar a importância da participação de alunos no projeto para sua formação profissional.**
3. Os riscos inerentes a você, participante, são mínimos e envolvem aspectos como: incômodo, cansaço, dúvidas com as perguntas elaboradas, mas, não serão riscos perigosos à vida, apenas riscos que poderão causar algum tipo de constrangimento. Para minimizar os riscos, você terá assistência integral e imediata durante todo o período da pesquisa e toda a execução do projeto por meio dos contatos do pesquisador responsável Gleno Pereira Marques através do telefone: (63) 98107-1951 ou através do e-mail gleno.marques@gmail.com. Além disso, pretende-se suspender imediatamente a participação bem como assegurar a você, participante, que não haverá nenhum prejuízo de sua recusa neste estudo em qualquer momento desta investigação.
4. Os benefícios provenientes de sua participação, possibilitará fazerem uma autorreflexão sobre sua participação no projeto e todo itinerário formativo construído ao longo dele, além de auxiliará os pesquisadores de forma eficaz para alcançar conclusões do projeto.

5. Você será esclarecido(a) sobre a pesquisa em qualquer tempo e aspecto que desejar, através dos meios citados acima. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento, sendo sua participação voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade.

6. O pesquisador irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo e todos os dados coletados servirão apenas para fins de pesquisa. Seu nome ou o material que indique a sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não será identificado(a) em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo.

7. Sua participação no estudo não implicará em custos adicionais, não terá qualquer despesa com a realização dos procedimentos previstos neste estudo. Também não haverá nenhuma forma de pagamento pela sua participação. Mas caso venha ter alguma despesa eventual é garantido o direito ao ressarcimento da despesa diretamente decorrente de sua participação na pesquisa via depósito em conta corrente mediante a apresentação do respectivo comprovante da despesa.

8. Caso você participante venha a sofrer qualquer tipo de dano resultante de sua participação na pesquisa, tem direito a assistência e a buscar indenização por meio das vias judiciais (Código Civil, Lei 10.406 de 2002, Artigos 927 a 954 e Resolução CNS n.º 510, de 2016, Artigo 9, Inciso VI).

Ciente e de acordo com o que foi anteriormente exposto, eu _____, estou de acordo em participar da pesquisa intitulada **“COMUNIDADE QUILOMBOLA E PRÁTICA EXTENSIONISTA: UMA ANÁLISE DO PROJETO “FARINHANDO” DO IF GOIANO NA COMUNIDADE BREJÃO (CAMPOS BELOS-GO)”**, de forma livre e espontânea, podendo retirar a qualquer meu consentimento a qualquer momento.

_____, de _____ de 20 ____.

Assinatura do responsável pela pesquisa

Assinatura do participante

Apêndice B - Roteiro Sobre a História da Comunidade Brejão

1. Contem a história da comunidade... como ela começou? Quem foram os primeiros a chegar aqui?
2. O que vocês plantam atualmente na comunidade?
 - 2.1. Tem algo que vocês plantavam antes, e que agora não plantam mais?
 - 2.2. Tem algo que vocês não plantavam antes, e que agora plantam?
3. Como vocês plantam atualmente, e como vocês plantavam antes? Vocês verificam mudanças nas maneiras e ferramentas utilizadas em relação aos seus avós?
 - 3.1. Vocês usam algum tipo de insumo como; adubos ou agrotóxicos? Se sim quais?
4. Que animais vocês criam ou criavam? Como é a criação ou era?
5. Vocês percebem alguma mudança na comunidade e na região em relação ao clima, ao solo, às águas, aos cultivos, às plantas e animais?
6. Quais as fontes de renda da comunidade? Agricultura, serviços...? Como era antes, como é agora?
7. Quais conquistas alcançadas pela comunidade ao longo do tempo vocês ressaltam?
8. Que mudanças/melhorias vocês desejam para comunidade? O que vocês acham importante fazer para alcançar essas mudanças?

Apêndice C - Roteiro do Participante do Projeto da Comunidade Brejão

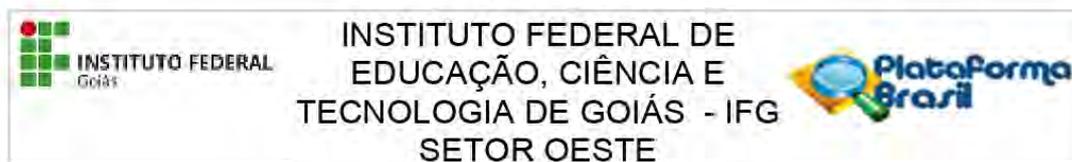
1. O que motivou vocês a participarem do projeto Farinhando?
2. Antes de participar do projeto vocês já tiveram alguma experiência com o plantio de mandioca e produção de farinha?
3. Descrevam seu modo de produção, beneficiamento e comercialização da mandioca.
4. Suas maneiras ou visão de como plantar mandioca, produzir seus derivados como a farinha, e comercialização mudaram após as aulas, ou permaneceram da mesma forma?
5. Quais pontos vocês identificaram através das aulas para melhorar a produção, beneficiamento e comercialização da mandioca?
6. O que vocês acharam das aulas e da capacitação técnica oferecidas pelo IF Goiano?
7. Que mudanças ou benefícios o projeto Farinhando trouxe para suas vidas?

Apêndice D - Roteiro do Estudante do IF Goiano Participante do Projeto

1. Vocês já conheciam a comunidade Quilombola Brejão antes da participação no projeto?
2. O que motivou vocês a participarem do projeto Farinhando?
3. Gostaria que cada um de vocês descrevessem as atividades desenvolvidas por vocês no projeto?
4. Vocês encontraram alguma dificuldade ao longo do projeto? Quais?
5. De que forma a participação no projeto Farinhando contribuiu em suas vidas pessoal e profissional?

10 ANEXOS

Anexo A - Aprovação no comitê de ética e pesquisa do IFG



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: COMUNIDADE QUILOMBOLA E PRÁTICA EXTENSIONISTA: UMA ANÁLISE DO PROJETO "FARINHANDO" DO IF GOIANO NA COMUNIDADE BREJÃO (CAMPOS BELOS-GO)

Pesquisador: GLENO PEREIRA MARQUES

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 64634822.1.0000.8082

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.814.244

Apresentação do Projeto:

COMUNIDADE QUILOMBOLA E PRÁTICA EXTENSIONISTA: UMA ANÁLISE DO PROJETO "FARINHANDO" DO IF GOIANO NA COMUNIDADE BREJÃO (CAMPOS BELOS-GO)

Pesquisador: GLENO PEREIRA MARQUES

"O projeto de extensão Farinhando do IF Goiano é realizado na Comunidade Quilombola Brejão localizada no município de Campos Belos-GO, em parceria com a Secretaria Nacional de Promoção à Igualdade Racial (SNPIR), vinculada ao Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos (MMFDH), e tem como objetivo fortalecer os arranjos produtivos locais promovendo o desenvolvimento econômico e social da região proporcionando o aumento da renda das famílias participantes, e também propiciar o desenvolvimento de projetos de ensino e pesquisa para discentes dos cursos do campus. Sendo assim, esta pesquisa pretende analisar o projeto Farinhando enquanto prática extensionista e pedagógica do IF Goiano Campus Campos Belos, além de conhecer a comunidade Quilombola Brejão buscando compreender qual a contribuição em potencial do projeto Farinhando na vida da Comunidade, e também demonstrar a importância da participação de alunos no projeto para sua formação profissional. A pesquisa utilizará a abordagem qualitativa, o procedimento técnico utilizado será o estudo de caso, e os instrumentos de pesquisa serão aplicação de questionário e entrevista. Espera-se nessa pesquisa levantar

Endereço: Rua C-198 Quadra 500

Bairro: SETOR OESTE

CEP: 74.270-040

UF: GO

Município: GOIANIA

Telefone: (62)3612-2239

E-mail: cep@ifg.edu.br



INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DE GOIÁS - IFG
SETOR OESTE



Continuação do Parecer: 5.814.244

informações com o objetivo de contribuir para o êxito do Projeto Farinhando e outros projetos similares a serem desenvolvidos pelo IF.”

“A extensão constitui um dos três pilares da educação e é através dela que os Institutos Federais de Educação promovem a difusão, a socialização e a democratização do conhecimento produzido, estabelecendo uma relação dialógica entre o conhecimento acadêmico e tecnológico e a comunidade, promovendo a troca de saberes, contribuindo com o desenvolvimento dos diferentes setores econômicos populares, sociais e culturais da sociedade, no âmbito local, regional e nacional (CONIF, 2013).

A extensão está presente no Art. 6 da Lei nº 11.892 de 29 de dezembro de 2008 de criação dos Institutos Federais como sendo uma das suas finalidades orientar sua oferta formativa em benefício da consolidação e fortalecimento dos arranjos produtivos, sociais e culturais locais, identificados com base no mapeamento das potencialidades de desenvolvimento socioeconômico e cultural no âmbito de atuação do Instituto Federal.

Partindo desse princípio, o projeto de extensão Farinhando do IF Goiano campus Campos Belos é realizado em parceria com a Secretaria Nacional de Promoção à Igualdade Racial (SNPIR), vinculada ao Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos (MMFDH), e tem como objetivo fortalecer os arranjos produtivos locais e promover o desenvolvimento econômico e social da região proporcionando o aumento da renda das famílias participantes.

O projeto Farinhando é realizado na Comunidade Quilombola Brejão localizada no município de Campos Belos-GO. O projeto se concretiza a partir da oferta de um curso de Formação Inicial e Continuada (FIC) na área do projeto denominado “Produção, comercialização da mandioca e seus derivados e aproveitamento de seus subprodutos”, ofertado para 30 membros da comunidade desde 19 de fevereiro de 2022. Essa é a primeira ação desenvolvida pelo IF Goiano diretamente nesta comunidade. Outro projeto que envolve a Comunidade Brejão e o IF é a Feira Popular da Agricultura Familiar em parceria com a Superintendência de Desenvolvimento do Centro-Oeste (SUDECO), no qual a comunidade tem a oportunidade de vender suas produções.

A ação também tem como objetivo propiciar o desenvolvimento de projetos de ensino e pesquisa para discentes do curso técnico em agropecuária, bacharelado em zootecnia e bacharelado em administração. Sendo que, do ponto de vista da instituição de ensino, a prática extensionista tem como resultado o engajamento do educando com a realidade da região em que vive, percebendo as dificuldades com que as famílias se deparam. Além disso, a prática constitui em um lugar privilegiado para o desenvolvimento do conhecimento, o que somente as aulas teóricas não garantem.

Endereço: Rua C-198 Quadra 500

Bairro: SETOR OESTE

CEP: 74.270-040

UF: GO

Município: GOIANIA

Telefone: (62)3612-2239

E-mail: cep@ifg.edu.br

Página 02 de 14



INSTITUTO FEDERAL
Goiás

INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DE GOIÁS - IFG
SETOR OESTE



Continuação do Parecer: 5.814.244

Procura-se então nessa pesquisa levantar informações com o objetivo de contribuir para o êxito do Projeto Farinhando e outros projetos similares a serem desenvolvidos pelo IF, bem como verificar se o projeto tem cumprido a sua função extensionista de socialização do conhecimento com a comunidade, a fim de promover o desenvolvimento socioeconômico local e regional.

Sendo assim, propõe-se aqui fazer a difusão dos dados que envolvem a prática extensionista do projeto, procurando expor todos os aspectos desde a criação do projeto, quais desafios encontrados, quais os conhecimentos e práticas transmitidas, o que mudou na vida dos participantes e familiares da Comunidade Quilombola Brejão com a participação no projeto, qual o papel dos alunos e servidores envolvidos. Enfim procura-se analisar todo o processo com intuito de incentivar que práticas extensionistas que promovam a difusão de conhecimento e a inclusão social se expandam ultrapassando os muros das instituições."

Objetivo da Pesquisa:

"A presente pesquisa pretende analisar o projeto de extensão Farinhando do IF Goiano Campus Campos Belos desenvolvido na Comunidade Quilombola Brejão."

" Objetivo Geral

Analisar o projeto Farinhando enquanto prática extensionista e pedagógica do IF Goiano Campus Campos Belos.

Objetivos Específicos

Conhecer a comunidade Quilombola Brejão;

Compreender qual a contribuição em potencial do projeto Farinhando na vida da Comunidade Quilombola Brejão;

Demonstrar a importância da participação de alunos no projeto para sua formação profissional."

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

b) Parecer: Atende a legislação

"Os riscos pertinentes ao participante são mínimos, e envolvem aspectos como: incômodo, cansaço, dúvidas com as perguntas elaboradas, mas, não serão riscos perigosos à vida, apenas riscos que poderão causar algum tipo de constrangimento. Para minimizar os riscos, você terá assistência integral e imediata durante todo o período da pesquisa e toda a execução do projeto por meio dos contatos do pesquisador responsável Gleno Pereira Marques através do telefone: (63)

Endereço: Rua C-198 Quadra 500

Bairro: SETOR OESTE

UF: GO

Município: GOIANIA

CEP: 74.270-040

Telefone: (62)3612-2239

E-mail: cep@ifg.edu.br



INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DE GOIÁS - IFG
SETOR OESTE



Continuação do Parecer: 5.814.244

98107-1951 ou através do e-mail gleno.marques@gmail.com.

Em caso de contato de participante que apresente algum incômodo, dúvidas, desconforto ou qualquer outro tipo de riscos pertinentes a sua participação será atendido através de e-mail, de ligações, e se for o caso será agendado uma visita a localidade do participante para uma conversa afim de assegurar os cuidados necessários. Além disso, pretende-se suspender imediatamente a participação bem como assegurar ao participante que não haverá nenhum prejuízo de sua recusa neste estudo em qualquer momento desta investigação.

Os benefícios provenientes da participação dos indivíduos farão com que eles façam uma autorreflexão sobre sua participação no projeto e todo itinerário formativo construído ao longo dele, além de auxiliar os pesquisadores de forma eficaz para alcançar conclusões do projeto."

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

4.1. Tema e Objeto da Pesquisa:

"A presente pesquisa pretende analisar o projeto de extensão Farinhando do IF Goiano Campus Campos Belos desenvolvido na Comunidade Quilombola Brejão."

4.2. Relevância Social:

"A Comunidade Quilombola Brejão localizada no município de Campos Belos Goiás é uma comunidade centenária, mas muito pouco conhecida, dessa forma procurasse levantar informações sobre a comunidade tendo em vista que praticamente não há trabalhos acadêmicos sobre ela, e muitas vezes nem mesmo os moradores da cidade sabem sobre sua localidade, características, ou até mesmo existência, sendo assim, essa pesquisa visa conhecer um pouco a história da comunidade e dar visibilidade a ela, o que pode contribuir para luta da comunidade na busca pela inserção nas pautas de ações dos governos e valorização da identidade cultural das famílias que ali residem.

A pesquisa também se justifica pela necessidade de verificar se os projetos de extensão oferecidos pelas instituições de educação em particular o projeto Farinhando do IF Goiano tem cumprido a sua função extensionista de socialização do conhecimento com a comunidade, a fim de promover o desenvolvimento socioeconômico local e regional. Sendo a pesquisa motivada pela vontade de contribuir para o êxito do Projeto Farinhando e outros projetos similares a serem desenvolvidos pelo IF é outras instituições, pois acreditasse que ao divulgar essa pesquisa ela possa incentivar que práticas extensionistas que promovam a difusão de conhecimento e a inclusão social se

Endereço: Rua C-198 Quadra 500

Bairro: SETOR OESTE

UF: GO

Município: GOIANIA

CEP: 74.270-040

Telefone: (62)3612-2239

E-mail: cep@ifg.edu.br



INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DE GOIÁS - IFG
SETOR OESTE



Continuação do Parecer: 5.814.244

expandam ultrapassando os muros das instituições.”

4.3. Metodologia, incluindo local, população e amostra, métodos de coleta:

Retirar as informações do projeto

Relata-se: Inserir texto na íntegra, entre aspas

Emitir parecer a ou b:

b) Parecer: Atende a legislação

“Local de realização da pesquisa

A pesquisa acontecerá na Comunidade Quilombola Brejão localizada no município de Campos Belos-Goiás, e no IF Goiano Campus Campos Belos.

População a ser estudada

Moradores da Comunidade Quilombola Brejão de Campos Belos – Goiás, e alunos do IF Goiano participantes do projeto Farinhando, que concordarem com o termo de aceite da pesquisa.”

“Metodologia

Esta pesquisa utilizará a abordagem qualitativa que, de acordo com Vieira e Zouain (2005), atribui importância fundamental aos depoimentos dos atores sociais envolvidos, aos discursos e aos significados atribuídos e transmitidos por eles, prezando pela descrição detalhada dos fenômenos e dos elementos que o envolvem.

Nesse sentido, o procedimento técnico utilizado será o estudo de caso que, segundo Gil (2002), é caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou mais objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento. Conforme Prodanov e Freitas (2013, p. 60), “o estudo de caso consiste em coletar e analisar informações sobre determinado indivíduo, uma família, um grupo ou uma comunidade, a fim de estudar aspectos variados de sua vida, de acordo com o assunto da pesquisa”.

Será realizado um levantamento bibliográfico através da seleção de literatura em livros, periódicos científicos e artigos da internet de autores que tratem de questões relacionadas a comunidades quilombolas, agricultura familiar, extensão universitária, cultivo da mandioca e produção da farinha, afim de ter conhecimento sobre o que já foi estudado na temática, construindo assim uma fundamentação teórica sólida.

Posteriormente, serão feitas visitas à Comunidade Quilombola Brejão para a apresentação da proposta, bem como o engajamento no projeto como voluntário, o que nos permitirá ter uma visão a partir de dentro das nuances do projeto.

Endereço: Rua C-198 Quadra 500

Bairro: SETOR OESTE

UF: GO

Município: GOIANIA

Telefone: (62)3612-2239

CEP: 74.270-040

E-mail: cep@ifg.edu.br



INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DE GOIÁS - IFG
SETOR OESTE



Continuação do Parecer: 5.814.244

Além disso, será utilizado como instrumento de pesquisa a roda de conversa que Segundo Moura e Lima (2014), é um instrumento de produção de dados em que o pesquisador se insere como sujeito da pesquisa pela participação na conversa, constituindo-se em um método de participação coletiva e de partilha de conhecimento entre os envolvidos, no qual há a socialização de saberes, a troca de experiências, e o debate acerca de determinada temática em que é possível dialogar com os sujeitos que se expressam e escutam seus pares e a si mesmos por meio do exercício reflexivo que possibilita construir e reconstruir novos conhecimentos sobre a temática proposta.

Nessa perspectiva a roda de conversa possibilitará produzir dados ricos em conteúdos e significados que nos permitirá conhecer a comunidade Quilombola Brejão e compreender a importância da extensão universitária e do projeto Farinhando do IF Goiano campus Campos Belos, e consistirá em três rodas de conversa.

A 1ª roda de conversa será com a Comunidade Quilombola Brejão a fim de atender ao primeiro objetivo específico de conhecer a Comunidade Quilombola Brejão, e trará questões como:

1. Quais as origens da comunidade Quilombola do Brejão?
2. Aproximadamente quantas pessoas vivem na comunidade?
3. Quando foram reconhecidos como Quilombolas?
4. Quando foi criada a associação?
5. Qual objetivo da criação da associação?
6. De onde vêm a principal fonte de renda da comunidade?
7. Como é feita a comercialização dos produtos?

A 2ª roda de conversa será com os 30 participantes do projeto Farinhando da Comunidade Quilombola Brejão terão questões específicas que completem o segundo objetivo específico, que consiste em compreender qual a contribuição em potencial do projeto Farinhando na vida da comunidade através de questões como:

1. De onde vem sua principal fonte de renda?
2. Descreva seu modo de produção, beneficiamento e comercialização da mandioca.
3. Quais aspectos você identifica para melhorar a produção, beneficiamento e comercialização da mandioca através das aulas e da capacitação técnica oferecidas pelo IF Goiano?
4. Que mudanças ou benefícios o projeto Farinhando trouxe para sua vida?

Já a 3ª será com 6 alunos do IF Goiano as questões contemplarão o terceiro objetivo específico de demonstrar a importância da participação de alunos no projeto para sua formação profissional.

Endereço: Rua C-198 Quadra 500

Bairro: SETOR OESTE

CEP: 74.270-040

UF: GO

Município: GOIANIA

Telefone: (62)3612-2239

E-mail: cep@ifg.edu.br



INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DE GOIÁS - IFG
SETOR OESTE



Continuação do Parecer: 5.814.244

1. Qual seu curso?
2. Você já conhecia a comunidade Quilombola do Brejão antes da participação no projeto?
3. Descreva brevemente as atividades desenvolvidas por você no projeto?
4. De que forma a participação no projeto Farinhando contribuiu em sua vida e em sua formação?

Todos os dados colhidos serão analisados e sistematizados em forma de texto, quadros e gráficos que servirão para compreender a importância da prática extensionista do IF Goiano campus Campos Belos, conhecer a comunidade Quilombola Brejão, bem como a contribuição do projeto Farinhando na vida delas, e demonstrar a importância da participação de alunos no projeto para sua formação profissional.

Recrutamento

Informarei previamente ao coordenador do projeto Farinhando sobre minha intenção em desenvolver a pesquisa e sobre o processo de recrutamento, então irei até a comunidade Quilombola Brejão em um dia reunião ou atividade do projeto Farinhando e explicarei sobre os objetivos e a metodologia da pesquisa, e o quanto será importante a participação deles para a construção desta pesquisa.

Posteriormente serão marcados encontros para as rodas de conversas com dias, locais, e horários definidos, e caso os participantes sintam interesse em participar da pesquisa, de forma voluntária, comparecerão e assinarão o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE.

Instrumento de Coleta de Dados

O instrumento que será utilizado para coleta dos dados consistirá na roda de conversa, e serão três, cada uma terá um roteiro flexivo com questões previamente elaboradas de acordo com cada objetivo. Neste estudo, as rodas de conversas serão gravadas em áudio e transcritas para que seja possível registrar os depoimentos de forma fidedigna.”

4.4. Avaliação do processo de obtenção do TCLE:

b) Parecer: Atende a legislação

“Processo de obtenção do TCLE

Será realizado uma visita a comunidade Quilombola Brejão em um dia reunião ou atividade do projeto Farinhando no qual explicarei sobre os objetivos e a metodologia da pesquisa, e o quanto

Endereço: Rua C-198 Quadra 500

Bairro: SETOR OESTE

UF: GO

Município: GOIANIA

CEP: 74.270-040

Telefone: (62)3612-2239

E-mail: cep@ifg.edu.br



INSTITUTO FEDERAL
Goiás

INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DE GOIÁS - IFG
SETOR OESTE



Continuação do Parecer: 5.814.244

será importante a participação deles para a construção desta pesquisa.

Posteriormente serão marcados encontros para as rodas de conversas com dias, locais, e horários definidos, então terá a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, caso os participantes sintam interesse em participar da pesquisa, de forma voluntária, assinarão duas vias TCLE, sendo a primeira de guarda e confidencialidade do pesquisador e a segunda ficará sob a responsabilidade do participante para quaisquer fins.”

4.5. Garantias Éticas aos Participantes da Pesquisa:

Retirar as informações do projeto

Relata-se: Inserir texto na íntegra, entre aspas

Emitir parecer a ou b:

b) Parecer: Atende a legislação

“A participação na pesquisa visa proporcionar segurança integral e imediata durante todo o período da pesquisa e execução do projeto aos indivíduos, pois, em nenhum momento ocorrerá a exigência da identificação pessoal que corresponda às características do participante. Tal pesquisa obedecerá aos preceitos éticos previstos nas Resoluções 466/2012 e 510/2016. Será submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, via Plataforma Brasil. Contará com a utilização do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, que é basicamente um documento que assegura aos participantes da pesquisa que seus direitos irão ser respeitados.

A cooperação de cada indivíduo é voluntária. As informações coletadas serão mantidas em sigilo, as suas respostas não serão divulgadas de forma individual a fim de que não possa ser identificado. Caso o estudo suscite algum desconforto, intimidação, angústia, insatisfação, irritação, entre outros; o participante pode recusar-se de responder o questionário, em qualquer momento da pesquisa, sem penalização alguma. Tudo foi planejado para minimizar os riscos de participação do respondente. Se houver interesse por parte do respondente em conversar com os pesquisadores sobre a não participação, poderá, a qualquer momento, entrar em contato.”

4.6. Critérios de Inclusão e Exclusão:

a) Parecer: Atende a legislação

“Critérios de inclusão e exclusão dos participantes da pesquisa

Serão incluídos indivíduos moradores da Comunidade Quilombola do Brejão de Campos Belos – Goiás e alunos do IF Goiano participantes do projeto Farinhandando, que concordarem com o termo de aceite da pesquisa.

Endereço: Rua C-198 Quadra 500

Bairro: SETOR OESTE

UF: GO

Município: GOIANIA

CEP: 74.270-040

Telefone: (62)3612-2239

E-mail: cep@ifg.edu.br



INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DE GOIÁS - IFG
SETOR OESTE



Continuação do Parecer: 5.814.244

Serão excluídos os membros da comunidade quilombola e os alunos do IF Goiano participantes do projeto Farinhando que não aceitarem participar da pesquisa.”

4.7. Critérios de Encerramento ou Suspensão da Pesquisa:

Retirar as informações do projeto

Relata-se: Inserir texto na íntegra, entre aspas

Depende do protocolo de pesquisa, a Norma Operacional assinala “quando couber”

Obs.: Emitir parecer apenas quando o tópico não for abordado no projeto

Não se aplica

4.8. Resultados do Estudo:

a) Parecer: Atende a legislação

“Os resultados da pesquisa constituirão uma dissertação de mestrado que será publicado no site da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro no qual qualquer participante ou cidadão poderá ter acesso. Além disso será deixada uma cópia na Associação da Comunidade Quilombola Brejão e outra no IF Goiano Campus Campos Belos para consulta.”

4.9. Divulgação dos Resultados:

b) Parecer: Atende a legislação

“Divulgação dos resultados

Além da publicização feita no site da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, a dissertação posteriormente será transformada em artigos para ser publicado em revistas científicas, dados os devidos créditos aos autores.

Também serão utilizadas algumas estratégias de divulgação dos resultados da pesquisa para os participantes sendo elas; envio da dissertação via e-mail e/ou WhatsApp dos participantes, disponibilização de uma cópia impressa na Associação da Comunidade Quilombola Brejão e outra no IF Goiano Campus Campos Belos para consulta dos participantes ou interessados.”

4.10. Cronograma

Endereço: Rua C-198 Quadra 500

Bairro: SETOR OESTE

CEP: 74.270-040

UF: GO

Município: GOIANIA

Telefone: (62)3612-2239

E-mail: cep@ifg.edu.br



INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DE GOIÁS - IFG
SETOR OESTE



Continuação do Parecer: 5.814.244

b) Parecer: Atende a legislação

Cronograma

Identificação da etapa Início Término

Submissão ao Comitê de Ética 21/10/2022 21/12/2022

Aplicação do instrumento de pesquisa 22/12/2022 31/01/2023

Análise e interpretação dos dados obtidos por meio da aplicação do instrumento de pesquisa 01/02/2023
30/06/2023

Redação da dissertação 01/08/2023 30/11/2023

Defesa da dissertação 01/12/2023 22/12/2023

Correção final da redação da dissertação 02/01/2024 31/01/2024

Submissão do relatório final para CEP 01/02/2024 28/02/2024

4.11. Orçamento

Deve possuir o detalhamento dos recursos, fontes e destinação, conforme Norma Operacional nº 001/2013-CNS:

Emitir parecer a ou b:

Orçamento

A pesquisa não conta com qualquer tipo de investimento de terceiros ou bolsas, sendo assim, os recursos descritos no quadro abaixo serão custeados pelos próprios pesquisadores.

Item	Quantidade	Valor unitário	Total
------	------------	----------------	-------

Impressão do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)	45 Termos	R\$1,50	R\$67,50
--	-----------	---------	----------

Gasolina para visita a Comunidade Quilombola	20 Litros	R\$5,50	R\$110,00
--	-----------	---------	-----------

Total		R\$177,50	
--------------	--	------------------	--

b) Parecer: Atende a legislação

4.12. Compatibilidade entre currículos dos pesquisadores e a pesquisa.

Emitir parecer a ou b:

b) Parecer: Atende a legislação

Endereço: Rua C-198 Quadra 500

Bairro: SETOR OESTE

UF: GO

Município: GOIANIA

CEP: 74.270-040

Telefone: (62)3612-2239

E-mail: cep@ifg.edu.br



INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DE GOIÁS - IFG
SETOR OESTE



Continuação do Parecer: 5.814.244

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

5. Considerações sobre os termos de apresentação obrigatória: (seguir lista abaixo, somente emitir parecer quando necessário):

5.1. Folha de rosto:

b) Parecer: Devidamente preenchido e assinada

5.2. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE):

- a) justificativa, objetivos e os procedimentos metodológicos;
- b) explicitação dos possíveis desconfortos e riscos decorrentes da participação e apresentação das providências para reduzir esses efeitos, além dos benefícios esperados;
- c) esclarecimento sob a forma de acompanhamento e assistência aos participantes da pesquisa;
- d) garantia de liberdade de recusa de participação e/ou retirada da pesquisa sem penalizações;
- e) garantia de sigilo e privacidade;
- f) garantia do recebimento do TCLE (em vias e não em cópias);
- g) explicitação da garantia do ressarcimento;
- h) garantia de indenização diante de danos eventuais;
- i) dados de contato do pesquisador e do CEP.

b) Parecer: Atende a legislação

5.3. - Termo de Compromisso:

b) Parecer: Atende a legislação

5.4. Termos de Anuência das Instituições Coparticipantes, quando houver:

Verificar se foi devidamente assinado por todos os responsáveis pelas instituições coparticipantes.

Emitir parecer a ou b:

b) Parecer: Atende a legislação

5.5. O projeto detalhado:

Verificar se foi devidamente preenchido e se as informações estão condizentes com o descrito no projeto básico.

Emitir parecer a ou b:

Endereço: Rua C-198 Quadra 500

Bairro: SETOR OESTE

UF: GO

Município: GOIANIA

CEP: 74.270-040

Telefone: (62)3612-2239

E-mail: cep@ifg.edu.br



INSTITUTO FEDERAL
Goiás

INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DE GOIÁS - IFG
SETOR OESTE



Continuação do Parecer: 5.814.244

b) Parecer: Devidamente preenchido

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Prezado Pesquisador, o CEP/IFG aprova seu projeto. Caso haja alguma modificação, solicitamos que seja inserida uma emenda para avaliação. Ao final da pesquisa, insira o relatório final na Plataforma".

Considerações Finais a critério do CEP:

Prezado pesquisador, o CEP/IFG APROVA o protocolo de pesquisa

Caso haja alguma modificação, conforme a Norma Operacional CNS nº 001/2013 é obrigação do pesquisador responsável submeter uma emenda para avaliação, via Plataforma Brasil.

É imprescindível que, ao final da pesquisa, seja submetido o relatório final via Plataforma. O envio de Relatórios Finais é obrigatório para todos os pesquisadores(as) que encerraram projetos que foram aprovados pelo CEP/IFG (Resolução 466/2012, XI.2.d e Resolução 510/16, Art. 28, V). Segundo Norma Operacional CNS nº 001/2013, o prazo para o envio do relatório final será de, no máximo, 60 dias após o término da pesquisa. Um modelo do relatório final está disponível no site do CEP IFG, para maiores informações acesse: <https://www.ifg.edu.br/comites/cep?showall=&start=6>.

Conforme preconizado pela Resolução CNS nº 466/2012 é preciso: "f) manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período de 5 anos após o término da pesquisa".

Em caso de submissão de novos projetos de pesquisa, os documentos deverão ser submetidos via Plataforma Brasil e alguns modelos estão disponíveis no site do CEP/IFG: <https://www.ifg.edu.br/comites/cep>

Atenciosamente,

Comitê de Ética em Pesquisa/CEP – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás/IFG

Endereço: Rua C-198 Quadra 500

Bairro: SETOR OESTE

UF: GO

Município: GOIANIA

Telefone: (62)3612-2239

CEP: 74.270-040

E-mail: cep@ifg.edu.br

Continuação do Parecer: 5.814.244

Site: <https://www.ifg.edu.br/comites/cep>

Horário de Funcionamento: de 08h às 12h

Telefone: (62) 3612-2239

E-mail: cep@ifg.edu.br**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2009615.pdf	28/11/2022 10:12:37		Aceito
Outros	TermodeCompromisso.pdf	28/11/2022 10:09:59	GLENO PEREIRA MARQUES	Aceito
Outros	Respostaaspendencias.docx	27/11/2022 17:20:12	GLENO PEREIRA MARQUES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TermodeConsentimentoLivreEsclarecido2versao.doc	27/11/2022 17:18:48	GLENO PEREIRA MARQUES	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoDetalhado2versao.docx	27/11/2022 17:15:55	GLENO PEREIRA MARQUES	Aceito
Outros	TermodeAnuencia.pdf	20/10/2022 13:27:38	GLENO PEREIRA MARQUES	Aceito
Outros	CurriculodoOrientador.pdf	19/10/2022 15:18:55	GLENO PEREIRA MARQUES	Aceito
Folha de Rosto	FolhadeRosto.pdf	18/10/2022 16:54:02	GLENO PEREIRA MARQUES	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Rua C-198 Quadra 500**Bairro:** SETOR OESTE**CEP:** 74.270-040**UF:** GO**Município:** GOIANIA**Telefone:** (62)3612-2239**E-mail:** cep@ifg.edu.br



INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DE GOIÁS - IFG
SETOR OESTE



Continuação do Parecer: 5.814.244

GOIANIA, 14 de Dezembro de 2022

Assinado por:
Simone Paixão Araújo
(Coordenador(a))

Endereço: Rua C-198 Quadra 500

Bairro: SETOR OESTE

UF: GO

Município: GOIANIA

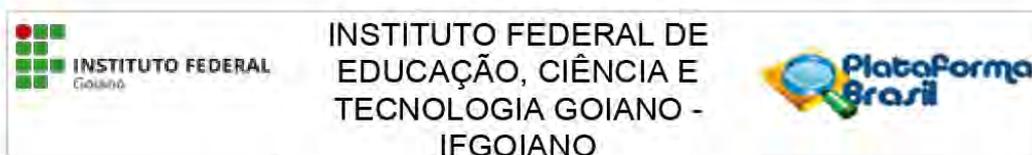
CEP: 74.270-040

Telefone: (62)3612-2239

E-mail: cep@ifg.edu.br

Página 14 de 14

Anexo B - Aprovação no comitê de ética e pesquisa do IF Goiano



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

Elaborado pela Instituição Coparticipante

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: COMUNIDADE QUILOMBOLA E PRÁTICA EXTENSIONISTA: UMA ANÁLISE DO PROJETO "FARINHANDO" DO IF GOIANO NA COMUNIDADE BREJÃO (CAMPOS BELOS-GO)

Pesquisador: GLENO PEREIRA MARQUES

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 64634822.1.3001.0036

Instituição Proponente: INSTITUTO FEDERAL DE EDUCACAO, CIENCIA E TECNOLOGIA GOIANO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.885.784

Apresentação do Projeto:

Relata-se: "O projeto de extensão Farinhando do IF Goiano é realizado na Comunidade Quilombola Brejão localizada no município de Campos Belos-GO, em parceria com a Secretaria Nacional de Promoção à Igualdade Racial (SNPIR), vinculada ao Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos (MMFDH), e tem como objetivo fortalecer os arranjos produtivos locais promovendo o desenvolvimento econômico e social da região proporcionando o aumento da renda das famílias participantes, e também propiciar o desenvolvimento de projetos de ensino e pesquisa para discentes dos cursos do campus. Sendo assim, esta pesquisa pretende analisar o projeto Farinhando enquanto prática extensionista e pedagógica do IF Goiano Campus Campos Belos, além de conhecer a comunidade Quilombola Brejão buscando compreender qual a contribuição em potencial do projeto Farinhando na vida da Comunidade, e também demonstrar a importância da participação de alunos no projeto para sua formação profissional. A pesquisa utilizará a abordagem qualitativa, o procedimento técnico utilizado será o estudo de caso, e os instrumentos de pesquisa serão aplicação de questionário e entrevista. Espera-se nessa pesquisa levantar informações com o objetivo de contribuir para o êxito do Projeto Farinhando e outros projetos similares a serem desenvolvidos pelo IF."

Endereço: Rua 88, n°280, Prédio SIASS, andar térreo
Bairro: Setor Sul **CEP:** 74.085-010
UF: GO **Município:** GOIANIA
Telefone: (62)99226-3661 **Fax:** (62)3605-3661 **E-mail:** cep@ifgoiano.edu.br



INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA GOIANO -
IFGOIANO



Continuação do Parecer: 5.885.784

Objetivo da Pesquisa:

Relata-se: "Objetivo Geral

Analisar o projeto Farinhando enquanto prática extensionista e pedagógica do IF Goiano Campus Campos Belos.

Objetivos Específicos

Conhecer a comunidade Quilombola Brejão;

Compreender qual a contribuição em potencial do projeto Farinhando na vida da Comunidade Quilombola Brejão;

Demonstrar a importância da participação de alunos no projeto para sua formação profissional."

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Não houve alteração mediante parecer anterior.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

1 - Tema e Objeto da Pesquisa

Não houve alteração mediante parecer anterior.

2 - Relevância Social

Não houve alteração mediante parecer anterior.

3- Metodologia, incluindo local, população e amostra, métodos de coleta

Local e métodos de coleta: Não houve alteração mediante parecer anterior.

Relata-se: "População a ser estudada

Moradores da Comunidade Quilombola Brejão de Campos Belos-Goiás com idade igual ou superior a 18 anos, e alunos do IF Goiano participantes do projeto Farinhando com idade igual ou superior a 18 anos, que concordarem com o termo de aceite da pesquisa."

Parecer: Atende a legislação.

4- Avaliação do processo de obtenção do TCLE

Não houve alteração mediante parecer anterior.

Endereço: Rua 88, n°280, Prédio SIASS, andar térreo

Bairro: Setor Sul

CEP: 74.085-010

UF: GO

Município: GOIANIA

Telefone: (62)99226-3661

Fax: (62)3605-3661

E-mail: cep@ifgoiano.edu.br



**INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA GOIANO -
IFGOIANO**



Continuação do Parecer: 5.885.784

5- Garantias Éticas aos Participantes da Pesquisa

Não houve alteração mediante parecer anterior.

6- Critérios de Inclusão e Exclusão

Relata-se: "Serão incluídos indivíduos moradores da Comunidade Quilombola do Brejão de Campos Belos-Goias com idade igual ou superior a 18 anos, e alunos do IF Goiano participantes do projeto Farinhando com idade igual ou superior a 18 anos, que concordarem com o termo de aceite da pesquisa.

Serão excluídos os membros da comunidade quilombola e os alunos do IF Goiano participantes do projeto Farinhando menores de 18 anos de idade ou que não aceitarem participar da pesquisa."

Parecer: Atende a legislação.

7- Critérios de Encerramento ou Suspensão da Pesquisa

Não houve alteração mediante parecer anterior.

8- Resultados do Estudo

Não houve alteração mediante parecer anterior.

9- Divulgação dos Resultados

Não houve alteração mediante parecer anterior.

10- Cronograma

Não houve alteração mediante parecer anterior.

11- Orçamento

Não houve alteração mediante parecer anterior.

12- Compatibilidade entre currículos dos pesquisadores e a pesquisa

Não houve alteração mediante parecer anterior.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

1- Folha de rosto

Endereço: Rua 88, n°280, Prédio SIASS, andar térreo

Bairro: Setor Sul

CEP: 74.085-010

UF: GO

Município: GOIANIA

Telefone: (62)99226-3661

Fax: (62)3605-3661

E-mail: cep@ifgoiano.edu.br



INSTITUTO FEDERAL
GOIANO

INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA GOIANO -
IFGOIANO



Continuação do Parecer: 5.885.784

"Não houve alteração mediante parecer anterior."

2- TCLE

"Não houve alteração mediante parecer anterior."

3- Termo de Compromisso

"Não houve alteração mediante parecer anterior."

4- Termos de Anuência das Instituições Coparticipantes

"Não houve alteração mediante parecer anterior."

5- O projeto detalhado

Parecer: Atende a legislação.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Prezado(a) Pesquisador(a),

O CEP IF Goiano aprova seu protocolo de pesquisa. Caso haja alguma modificação, solicitamos que seja inserida uma emenda para avaliação. Ao final da pesquisa, insira uma notificação na plataforma, anexando o relatório final. O prazo para envio de relatório final será de no máximo 60 dias após o término da pesquisa.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2066553.pdf	03/02/2023 19:12:45		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoDetalhado4versao.docx	03/02/2023 19:04:10	GLENO PEREIRA MARQUES	Aceito
Outros	RespostaaspendenciasIFGoiano.docx	03/02/2023 19:03:42	GLENO PEREIRA MARQUES	Aceito
Outros	CurriculoPesquisador.pdf	19/01/2023 19:48:26	GLENO PEREIRA MARQUES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TermodeConsentimentoLivreEsclarecido3versao.doc	10/01/2023 16:18:49	GLENO PEREIRA MARQUES	Aceito

Endereço: Rua 88, nº280, Prédio SIASS, andar térreo

Bairro: Setor Sul

CEP: 74.085-010

UF: GO

Município: GOIANIA

Telefone: (62)99226-3661

Fax: (62)3605-3661

E-mail: cep@ifgoiano.edu.br



INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA GOIANO -
IFGOIANO



Continuação do Parecer: 5.885.784

Outros	TermodeCompromisso.pdf	28/11/2022 10:09:59	GLENO PEREIRA MARQUES	Aceito
Outros	Respostaaspendencias.docx	27/11/2022 17:20:12	GLENO PEREIRA MARQUES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TermodeConsentimentoLivreEsclarecido2versao.doc	27/11/2022 17:18:48	GLENO PEREIRA MARQUES	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoDetalhado2versao.docx	27/11/2022 17:15:55	GLENO PEREIRA MARQUES	Aceito
Outros	TermodeAnuencia.pdf	20/10/2022 13:27:38	GLENO PEREIRA MARQUES	Aceito
Outros	CurriculodoOrientador.pdf	19/10/2022 15:18:55	GLENO PEREIRA MARQUES	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

GOIANIA, 09 de Fevereiro de 2023

Assinado por:
Adriane da Silveira Gomes
(Coordenador(a))

Endereço: Rua 88, n°280, Prédio SIASS, andar térreo
Bairro: Setor Sul **CEP:** 74.085-010
UF: GO **Município:** GOIANIA
Telefone: (62)99226-3661 **Fax:** (62)3605-3661 **E-mail:** cep@ifgoiano.edu.br